

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA
PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGÜÍSTICA GERAL

CARLOS EDUARDO DE OLIVEIRA

Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina: estudo de caso

São Paulo
2008

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA
PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGÜÍSTICA GERAL

Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina: estudo de caso

Carlos Eduardo de Oliveira

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Lingüística Geral do Departamento de Lingüística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

São Paulo
2008

FOLHA DE APROVAÇÃO

Carlos Eduardo de Oliveira

Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina: estudo de caso

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof.(a) Dr(a) Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Instituição: FFLCH/USP Assinatura

Prof.(a) Dr(a)

Instituição Assinatura

Prof.(a) Dr(a)

Instituição Assinatura

Prof.(a) Dr(a)

Instituição Assinatura

Prof.(a) Dr(a)

Instituição Assinatura

Prof. Dr(a)

Instituição Assinatura

DEDICATÓRIA

A realização desta pesquisa de mestrado é dedicada à memória dos familiares amados que não alcançaram comigo este tempo.

Fulgêncio Ribeiro de Oliveira,

Esperidião Ribeiro de Oliveira,

Benedito Ribeiro de Oliveira,

Sonia Carnáuba de Oliveira,

Margarida Ribeiro de Oliveira,

Bruno Leonardo de Almeida,

Maria Raimunda Ribeiro de Oliveira,

Adriano Ribeiro de Oliveira,

Sebastiana Alves Silva,

Anizio Cardoso dos Santos,

Sérgio Luiz de Oliveira.

Especialmente, à minha mãe, *Dona Margarida*, que varria as salas de aula da escola estadual onde eu estudava.

AGRADECIMENTOS

À professora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, pelo apoio, prontidão e generosidade durante os anos de orientação desta pesquisa.

Aos professores da banca examinadora, Liana Maria Salvia Trindade e Waldemar Ferreira Netto, pelas sugestões pontuais, pertinentes à adequada conclusão do trabalho.

A Paulo Roberto de Oliveira, Dalva Maria da Conceição Pereira de Oliveira, Alícia Carnaúba de Oliveira e Taciana Carnaúba de Oliveira, minha família paulistana, pela assistência espiritual, emocional e material.

A João Batista Silva Ribeiro, Cosme Silva Ribeiro, Brígida Silva Ribeiro e Teodoro Ribeiro, minha família lençoense, pelo eterno acolhimento e por compartilharem comigo Lençóis e a Chapada Diamantina.

A Fabiana de Lima Oliveira, por muitas coisas, sobretudo, pelo amor.

A Alexandre Agnolon, Iara Lúcia Marcondes, Alan Nicoliche, Suzana Vasconcelos, Roberto Ferreira Junior, Gabriela Terumi Hayashida Mori, Antonio Marcos Afonso, Liliane Ferreira Gonçalves, Maiara Gouveia e Cristiana Tiradentes Boaventura, pela convivência, pela venturosa amizade, e pela ajuda, em inúmeras circunstâncias, durante estes anos de USP.

Aos colegas de Toponímia, Alessandra Martins Antunes, Edelsvitha Partel Murillo, Gisela Felix e João Paulo Jeannine Andrade Carneiro, pelo companheirismo e auxílio nos caminhos da pós-graduação.

A Jefferson Luiz Pereira, Kristina Kanasawa e José Wildzeiss Neto, pela amizade, suporte e incentivo desmedidos.

RESUMO

O signo toponímico, cuja característica principal é a identificação de um determinado espaço, estabelecendo uma significação, em certos contextos, pode destacar traços do espaço referido, evidenciando uma iconicidade toponímica (DICK, 1990). Este estudo de caso examina, sob estes aspectos, topônimos da Chapada Diamantina, Bahia, por meio da aplicação dos modelos teóricos e metodológicos propostos por Dick no projeto Atlas Toponímico do Brasil (ATB). Considerando o contexto regional, foram selecionados 108 topônimos que designam sítios turísticos na área conhecida como Circuito do Diamante, onde estão situadas as principais cidades que, no final do século XIX, emergiram com a mineração e que, hoje, figuram como as cidades históricas de destaque no circuito turístico local: Andaraí, Lençóis, Mucugê e Palmeiras. Considerando o topônimo um traço cultural, a descrição dos ambientes físico e social é observada, com apresentação dos caracteres geográficos e dos ciclos históricos que se sucederam desde as fundações destes núcleos populacionais. A catalogação dos topônimos, em fichas lexicográfico-toponímicas (DICK, 2004), dispõe o tratamento lingüístico do *corpus* e acrescenta informações extralingüísticas que concorrem à compreensão dos mecanismos motivadores das nomeações. Os signos toponímicos são analisados em suas categorias semânticas e em suas propriedades icônicas.

Palavras-chave: Toponímia, Motivação Toponímica, Iconicidade Toponímica, Bahia, Chapada Diamantina.

ABSTRACT

The toponymic sign, which main characteristic is the identification of a certain location that establishes meaning, in some contexts, may emphasize some referred location features, bringing to light a kind of toponymic iconicity (DICK, 1990). The present case study explores, on these aspects, toponyms from Chapada Diamantina, Bahia, on the theoretical and methodological models presented by Dick in Atlas Toponímico do Brasil (ATB). By taking the regional context into consideration, 108 toponyms designating tour sites have been chosen from the Diamond Circuit area, where the main late 19th Century cities of Andaraí, Lençóis, Mucugê, and Palmeiras, that emerged due to mining and nowadays are important historic cities in the regional touristic circuit, are located. Having toponym as a cultural trace, physical and social environments description is performed, presenting geographic and historical cycles information, since these people settlement. The toponyms cataloging using lexigraphic-toponymic forms (DICK, 2004) defines the linguistic treatment of the corpus and adds extra-linguistic data, which help the understanding of naming motivation mechanisms. Toponymic signs are analyzed by their semantic categories and iconic properties.

Keywords: Toponymy, Toponymic Motivation, Toponymic Iconicity, Bahia, Chapada Diamantina.

Sendo, isto. Ao dôido, doideiras digo. Mas o senhor é homem sobrevivendo, sensato, fiel como papel, o senhor me ouve, pensa e repensa, e rediz, então me ajuda. Assim, é como conto. Antes conto as coisas que formaram passado para mim com mais pertença. Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas – e só essas poucas veredas, veredazinhas. O que muito lhe agradeço é a sua fineza de atenção.

João Guimarães Rosa, *Grande Sertão Veredas*, p.100.

Sumário

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I	10
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
Ambiente, cultura e linguagem	10
A significação e o signo lingüístico	14
Funções da linguagem	22
Aspectos de figurativização	24
Onomástica e Toponímia	26
METODOLOGIA	33
O Atlas Toponímico: trajetória	33
Metodologia aplicada: o estudo de caso	34
Levantamento do <i>corpus</i> : os dados do Prodetur/Bahia	37
Taxionomias toponímicas	43
Ficha lexicográfico-toponímica (modelo)	49
CAPÍTULO II	51
CARACTERES GEOGRÁFICOS	51
Os altiplanos: as chapadas	51
A Chapada Diamantina	52
Os biomas	53
Hidrografia	57
CONTEXTOS HISTÓRICOS	61
O ciclo do diamante	61
Século XX: coronelismo e declínio	63
O advento do turismo	66
Os Parques Nacionais	67
O LUGAR E O NÃO-LUGAR	69
CAPÍTULO III	71
FICHAS LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICAS	71
QUADRO COMPLEMENTAR	180
ANÁLISE DAS TAXIONOMIAS	181
O TOPÔNIMO COMO ÍCONE	186
CONSIDERAÇÕES FINAIS	193
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	196
ANEXO - MATERIAL FOTOGRÁFICO	199

INTRODUÇÃO

O vínculo entre os lugares e os nomes designados pelo homem a estas realidades geográficas estimulam uma rede de associações significativas, isto é, inseridas em processos de comunicação. O gesto de nomear recorta o ambiente, investindo-o de sentido, e projeta, sobre o espaço físico, medidas da percepção humana, visões de determinadas culturas acerca de fatos naturais.

A linguagem, essencialmente metafórica, na tentativa de recriar, simbolicamente, a experiência de apreensão do mundo, deposita traços culturais em suas construções. Assim, inserido em um contexto regional, o nome de um lugar reflete feições naturais ou antropoculturais do ambiente. A identificação de um determinado espaço, por meio de uma forma lingüística que estabeleça significação, é, deste modo, o principal atributo deste nome, o signo toponímico. (DICK, 1990)

O estudo da Toponímia, como aplicação da Lingüística Geral, visa examinar os processos de significação operados pelos signos toponímicos, mediante a interpretação lingüística de seus elementos, de forma a evidenciar as motivações atuantes nas nomeações, segundo campos conceituais. Ao viabilizar a referência ao objeto designado, estes signos específicos, os topônimos, de acordo com a escolha de seus elementos formadores, podem também recuperar características do objeto, descrevendo o acidente, e evidenciando, assim, aspectos de uma iconicidade toponímica. (DICK, 1990)

Nesta perspectiva, esta pesquisa toma, como estudo de caso, topônimos da região da Chapada Diamantina, localizada no interior do estado da Bahia.

Principal centro de mineração de diamantes do século XIX, a região é, hoje, uma área de importante valor ambiental, histórico e cultural, com sítios urbanos tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), e sítios naturais protegidos pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA).

Em nosso recorte, selecionamos topônimos que designam sítios turísticos, circunscrevendo o *corpus* à área geográfica denominada pelo Programa de Desenvolvimento Turístico da Bahia (PRODETUR/BA)¹ de Circuito do Diamante, cujas principais cidades são Andaraí, Lençóis, Mucugê e Palmeiras. O *corpus* privilegia topônimos que designam acidentes físicos presentes nos arredores das cidades deste circuito, como cachoeiras, rios, grutas e afins, com o propósito de verificar, por meio do exame lingüístico do signo toponímico, o grau de aproximação de tais formas ao conceito de ícone, e, em que medida, tal recurso pode tornar mais precisa e eficaz a relação entre o nome e o lugar.

A pesquisa é organizada em três capítulos, de forma a sistematizar o conteúdo e orientar a progressão das reflexões. No Capítulo I, são apresentadas a fundamentação teórica e a metodologia, nas quais a pesquisa está embasada. No Capítulo II, são apresentados o panorama local, por meio dos caracteres geográficos e dos contextos históricos, e os expedientes simbólicos sugeridos na relação do homem com o espaço geográfico. No Capítulo III, são dispostas as fichas lexicográfico-toponímicas, e conduzidas as análises. Uma pequena compilação de fotografias compõe o material anexo.

Esta pesquisa vincula-se ao projeto certificado pelo Diretório de Pesquisas do CNPq **Atlas Toponímico do Brasil** (ATB), resultando como contribuição ao mapeamento toponímico brasileiro, a partir do estudo da nomenclatura e dos campos semânticos associados à área geográfica em questão.

¹ Projeto regional que integra o programa oficial desenvolvido pelos Governos dos Estados do Nordeste, com o apoio do Governo Federal. Disponível em: <<http://www.setur.ba.gov.br/prodetur.asp>>.

CAPÍTULO I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ambiente, cultura e linguagem

“Macondo era então uma aldeia de vinte casas de barro e taquara, construídas à margem de um rio de águas diáfanas que se precipitavam por um leito de pedras polidas, brancas e enormes como ovos pré-históricos. O mundo era tão recente que muitas coisas careciam de nome e para mencioná-las se precisava apontar com o dedo.”

Gabriel García Márquez²

O mundo apresenta-se ao homem por meio da linguagem. Seu conhecimento é, em larga medida, um aprendizado do mundo sob a cosmovisão da comunidade dentro da qual cada ser se constitui como indivíduo. A cultura firma-se, assim, como um saber cognitivo, no qual o exercício humano de apreensão do universo cultural dá-se justamente mediante a apreensão intelectual de seus objetos. Não obstante, o ser humano estabelece sua leitura do real buscando significações e, simultaneamente, propondo significações àquilo que chega aos seus sentidos. Nessa medida, a realidade é, então, um produto tanto da percepção do real quanto da sua interpretação. Nomeando aquilo que o cerca, o homem, ao mesmo tempo em que interpreta, cria.

A linguagem é agente da construção da realidade, já que, sob o ponto de vista dos processos de significação, o mundo não é originalmente estruturado em categorias universais, a partir das quais possam ser estabelecidas chaves de interpretação exatamente idênticas para os mais diversos agrupamentos humanos. Estes, nas diferentes épocas, classificaram a realidade cada qual à sua maneira, isto é, segundo as convenções de seus contextos culturais. Aparatos tecnológicos, organizações sociais, expressões simbólicas – enfim, todo o montante

² MÁRQUEZ, G.G. *Cem anos de solidão*. 29ª ed., Rio de Janeiro: Record, 1981, p. 7.

cultural – estruturam e estabelecem uma identidade grupal e, ao mesmo tempo, um caráter distintivo.

É nessa perspectiva que Edward Sapir, em seu ensaio *Língua e ambiente*,³ considera o léxico de uma língua como o verdadeiro inventário do imaginário de uma comunidade. O autor destaca o termo *ambiente* ao expor que mesmo influências oriundas do ambiente físico, são tratadas sob uma mediação social, concorrendo em um jogo de mecanismos culturais. Assim, há um contexto maior que envolve o ambiente físico e que determina o posicionamento de um indivíduo ou de uma comunidade diante desse ambiente. O autor alerta que, tratando o tema na especificidade exigida pela linguagem, ambiente deve ser entendido, então, como o conjunto dos fatores físicos (topografia, clima, fauna, flora e recursos minerais) e dos fatores sociais (religião, padrões éticos, política, arte etc.):⁴

De maneira geral, é melhor o termo ambiente apenas quando se faz referências a influências principalmente de natureza física, que escapam à vontade do homem. Não obstante, tratando-se da língua, que se pode considerar um complexo de símbolos refletindo todo quadro físico e social em que se acha situado um grupo humano, convém compreender no termo ambiente tanto os fatores físicos como os sociais. (SAPIR, 1969, p.43)

Tal consideração reforça a noção de que se pode ter do grau de imbricação entre o homem e ambiente que o cerca, e da indissociabilidade entre ser *em si* e ser *no grupo* (em função do grupo). A cultura apresenta-se como herança, projeta-se como legado, viabilizada pela linguagem, em seus variados aspectos, depositando seus traços significativos nas formas lexicais. No permanente mecanismo desse ciclo, camadas sobrepõem-se, acumulando, na sucessão dos tempos, vasto repositório do discurso coletivo.

O léxico da língua é que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes. O léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de todas as idéias, interesses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade; e, por isso, se houvesse à nossa disposição um tesouro assim cabal da língua de uma dada

³ *Língua e Ambiente* surge a partir de uma conferência proferida por Edward Sapir, em 1911, na Associação Antropológica Americana. Sua tese central argumenta que haveria um movimento de afastamento das formas lingüísticas com relação às formas culturais e também que a influência do ambiente não se daria em todos os aspectos da língua. Segundo o autor, haveria, no momento de produção da conferência em questão, a tendência de se estabelecer um vínculo direto, uma relação de causa e efeito, entre elementos culturais e ambiente. Sapir examina, então, se essa possível influência ambiental pode fundamentar processos lingüísticos e culturais.

⁴ SAPIR, Edward. *Lingüística como ciência: ensaios*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

tribo, poderíamos daí inferir, em grande parte, o caráter do ambiente físico e as características culturais de um povo considerado.. (SAPIR, 1969, p.44)

Como ilustração, pode-se imaginar, desta maneira, que o léxico de uma população pesqueira iria privilegiar o detalhamento das espécies marinhas, ainda que em sua região existisse grande variedade de, por exemplo, ervas medicinais. Tal comunidade, devido a seu interesse social na atividade pesqueira, exerceria esse direcionamento seguindo suas necessidades primárias de sobrevivência. Na mesma orientação, é possível conceber que um repertório de palavras poderia surgir a fim de precisar ainda mais o grau de interesse sobre um determinado traço ambiental de forma que, por exemplo, a simples ocorrência de uma palavra como “banana-maçã” apontaria para uma distinção entre “banana-maçã” e “banana” simplesmente; e que essa distinção seria, de algum modo, relevante. Neste exemplo, os sentidos, tanto da forma genérica quanto da forma composta, estão preservados. No entanto, transformações lingüísticas ao longo do tempo podem comprometer a elucidação semântica das palavras. Sapir aborda alguns *nomes de lugar* para tratar da questão da transparência e da opacidade de sentido:

Só um estudioso de história lingüística é capaz de analisar nomes como Essex, Norfolk e Sutton, decompondo-os em “East Saxon”, “North Folk” e “South Town”, enquanto para a consciência lingüística do leigo esses nomes são etimologicamente unidades, exatamente como “butter” e “cheese”. (SAPIR, 1969, p.45)

Nos exemplos acima, percebe-se que houve um processo de transformação, ou de acomodação fonética, que tornou opaca a informação semântica dos nomes. Aqueles mais transparentes estariam relacionados a ocupações territoriais mais recentes, enquanto que lugares mais antigos tenderiam a uma gradual perda de transparência semântica em virtude de suas mudanças fonéticas. As línguas estão em constante evolução, e suas camadas mais profundas e inconscientes, tais como a sintaxe ou a morfologia, tendem a perpetuar seus modelos, enquanto que as camadas mais superficiais e conscientes tendem a sofrer as maiores transformações. O autor considera a hipótese de que, mediante a reconstrução de um estágio anterior de língua, seria possível, em uma investigação diacrônica, atingir uma noção de tais contextos em épocas remotas de uma dada comunidade lingüística.

Em *A posição da lingüística como ciência*, Sapir designou a linguagem como o “guia da simbolização da cultura” e já ressaltava, então, um contato necessário entre a lingüística e outras ciências, para uma apuração mais proveitosa dos fenômenos culturais, dirigida a uma estruturação segundo leis gerais:

A linguagem é um guia para a “realidade social”. Embora em regra não se considere de essencial interesse para os estudiosos de ciência social, é ela que poderosamente condiciona todas as nossas elucubrações sobre os problemas e os processos sociais. Os seres humanos não vivem apenas no mundo objetivo, nem apenas no mundo da atividade social como ela é geralmente entendida, mas também se acham em muito grande parte à mercê da língua particular que se tornou o meio de expressão da sua sociedade. É uma completa ilusão imaginar que alguém se ajuste à realidade sem o auxílio essencial da língua e que a língua seja, meramente, um meio ocasional de resolver problemas específicos de comunicação ou raciocínio. O fato inconcusso é que o “mundo real” se constrói inconscientemente, em grande parte, na base dos hábitos lingüísticos do grupo. (SAPIR, 1969, p.20)

O entendimento do fenômeno lingüístico como um fenômeno cultural, inserido, portanto, em uma fenomenologia social, bem como a aproximação entre a realidade lingüística e contextos antropológicos justificam a pertinência de uma descrição dos mecanismos que asseguram tais relações a partir de elementos lingüísticos de modo que a linguagem, uma vez que espelha a experiência humana do viver, dispõe seus dados acerca do conhecimento universal ao estudo científico.

A significação e o signo lingüístico

A significação é o processo psicológico que resulta em um sentido, isto é, na obtenção da imagem mental de algo. O elemento que ativa o estímulo de associação a essa imagem mental é chamado de signo. A língua é, por assim dizer, um sistema de signos aplicado a um meio de comunicação – que é a linguagem – e tem por finalidade transmitir uma idéia. Considera-se, assim, que a percepção da realidade dá-se por meio de signos, e que a linguagem opera como mediadora da experiência humana. Contudo, algo se torna signo de alguma outra coisa somente no momento em que comunica uma idéia (quando vem a ser passível de interpretação), de modo que não possui um sentido em si mesmo, mas é investido de sentido.

Citando Guiraud, o estudo desse mecanismo de transmissão de sentido é um “processo complexo e que compreende as coisas, a compreensão das coisas, a formação dos sons, sua disposição em certa ordem, a audição, a formação da imagem no espírito do ouvinte; outros tantos problemas que se referem à epistemologia, à lógica, à psicologia, à fisiologia, à acústica... e à lingüística.”⁵

A importância da linguagem e dos mecanismos da significação é de tal magnitude que uma breve observação da vida social já é suficientemente capaz de indicar que todo o tesouro cultural da humanidade está assentado sobre o edifício lingüístico, em seu sentido mais abrangente de sistema geral de significação.

Na modernidade, as duas propostas de uma teoria geral dos signos mais representativas são as apresentadas pelo lingüista suíço Ferdinand de Saussure⁶ e pelo filósofo e matemático americano Charles Sanders Peirce,⁷ que, quase à mesma época, porém, em continentes distintos, desenvolveram independentemente seus trabalhos. Embora com enfoques e até mesmo propósitos diferenciados, ambos os autores compartilhavam a consideração de que a vida é permeada de signos.

⁵ GUIRAUD, P. *A semântica*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972, p. 11.

⁶ PEIRCE, C.S. *Semiótica e filosofia*. São Paulo: Cultrix, 1972.

⁷ PEIRCE, C.S. *Semiótica e filosofia*. São Paulo: Cultrix, 1972.

Peirce engendrou sua proposta de teoria geral dos signos inserindo-a no campo da lógica, mediante a descrição e a análise dos fenômenos percebidos pelo homem. Além de incursões por outras ciências – como a matemática e a astronomia –, o autor produziu uma vasta obra de natureza filosófica, dentro da qual se inserem seus estudos semióticos.

A lógica, em sentido geral, é, como entendo haver demonstrado, apenas outra denominação da semiótica, a quase necessária ou formal doutrina dos signos. (PEIRCE, 1972, p. 93).⁸

“Com exceção do conhecimento, no presente instante, dos conteúdos da consciência, nesse instante (conhecimento cuja existência é suscetível de dúvida), todo nosso pensamento e conhecimento se dá por meio de signos.” (*Id., Ib.*, p 143).⁹

Já Saussure é considerado o fundador da lingüística moderna, principalmente por formular um modelo basal, sistêmico e estruturalista dos processos de significação. Resultado de três cursos ministrados pelo autor entre 1907 e 1911, o *Curso de lingüística geral* foi publicado, postumamente, a partir das anotações de alguns dos participantes. Essa obra expõe a visão de Saussure sobre uma ciência dos signos ainda por ser desenvolvida, da qual a Lingüística seria senão uma parte.¹⁰

A língua é um sistema de signos exprimindo idéias, e por tal comparável à escrita, ao alfabeto dos surdos mudos, aos ritos simbólicos, às formulas de cortesia, aos sinais militares, etc. Só que a língua é o mais importante desses sistemas. Pode pois conceber-se uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social; dar-lhe-emos o nome de semiologia (do grego *semeiôn*, “signo”). Será ela a mostrar-nos no que consistem os signos, as leis que os regem. E dado que ainda não existe, não se pode dizer o que virá a ser; mas tem direito à existência, o seu lugar está já determinado. A lingüística não é mais do que uma parte dessa ciência geral – as leis que revelará a semiologia serão aplicáveis à lingüística, e esta ficará assim ligada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos. (SAUSSURE, 1972, p.24)

⁸ PEIRCE, C.S. *Semiótica e filosofia*. São Paulo: Cultrix, 1972.

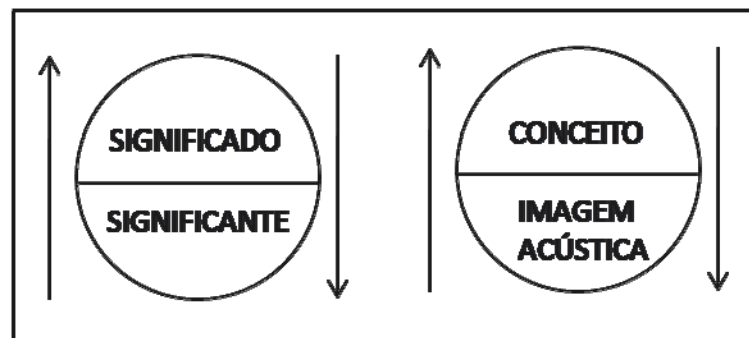
⁹ *Idem, ibidem.*

¹⁰ SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1972.

Em um primeiro momento, o termo semiologia foi associado aos estudos dos signos influenciados pelo modelo de Saussure, enquanto que o termo semiótica foi originalmente relacionado a autores anglo-saxões, ou sob sua influência. Em meados do século XX, também autores de orientação estruturalista, como Jakobson ou Greimas, passaram a utilizar o termo semiótica para a designação de exame do signo. No entanto, em certos contextos, o termo semiologia pode designar, em especial, os signos humanos e propriamente “lingüísticos”, enquanto que semiótica tende a abarcar a investigação mais geral dos signos, lingüísticos ou não-lingüísticos.

O modelo de Saussure

O signo lingüístico proposto por Saussure é apresentado sob uma estrutura dicotômica cujos termos são significado e significante, correspondendo o significado ao conceito representado e o significante à imagem acústica empregada para expressar o conceito. O quadro seguinte ilustra o modelo saussuriano: o círculo representa o signo, dividido em seus termos, e as setas indicam o sentido de recepção ou de produção, em uma situação de fala.



Um traço importante a ressaltar na natureza do significado é que não se trata de um objeto de mundo ou de uma coisa enquanto tal, mas, antes, de uma representação psíquica de algo. Muito embora mesmo essa representação psíquica não repouse ainda sobre uma forma “dizível” ou passível de interpretação (atributo do significante). Assim, uma definição do significado parece mais eficaz quando disposta junto à definição do significante.

O significante, em sua substância, é um mediador de natureza física ou material (imagens, sons etc.). A impressão sensorial destes elementos evoca o conteúdo que eles representam. Essa relação de interdependência faz do duo significado/significante “verso e anverso” de um mesmo fenômeno. A representação da relação entre esses dois componentes indica, na proposta de Saussure, que o significado é alcançado por meio do significante. O processo que conecta significado e significante, gerando o signo, pode ser entendido como sendo a significação.

O signo, em sua totalidade, corresponde à associação de um significante com um significado. No entanto, um mesmo significado pode se relacionar a diferentes significantes e um mesmo significante pode se relacionar a vários significados, como o demonstram, nos dicionários de língua, as diferentes acepções de uma mesma entrada lexical. Cabe observar que, de maneira análoga à exposição acerca do significado, o significante não é tão-somente a substância sensorial que serve de portadora física do signo lingüístico, mas principalmente, como Saussure designou, sua imagem acústica, implicando, assim, uma idéia mental, uma noção que se tem de algo físico. O signo lingüístico, sob esse aspecto, não conecta um evento físico (som, imagem ou afim) diretamente a uma coisa: a conexão estabelecida é entre uma imagem acústica e um conceito.

Uma vez que estão relacionados a conceitos mentais, a noções que se tem de algo e não diretamente a algo existente no mundo, Saussure mantém tanto o significante quanto o significado em um plano psicológico, excluindo, portanto, a referência aos objetos do mundo. Em seu modelo teórico, Saussure explora outras dicotomias fundamentais, além da já abordada significante x significado.

Segue breve comentário sobre dicotomias essenciais no projeto do autor:

- **Língua e fala.**

A língua configura-se como um sistema de oposições e de valores. Este sistema, ou código, é de natureza social e se estabelece em oposição à fala, que é a atualização individual do sistema da língua em um discurso.

- **Sincronia e diacronia.**

Para dar conta de uma análise do funcionamento do sistema, Saussure propõe os recortes sincrônicos e diacrônicos. O estudo sincrônico investiga o sistema em um dado

contexto temporal. Já o estudo diacrônico busca abarcar a evolução ou o desenvolvimento histórico de um sistema lingüístico.

- **Sintagma e paradigma.**

A condição de linearidade, característica, sobretudo, das situações de fala, na qual cada elemento (no caso, palavra) é disposto um a um, determina uma combinação seqüencial designada sintagma, e cada um de seus termos relacionam-se entre si em uma relação de oposição. Contudo, cada posição do sintagma poderia eventualmente ser preenchida por outros elementos agrupados, virtualmente, em uma lista de possibilidades designada por paradigma. O quadro abaixo representa a dicotomia sintagma x paradigma:

	Eixo paradigmático 1	Eixo paradigmático 2
Eixo sintagmático 1	Rio	Preto
Eixo sintagmático 2	Poço	Verde

Arbitrariedade e motivação

A teoria de Saussure,¹¹ base da ciência lingüística moderna, estabelece o caráter imotivado ou arbitrário do signo lingüístico, não havendo, segundo seus postulados, uma relação causal entre a imagem acústica e a representação psíquica de um dado objeto.

O laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo lingüístico é arbitrário. (SAUSSURE, 1972, p. 37)

Saussure descreve essa relação arbitrária entre significante e significado considerando que, na linguagem humana, a natureza do encadeamento sonoro que constitui um nome não é determinada pela coisa que esse nome representa. No entanto, o estudo de vocábulos inseridos em certas especificidades revela que há gradações entre signos arbitrários, ou imotivados, e signos motivados. Caso exemplar é o das onomatopéias que, mesmo variando culturalmente, exibem claramente o vínculo entre significante e significado. Outras formas da língua podem exibir maior ou menor grau de motivação, como os nomes de plantas que indicam o fruto:

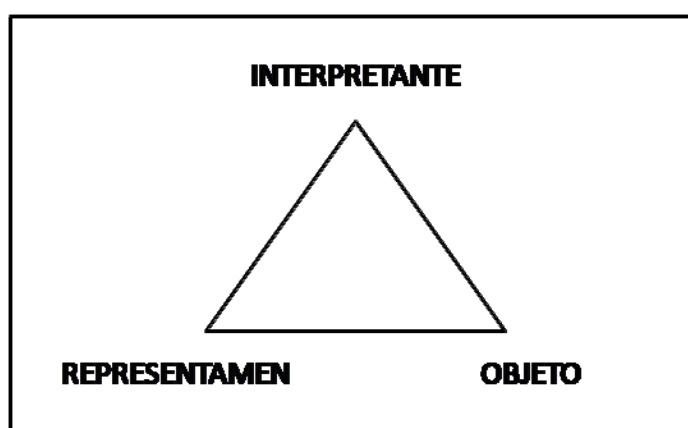
¹¹ SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1972.

bananeira, laranjeira, limoeiro, entre tantas. Ou, ainda, formas justapostas, do tipo porta-lápis, caneta-tinteiro, sofá-cama etc. Homologias também podem ser consideradas: filho e filha, gato e gata, cavalo e cavalos, e muitas outras. Nestes casos, não há como escapar a uma motivação movida pela associação a certos referentes que determinam, de fato, o sentido.

Assim, ainda que uma autonomia da linguagem em relação à realidade possa ser estabelecida pela arbitrariedade do signo lingüístico – verificada, sobretudo, em signos básicos, mais simbólicos (portanto, mais convencionais) –, não parece possível ignorar totalmente que os signos mantêm vínculo de alguma natureza com as coisas do mundo. Pode-se, então, verificar uma relativização da questão da arbitrariedade nos signos lingüísticos, que reserva, em contrapartida, dentro do próprio sistema, a possibilidade de regras que viabilizem a motivação lingüística em determinados contextos.

O modelo de Peirce

O modelo de Peirce para o signo lingüístico apresenta uma estrutura triádica, cujos componentes são o representamen, o interpretante e o objeto. O autor americano realizou também uma classificação do signo, de acordo com a sua forma de atuação na significação. Nessa importante tricotomia, os signos são categorizados, segundo a relação entre o representamen e objeto, em ícone, índice e símbolo.

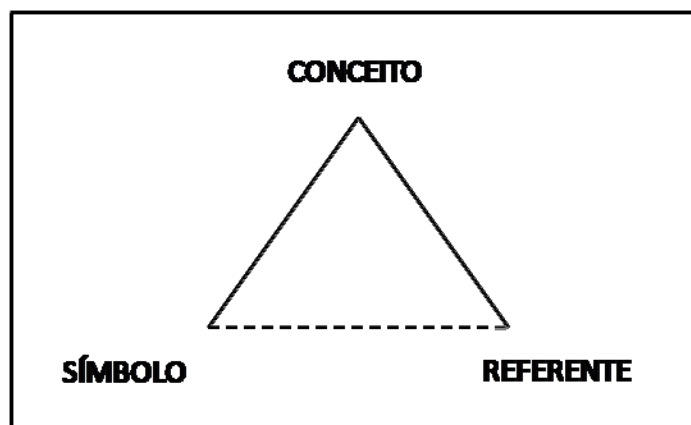


- **representamen:** a forma, não necessariamente material, que veicula o sentido;
- **interpretante:** a percepção intelectual do sentido;
- **objeto:** o referente.

Nesse esquema, um representamen (ou forma do signo) estimula cognitivamente o resgate de uma outra espécie de signo – o interpretante – que corresponde à noção de algo no mundo ao qual o signo afinal se reporta, o objeto. Cabe observar que, não obstante sua função específica, cada termo da tríade, para Peirce, já é, em si, um signo. O filósofo designa por semiose o processo de inter-relações entre representamen, interpretante e objeto.

Contrapondo os modelos de Peirce e de Saussure, o traço que certamente se destaca é a presença de um referente no modelo do filósofo americano. Se, por um lado, o representamen pode aproximar-se ao conceito de significante e o interpretante ao conceito de significado, o conceito do objeto estabelece um lastro com a realidade, o que não foi do interesse de Saussure, que estruturou seu sistema em uma concepção mentalista, com significante e significado independentes de um referente externo.

Muitos autores utilizam variações do modelo de Peirce e tais variações são comumente chamadas de *triângulo semiótico*. Ogden e Richards adaptaram o triângulo semiótico, utilizando os termos símbolo, conceito – ou referência – e referente. A linha pontilhada na base de seu triângulo indica a inexistência de uma relação direta entre o símbolo e o referente, tal relação é mediada pelo conceito.¹²



¹² OGDEN, C. K.; RICHARDS, I. A. *O significado de significado, um estudo da influência da linguagem sobre o pensamento e sobre a ciência do simbolismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

Contudo, apesar da inclusão do referente em sua teoria, ressaltam que as relações de significação entre o símbolo (significante) e o referente (objeto) são mediadas pela referência (significado).

Entre o símbolo e o referente não existe qualquer relação pertinente a não ser uma indireta, que consiste em seu uso por alguém para representar o referente. Símbolo e Referente, por outras palavras, não estão diretamente ligados (e quando, por questões gramaticais, subentendemos uma tal ligação, será meramente uma relação imputada, em contraste com uma real. [...] na situação normal, temos que reconhecer que o nosso triângulo não dispõe de base, que entre o Símbolo e o Referente não existe uma relação direta; e, além disso, que é através dessa falta que surgem quase todos os problemas de linguagem. (OGDEN; RICHARDS, 1972, p. 33)

Nesse enfoque, o modelo original de Peirce já estabelecia uma tipologia do signo baseada, justamente, nas relações entre representamen e objeto, classificando o signo (representamen) em ícones, índices e símbolos, conforme as seguintes definições:

- **Ícone.**

Quando percebido como uma semelhança, em algum grau, com a noção do objeto, por possuir ou representar algumas de suas qualidades, o *representamen* é um *ícone*. Tal relação pode ser estabelecida por analogia.

- **Índice.**

Quando percebido como parte de uma relação física ou causal com a noção do objeto, o *representamen* é um *índice*. Tal relação pode ser inferida.

- **Símbolo.**

Quando não é percebido como uma semelhança com a noção do objeto, e também não se verifica uma relação física ou causal com essa noção, o *representamen* é um *símbolo*. Por se tratar de uma convenção, tal relação deve necessariamente ser aprendida.

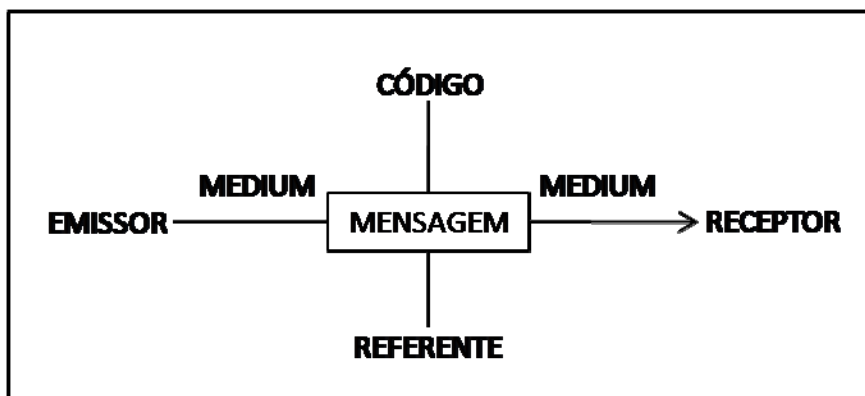
Nota-se, de acordo com essa descrição, que os signos icônicos tendem a ser mais motivados e que os signos simbólicos tendem a ser mais arbitrários. Para a interpretação de um símbolo, é necessário o aprendizado de uma convenção, é necessário que se aceite uma espécie de lei, ou de regra. Contudo, tais tipos de signo não são, necessariamente, exclusivos

uns aos outros: um signo pode ser um ícone, um símbolo e um índice, ou qualquer outra combinação.

Funções da linguagem

Se toda comunidade desenvolve, como vimos há pouco, sua visão de mundo por meio de sua experiência lingüística e por meio de sua percepção da realidade, no acervo de uma língua, estará disposta toda natureza de valores (morais, intelectuais, éticos, estéticos, entre outros) que se perpetuam historicamente e que sedimentam uma dada cultura. Tal mapeamento pode imprimir, nos nomes selecionados, não apenas traços objetivos que ressaltam de seu referente, mas, também, traços subjetivos projetados pelo locutor. Os nomes realizam, assim, funções cognitivas ou expressivas que comunicam idéias acerca do objeto.

Jakobson realizou um estudo funcional da linguagem, localizando as mensagens lingüísticas em suas diferentes funções de comunicação. Segundo o modelo do autor, um *emissor*, por meio de um *canal* e valendo-se de um *código*, transmite a um *receptor* uma *mensagem*, inserida em um *contexto* ou relacionada a um referente. Toda essa estrutura se faz então necessária para o estabelecimento e eficácia da comunicação. A orientação da comunicação irá situar a função predominante:¹³



- **Função emotiva** ou **expressiva**: o enfoque está no emissor;
- **Função conativa**: o enfoque está no receptor;
- **Função fática**: o enfoque está na permanência da transmissão da mensagem;

¹³ GUIRAUD, P. *A semiologia*. Lisboa: Presença, 1973, p. 13-17.

- **Função metalingüística:** o enfoque está no código pelo qual se realiza a mensagem;
- **Função poética:** o enfoque está na mensagem;
- **Função referencial:** o enfoque está no referente.

De acordo esse modelo teórico, nos contextos comuns da linguagem, há um predomínio da função referencial, uma vez que é onde se enquadram as atribuições de sentido às designações dos objetos do mundo. Nesse sentido, o autor aponta para uma limitação do princípio saussuriano da arbitrariedade do signo, propondo haver, além dos casos mais óbvios como o das onomatopéias, mecanismos motivadores baseados nas próprias relações entre os signos, aproximando-se, assim, do modelo de Peirce.

Na medida em que a função referencial exprime relações entre a mensagem e o objeto, esta função corresponde à descrição de idéias que apontam para a natureza objetiva do referente. Já a descrição de idéias que apontam para traços subjetivos indica uma reação emotiva do sujeito em relação ao objeto. A partir disso, podem-se notar, então, no espectro das designações, idéias referentes à natureza do objeto, e a presença de valores denotativos e conotativos. Guiraud comenta estes modos de apreensão da significação nos seguintes termos:¹⁴

A compreensão exerce-se sobre o objeto e a emoção sobre o sujeito; mas sobretudo compreender “agrupa”, *intelligere*, “escolher”, é uma organização, uma ordenação das sensações recebidas, enquanto a emoção é uma desordem e uma contradição dos sentidos.

Tais modos de significação atuam de maneira complementar na estruturação sob a qual o ser humano, por meio da linguagem, organiza sua experiência. Correspondem a modos peculiares de percepção, competências das quais o homem se vale para abarcar realidades as mais variadas. Se o cognitivo pretende estabelecer conexões objetivas para proporcionar a compreensão, o emotivo empenha-se em suscitar, no espírito, o impacto da própria experiência, e o faz, justamente, mediante estratégias de imitação da realidade. Daí, as expressões artísticas, de maneira geral, serem, fundamentalmente, icônicas.

¹⁴ *apud* GUIRAUD, *op. cit.*, 1973, p.21.

Aspectos de figurativização

O aparato cultural de uma determinada comunidade pode depositar dados simbólicos particulares ou mais circunscritos, e pode, na mesma medida, determinar as relações de semelhanças estabelecidas, pelo nomeador, entre o objeto e o significante. Analisando os expedientes metafóricos, Lakoff e Johnson¹⁵ associam o sistema conceitual à noção de semelhança, associação esta que propicia a condução da questão do signo toponímico como ícone também às formas metafóricas:

Dado que consideramos as semelhanças segundo as categorias de nosso sistema conceitual e segundo nossos tipos naturais de experiências (que podem ser metafóricos), se segue que muitas das semelhanças que percebemos são resultados de metáforas convencionais, que formam parte de nossos sistema conceitual. (LAKOFF E JOHNSON, 1995, p. 42)

Assim, o exame semântico de figuras como a metáfora, mesmo em expressões afetivas, não intenta analisar a perspectiva subjetiva do indivíduo que a emprega, tal qual surge em seu ser, mas, antes, considerar os valores afetivos segundo seu estabelecimento consensual no sistema da língua, de forma a expor os mecanismos de codificação e de decodificação da mensagem. Ullmann, ao tratar de aspectos da Semântica, coloca os mecanismos da linguagem em papel de destaque sobre a representação simbólica, entendendo que a compreensão adequada do símbolo pode ocupar um lugar estratégico no exame lingüístico:¹⁶

A linguagem é, sem dúvida, a forma mais importante e mais articulada da expressão simbólica, e por isso ocupa forçosamente uma posição de relevo em qualquer teoria dos signos. Por seu lado, o lingüista está altamente interessado nestes estudos porque espera que uma compreensão mais profunda do simbolismo em geral possa fazer luz sobre problemas puramente lingüísticos. (ULLMANN, 1964, p. 35).

No caso específico da metáfora, ocorre a aproximação de dois objetos, em uma relação de transferência de sentido. O fator comum de semelhança é aquilo que proporciona a

¹⁵ LAKOFF, G. y JOHNSON, M. *Metaforas de la vida cotidiana*. Madrid: Cátedra, 1995. (tradução nossa)

¹⁶ ULLMANN, S. *Semântica. Uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1964.

realização de uma imagem e o estabelecimento de uma identidade, residindo aí seu aspecto icônico. A produção dessa imagem, por sua vez, pode ser organizada segundo critérios objetivo ou emotivos, que remontam às funções referencial e emotiva da linguagem.

É objetiva [...] quando se chama crista ao cimo de uma montanha por se parecer com a crista da cabeça de um animal. É emotiva quando falamos de um amargo contratempo por o seu efeito ser semelhante ao de um sabor amargo. (ULLMANN, 1964, p.443-444)

Ullmann menciona como um fator importante, para a eficácia e expressividade da metáfora, o distanciamento entre o objeto do qual se fala e aquele com o qual se pretende comparar. Esse recurso é responsável pela surpresa em face da súbita percepção da imagem inesperadamente criada e da constatação da identidade existente entre os objetos. Formas como cascata *Sandália Bordada*, cachoeira *Bate-palmas* e gruta do *Impossível*¹⁷ suscitam esse mecanismo.

¹⁷ Topônimos presentes no *corpus* desta pesquisa.

Onomástica e Toponímia

A Toponímia, ao examinar o nome em uma função específica (atribuição de uma identificação própria a um determinado lugar), insere-se no campo léxico-terminológico da linguagem. O primado do nome, considerando sua natureza lingüística como orientação de análise, confere ao estudo toponímico a sua inclusão em uma ciência dos nomes, reconhecendo no onoma uma relevância lexical. Juntamente com a Antroponímia, cujo objeto de estudo são os nomes pessoais, a Toponímia está inserida na ciência maior de investigação dos nomes próprios que é a Onomástica.

A Onomástica, ciência dos nomes específicos e da nomeação, estuda o onoma em sua origem étnica, na sua significação e ainda nas suas possíveis alterações e substituições. Considerando que a toponímia e a antroponímia necessariamente tratam de um elemento extracódigo, referenciais externos e objetivos (lugar ou pessoa), tem-se que o onoma, além de significar, indica.

Há, no exame do signo toponímico, duas abordagens a se considerar. A primeira relaciona-se com o fato histórico, isto é, com o evento que moveu, propriamente, certo denominador, inserido em determinado contexto, a realizar uma escolha, entre outras opções, para dado ato de batismo, em uma data qualquer do passado, bem como as mudanças, ou a permanência, desse nome na sucessão dos tempos. A segunda diz respeito à situação presente de determinada nomenclatura, sua disposição atual em um determinado panorama de motivações, evidenciadas nos campos conceptuais léxico-semânticos. As duas abordagens descritas determinam, respectivamente, as perspectivas diacrônicas e sincrônicas das pesquisas toponímicas, cujo eixo central de análise é o elemento lexical.

Dick, ao apresentar seu estudo acerca dos aspectos motivadores do topônimo, examina o vínculo estabelecido entre a escolha do agente denominador e o espaço nomeado, ratifica, porém, que os processos de descrição e análise devem ser orientados do onoma para o denominador, isto é, partindo do elemento lexical em seu estágio sincrônico, uma vez que a análise é empreendida seguindo critérios semânticos.¹⁸

¹⁸ DICK, M.V.P.A. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. São Paulo: FFLCH/USP, 1992.

A compreensão da existência de um vínculo estreito entre o objeto denominado e o seu denominador remeterá a toponímia taxonômica ao estudo das motivações da nomenclatura geográfica. [...] Esse amálgama intrincado de nomes, que constitui a tessitura toponomástica propriamente dita de um território, deve sofrer, por sua vez, uma ordenação ou catalogação a partir, agora, não do doador e, sim, do produto gerado. Num primeiro momento é, pois, o homem quem preside a escolha do nome, permitindo a averiguação de todos os impulsos que sujeitaram o ato nomeador; num segundo momento, é a denominação que irá condicionar os rumos do estudo toponímico. (DICK, 1992, p. 25-26)

Se, por um lado, o topônimo é um signo lingüístico e, portanto, está situado no plano do discurso, por outro lado, sua relação com o referente, o objeto do mundo, implica a revelação de traços ou de indícios de contextos físicos ou culturais ligados a determinado ambiente geográfico. O processo de seleção estabelecido pelo homem, no seu ato de nomeação, aponta para uma série de valores e conceitos que somente são validados mediante a aceitação de sua comunidade. O falante lança mão de sua competência lingüística na leitura que faz do ambiente com o qual se relaciona, apreendendo aquilo que a realidade lhe transmite, e também depositando, mediante sua expressão criativa, traços da sua cultura. Desse modo, pode-se entender que o topônimo é uma designação que aponta para o lugar e também para o próprio homem.

Toponímia: linguagem de especialidade

O nome, signo lingüístico, é a unidade básica da Toponímia. Uma unidade lexical aplicada a um lugar. Sob esse aspecto, o topônimo é uma palavra especializada que, além de sua natureza propriamente lingüística, exerce, para além do código, uma função referencial. Uma vez que o referente, elemento extracódigo, está situado no universo natural, a Toponímia assume também um aspecto fenomenológico. O lugar, num estágio pré-lingüístico, é um fato natural que somente passa a ser fato cultural na medida em que dele o homem toma conhecimento.

O percurso da idéia de algo a uma unidade lexical é designado por percurso onomasiológico. Já a via inversa, do nome à idéia, é designada por percurso semasiológico.

(POTTIER, 1992) No percurso onomasiológico, o enunciador, diante do mundo referencial, manifesta uma intenção de dizer, inicia um processo de conceptualização dessa intenção, ou seja, estabelece uma representação mental que será transmitida por meio de signos lingüísticos. Enquanto que, no percurso semasiológico, o interpretante, diante de um discurso manifestado, reconhece os signos, os decodifica e, mentalmente, realiza a compreensão.¹⁹

Assim como a Onomástica, também a Lexicologia e a Terminologia examinam o léxico, elegendo a palavra como seu objeto. Contudo, ainda que essas disciplinas tenham o léxico como objeto compartilhado, e assim apontem para uma interdisciplinaridade, a própria designação diferenciada existente entre as três já indica o exame particular que cada uma delas assume diante do léxico.

Não obstante que as especificidades de seus métodos e técnicas sejam bastante claras, fator decisivo para assegurar o campo de atuação de cada uma dessas ciências isoladamente, a Onomástica estabelece, de fato, associações com a Lexicologia e, mais especificamente, com a Terminologia, como se pretende evidenciar no que segue.²⁰

A Lexicologia trata do conhecimento científico do léxico, tendo a Lexicografia como seu saber aplicado, o fazer dicionarístico. A Lexicologia, por seu caráter mais geral e abrangente, examina o universo contingente de todas as palavras. Dada a complexidade existente na estrutura da unidade lexical, nas possibilidades de seu funcionamento no sistema lingüístico e nas relações estabelecidas entre expressão e conteúdo, a Lexicologia abarca uma série de expedientes necessários ao estudo científico do léxico, seja por meio da análise e da descrição lexical ou por meio da aplicação de modelos teóricos, em recortes diacrônicos, sincrônicos ou ainda pancrônicos.

O léxico é um sistema aberto e em expansão. Incessantemente novas criações são incorporadas ao léxico. Só existe uma possibilidade para um sistema lexical se cristalizar: a morte da língua. Foi o que sucedeu ao latim. Se a língua, porém, continuar a existir como meio de comunicação oral (e também escrito), seu léxico se ampliará sempre. Por essa razão, não se poderá censurar em demasia os lexicógrafos se os seus dicionários não registrarem todos os vocábulos e significados

¹⁹ POTTIER, B. *Sémantique générale*. Paris : PUF, 1992.

²⁰ BIDERMAN, M. T. C. *As ciências do léxico*. In: ISQUIERDO, A. N.; OLIVEIRA, A. M. P. P. (Org.). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. 2ª edição. Campo Grande: UFMS, 2001, p.13-22.

que estão em uso na língua, pois tal obra é praticamente inexecutável
(BIDERMAN, 2001, p. 158)²¹

A Lexicografia se ocupa da tecnologia envolvida no registro das palavras, fazer este que resulta na produção de dicionários, vocabulários, glossários e afins. De modo que seu recorte se dá no âmbito das normas vocabulares. Para tanto, há a necessidade de a Lexicografia se estabelecer como reflexão sobre conhecimento científico, assentando uma teoria lexicográfica, para daí se projetar como técnica aplicada na produção de obras dicionarísticas, uma vez que a Lexicografia se ocupa tanto da crítica de materiais lexicográficos quanto da prescrição do adequado fazer lexicográfico – sua técnica propriamente dita. Uma obra lexicográfica, mediante a compilação de vocábulos, pretende definir, valendo-se de uma metalinguagem, os significados de cada um dos vocábulos registrados, recuperando, assim seu sentido para o leitor.

A Terminologia trata do vocabulário específico de uma dada área do conhecimento, assumindo, portanto, um caráter técnico-científico. A Lexicografia opera no sentido de atingir as definições dos vocábulos, já a Terminologia parte de uma noção para atingir uma designação correspondente. Assim, o conjunto de termos que designa as noções peculiares a certa disciplina ou ciência se projeta como sua terminologia. Se, por um lado, temos a Terminologia como responsável pelo exame do signo terminológico, no tocante às suas relações de significação, e pelo exame das relações entre as noções e as designações, por outro lado, temos a aplicação de uma ciência que visa à geração de modelos que viabilizem a produção de obras lexicográficas inseridas em uma área de especialidade do conhecimento, elencando e designando os seus termos específicos. Este último fazer é designado Terminografia. Ambos, Terminologia e Terminografia, tratam então das unidades lexicais que se realizam como unidades terminológicas. Em suma, a Terminologia tem a função de atribuir palavras a fatos circunscritos em um universo de especialidade e a Lexicografia tem a função de decodificar palavras por meio de uma metalinguagem que as defina.

Considerando ainda a questão da interdisciplinaridade, o estudo do léxico, ao propor o exame do plano das significações e também dos processos de formação das palavras, muitas

²¹ BIDERMAN, M.T.C. *Teoria lingüística (lingüística quantitativa e computacional)*. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

vezes toca a Semântica e a Morfologia, além de todas as demais disciplinas que assentam pesquisas nas relações entre língua e cultura.

Observando as intersecções abordadas acima, é possível identificar o topônimo como um termo, ou seja, uma unidade lexical que abriga traços de determinada especificidade, a saber, a de designar um dado espaço. Situa-se, assim, devidamente, a Toponímia no universo de discurso das linguagens de especialidade, ou Terminologia, e o topônimo, estabelecido como termo onomástico, estará sujeito ao tratamento léxico-semântico de sua significação. As pesquisas realizadas à luz dos procedimentos onomásticos desenvolvidos resultam em obras de natureza terminográfica, na medida em que compilam, organizam, apresentam e descrevem seus termos (topônimos) segundo as prescrições próprias desse conhecimento científico aplicado.

Estrutura do topônimo

O estudo toponímico deve ser empreendido considerando o exame de seus aspectos internos, ou seja, a pesquisa etimológica que resgata a filiação lingüística dos topônimos, e de seus aspectos externos ou semânticos, os quais compreendem a sua motivação. O elemento lexical, quando investido da função onomástica de identificar lugares, recebe influência semântica de fatores ambientais ou socioculturais, de modo que o topônimo, quando em oposição a outras formas lexicais, apresenta na motivação sua principal característica e diferencial. Essa motivação apresenta-se, segundo Dick,²² em dois momentos:

- primeiro, na intencionalidade que anima o denominador, acionado em seu agir por circunstâncias várias, de ordem subjetiva ou objetiva, que o levam a eleger, num verdadeiro processo seletivo, um determinado nome para este ou aquele acidente geográfico [...];
- e, a seguir, na própria origem semântica da denominação, no significado que revela, de modo transparente ou opaco, e que pode envolver procedências as mais diversas”. (DICK, 1992, p. 18)

²² DICK, *op. cit.*, 1992.

No modelo de Dick, o signo toponímico é composto por termo genérico e por termo específico. Exemplo:

Termo genérico		Termo específico
rio		Una
vale	do	Paty
morro		Branco
cachoeira	da	Cana Brava

O tipo de acidente nomeado é identificado pelo termo genérico e o termo específico apresenta o nome do lugar propriamente. O topônimo segue, ainda, a seguinte classificação, de acordo com a formação de seu elemento específico.

Topônimo simples ou Elemento específico simples	Aquele definido por um só formante. Ex.: Serrano. (pode vir acompanhado de sufixações, ou de terminações como <i>-lândia</i> , <i>-pólis</i> , <i>-burgo</i> , entre outros.)
Topônimo composto ou Elemento específico composto	Aquele que se apresenta com mais de um elemento formador, de origens diversas entre si. Ex.: morro do Pai Inácio.
Topônimo híbrido ou Elemento específico híbrido	Aquele formado por elementos oriundos de diversas línguas. Ex.: rio Santo Antônio da Licurioba.

O termo genérico indica o referente geográfico que recebe a denominação e não é propriamente uma criação toponímica. Esta se apresenta no termo específico e é nele que se reflete a motivação semântica. Contudo, há casos nos quais ocorre uma toponimização do termo genérico como, por exemplo, de chapada Diamantina – designação de uma realidade mais circunscrita (uma *chapada*, enquanto termo geográfico) – para Chapada Diamantina,

designação estendida a toda uma região para além da referência inicial. Em outros casos, pode-se verificar a aplicação de um termo específico a outro acidente, ou a vários outros. É o que ocorre em gruta do Lapão e rio Lapão; rio Roncador e cachoeira do Roncador etc. Esse fenômeno é designado por translação toponímica²³.

O termo específico pode ser formado por um termo determinado e um termo determinante, como em gruta Buraco do Cão. Neste caso, o termo determinado (buraco) comanda o sintagma e reflete a motivação. Ainda que, muitas vezes, a distância temporal ou a ausência de documentos dificultem a averiguação ou a constatação das intencionalidades primeiras de um denominador, a pesquisa toponímica deverá evidenciar, sobretudo por critérios semânticos, a existência de um mecanismo motivador, verificado a partir dos diferentes graus de interesse com relação às camadas onomásticas eleitas.

²³ DICK, M. V. P. A. Caminho das águas, povos dos rios: uma visão etnolingüística da toponímia brasileira. In: *I Encontro Nacional do Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste (GELCO), 2001, Campo Grande. Anais do I ENPROL. Campo Grande, 2001. p. 80-81.*

METODOLOGIA

O Atlas Toponímico: trajetória

Em sua atuação acadêmica, Dick concebeu e empreendeu o Atlas Toponímico como uma forma de sistematizar e conduzir os estudos acerca da nomenclatura geográfica registrada nas cartografias estaduais. Certificado pelo CNPq como Diretório de Pesquisa em 2002, o ATB tem sua matriz no Atlas Toponímico do Estado de São Paulo – primeiro Diretório de Pesquisa – o qual foi, e continua sendo, a principal fonte de princípios teóricos e dos processos metodológicos de investigação toponímica, conforme a tipologia sistematizada na obra de Dick, especialmente em *A motivação toponímica. Princípios teóricos e modelos taxonômicos*, tese de doutorado defendida em 1980. A evolução das pesquisas e o conseqüente acúmulo de informações registradas geraram a demanda pelo desenvolvimento, em meio eletrônico, de um banco de dados alimentado a partir da transcrição dos campos de fichas lexicográfico-toponímicas, considerando sua adequação terminológica, contextos históricos e suporte cartográfico.

Dentro deste contexto, as pesquisas onomásticas que se seguiram ao assentamento desses modelos sempre estiveram, por assim dizer, vinculadas a uma linha macro de pesquisa, embasada em uma teoria sistematizada, e amparadas em um método científico. Realizam, assim, na área de especialidade ocupada pela Toponímia, o fazer terminográfico, cujo produto consiste na catalogação e na descrição dos topônimos levantados em áreas escolhidas, segundo a aplicação dos modelos teóricos desenvolvidos. Os trabalhos acadêmicos vinculados ao ATB abrangem, já, vários Estados da federação, organizados como suas decorrentes variações regionais. Estudos realizados sobre nomenclaturas geográficas da Bahia, de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Roraima e do Tocantins possibilitam a reflexão, a partir da terminologia onomástica, acerca das relações entre a formação cultural do brasileiro e de cada porção do espaço nacional nomeado.

Metodologia aplicada: o estudo de caso

O estudo toponímico empreendido neste estudo de caso apresenta-se como aplicação dos fundamentos da lingüística geral, sobretudo, no tocante às questões semiológicas e às questões léxico-semânticas do signo lingüístico, tomadas em sua área de especialidade, a Onomástica. Todavia, os nomes atribuídos às coisas trazem embutidos em si as escolhas da comunidade que os elegeu e os fixou. Assim, visando a abarcar com mais propriedade a complexidade dessas relações de nomeação, a investigação toponímica vale-se de outros campos do conhecimento, além do propriamente lingüístico, a assumi-los como ciências auxiliares.²⁴

A Toponímia, como disciplina do saber humano, reúne também, as condições intrínsecas necessárias para uma pesquisa em profundidade de tais especificações antropológicas. Ao especialista da matéria abre-se, dessa forma, um amplo campo de investigações e não será pretensioso de sua parte objetivar o encontro de vinculações entre o nome do lugar e as características que subordinam o denominador à sua época. O “topônimo” não é algo estranho ou alheio ao contexto histórico-político da comunidade. (DICK, 1992, p. 36)

Com isso, tem-se que a Toponímia, ainda que privilegie o aspecto lingüístico em sua análise onomástica, firma-se como um ramo de conhecimento da cultura e do homem. O contato estabelecido entre o meio geográfico e a experiência histórica dos habitantes de um lugar gera um produto sociocultural, e torna possível a realização da leitura do texto toponímico, sobretudo como manifesto humano, expressão de seu espírito.

Este estudo de caso, objetivando sua integração ao contexto mais abrangente, segue as orientações metodológicas do Atlas Toponímico do Brasil, propostas por Dick (1990). A aplicação seqüencial das etapas dispostas nessa metodologia resulta, como produto, a partir das motivações toponímicas observadas, um mapa regional, cujos elementos toponímicos são apresentados em um exame léxico-semântico, e contextualizados em um discurso, expondo a realidade regional do foco da pesquisa.

²⁴ DICK, M. V. P. A. *Op., cit.*, 1992.

O método desenvolvido por Dick trata a unidade lexical mediante a articulação da investigação de campo e da leitura documental, consolidando em seu texto a adequação e o rigor terminológicos.

Como metodologia prática de trabalho (práxis toponímica), recomendamos que se realize, de antemão, um diagnóstico pontual da área de estudo, levantando os seus característicos e traços semióticos: morfologia urbana, com o sistema de circulação viária, ruas, avenidas e marcos principais, aspectos demográficos, movimentos da população em termos das camadas étnicas recorrentes, aspectos físicos gerais, incluindo os recortes geomorfológicos e hidrográficos, condições econômicas da região, fauna, flora, regime climático, sistema de chuvas. Todos esses fatores mencionados significam verdadeiros índices que poderão se verbalizar em formas denominativas. São, portanto, instrumentos metodológicos hábeis para o estudo onomástico, a documentação cartográfica referida e a arquivologia, que se posicionam como fontes idôneas para o estabelecimento das etapas relativas à desconstrução e à recriação dos próprios dados. (DICK, 1999, p. 134)

Tendo em vista que esta pesquisa é um estudo de caso que enfoca topônimos relacionados a sítios turísticos, cabe observar que não é comum, nas cartas topográficas oficiais, o registro de nomes específicos de determinado trecho de rio utilizado para banhos ou, ainda, de determinado mirante situado em uma serra – e outros mais que trazem este tipo de particularidade turística –, de forma que se faz necessário o cotejo a documentação oficial de outra natureza, a saber, o Projeto de Desenvolvimento Turístico do Nordeste (Prodetur-NE).²⁵

A partir da seleção documental realizada sobre o banco de dados do referido projeto, recolheu-se o *corpus* formado por unidades lexicais toponimizadas, caracterizadas por sua aplicação turística, a fim de submetê-las à investigação, sob os aspectos lançados pela teoria toponímica.

²⁵ O Governo do Estado da Bahia, por conta do desenvolvimento de seu plano diretor de turismo – o Prodetur –, realizou um levantamento oficial minucioso dos pontos turísticos da Chapada Diamantina. Disponível em: <<http://www.setur.ba.gov.br/prodetur.asp>>.

Devido ao recorte demarcado em nosso estudo de caso, o elenco de topônimos destaca referentes físicos, como rios, cachoeiras, grutas, morros e afins. Quanto ao elemento antropocultural, as principais cidades do chamado Circuito do Diamante compõem um quadro analítico adicional, a complementar o quadro do levantamento toponímico da região.

O dado onomástico recolhido é submetido a uma categorização semântica, mediante distribuição taxionômica que visa a estabelecer uma sistematização terminológica do material toponímico. Este estudo de caso adota a perspectiva sincrônica para a análise dos dados lingüísticos.

Levantamento do *corpus*: os dados do Prodetur/Bahia

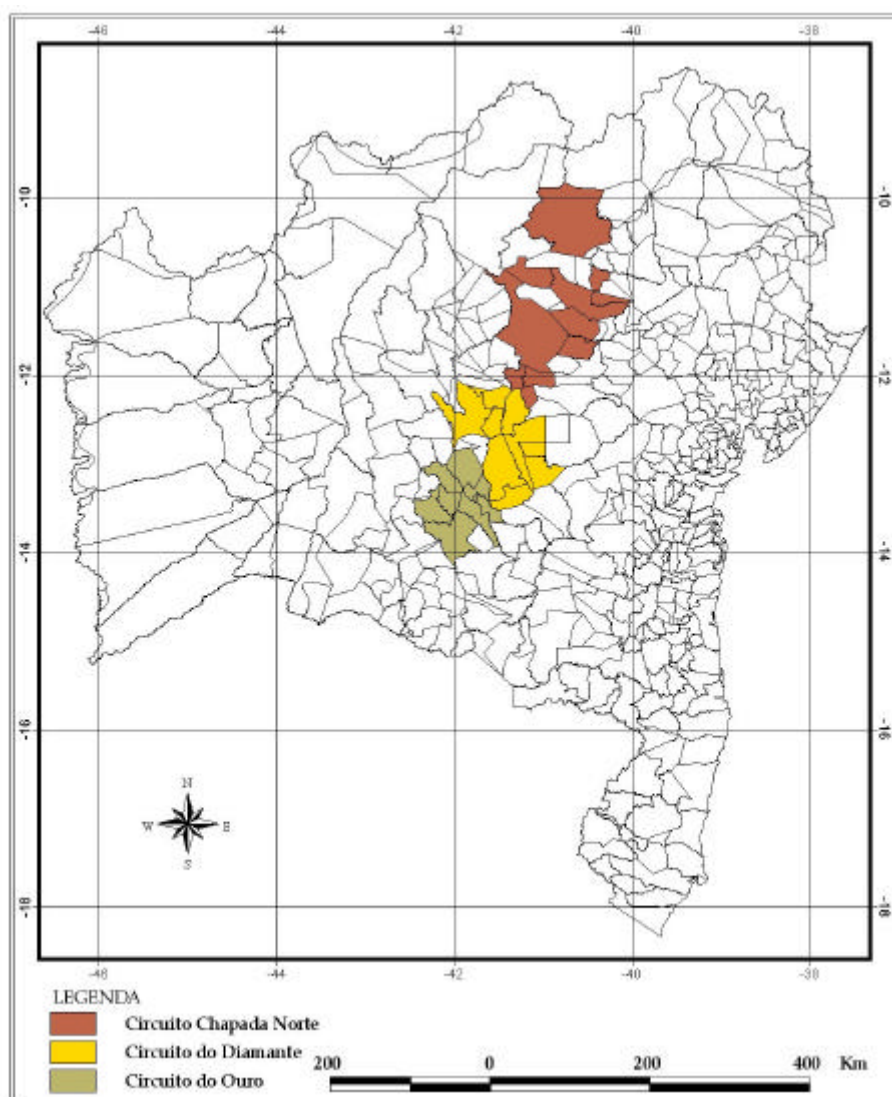
No âmbito da gestão governamental, o potencial turístico da região da Chapada Diamantina, devidamente percebido pelo Estado, vem sendo já há alguns anos utilizados como base de um grande plano diretor para o desenvolvimento turístico regional. Seguindo essa orientação, o Programa de Desenvolvimento Turístico do Nordeste – Prodetur/NE foi desenvolvido com o intuito de financiar e estruturar as atividades do setor turístico. Financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento, trata-se de um plano de ação empreendido com apoio federal e realizado pelos governos estaduais, com intenção de promover o desenvolvimento sustentável do turismo no nordeste brasileiro.

Sob o ponto de vista de uma estratégia econômica, a atividade turística vive um momento de grande estímulo em todo mundo, e o Nordeste do país apresenta evidentes potencialidades de investimento nessa área, inclusive com perspectivas positivas de impacto no reequilíbrio da realidade socioeconômica da região. No caso específico do estado da Bahia, área de foco desta pesquisa, o programa realizou uma série de estudos e levantamentos para viabilizar a estruturação do projeto, resultando na seguinte geografia turística:²⁶



²⁶ Fonte: Prodetur. Disponível em: <<http://www.setur.ba.gov.br/prodetur.asp>>.

Delimitando uma área de enfoque, nesse cenário turístico estadual, esta pesquisa toma como estudo de caso a região da Chapada Diamantina. Dotada de grande biodiversidade, a paisagem dessa região baiana abriga toda a sorte de rios, cachoeiras, poços, cavernas, morros e serras. Nessa área geográfica, o Prodetur direcionou seus trabalhos em três circuitos que estão, historicamente, relacionados à exploração do garimpo nos séculos XVII, XVIII e XIX. A atividade turística, no entanto, é mais recente, com desenvolvimento a partir dos anos 1980.



- **Circuito da Chapada Norte** (cidades de Jacobina, Campo Formoso, Saúde, Caém, Ouro-lândia, Piritiba, Miguel Calmon, Morro do Chapéu, Utinga, Bonito e Wagner);
- **Circuito do Diamante** (cidades de Lençóis, Iraquara, Seabra, Palmeiras, Mucugê, Andaraí, Itaeté, Nova Redenção e Ibicoara);

- **Circuito do Ouro** (cidades de Rio de Contas, Piatã, Abaíra, Jussiape, Livramento de Nossa Senhora, Érico Cardoso e Paramirim).

Nessas três áreas, há, atualmente, vasta oferta de guias e agências que possibilitam aos visitantes, por meio de seus serviços, o acesso a uma grande carta de atrativos naturais: rios, cachoeiras, cavernas, vales, mirantes e afins, acidentes geográficos físicos agrupados na forma de “roteiros turísticos”. Em uma analogia que remete ao percurso semasiológico de análise, a experiência turística ilustra, a partir do nome dos sítios, o movimento de apreensão, pelo homem, de determinada realidade paisagística: do onoma à noção do referente. Nesse contexto geral, o recorte escolhido para este estudo destaca a porção centro-leste da Chapada, os arredores da serra do Sincorá, onde surgiram, no século XIX, as principais cidades do ciclo do diamante – Andaraí, Lençóis, Mucugê e Palmeiras – e onde posteriormente, em 1985, foi demarcado o Parque Nacional da Chapada Diamantina.

Por se tratar de um reconhecido levantamento de caráter oficial, o relatório do Prodetur foi adotado como fonte do *corpus*, que consiste de 108 topônimos presentes nos roteiros turísticos da área da Chapada Diamantina designada como Circuito do Diamante. Nesta área, estão situadas as quatro cidades principais, Andaraí, Lençóis, Mucugê e Palmeiras (designadas pelo Prodetur como cidades-âncora), e as cidades adjacentes Ibicoara, Iraquara, Itaeté, Nova Redenção e Seabra. As unidades lexicais selecionadas, por ora, são apresentadas, ordenadas segundo os municípios em que seus referentes físicos estão situados, e com seus termos específicos destacados para melhor visualização dos elementos nos quais estão refletidos a criação toponímica e os mecanismos motivadores.

Topônimos do Circuito do Diamante (Chapada Diamantina)			
Ficha	Topônimo	Município	Localização
1	cachoeira do Bocório	Andaraí	Bahia
2	cachoeira dos Pombos	Andaraí	Bahia
3	cachoeira do Ramalho	Andaraí	Bahia
4	cachoeira das Três Barras	Andaraí	Bahia
5	gruta da Marota	Andaraí	Bahia
6	gruta da Paixão	Andaraí	Bahia
7	mirante do Paraguaçu	Andaraí	Bahia
8	mirante Rampa do Caim	Andaraí	Bahia
9	nascentes Olhos d'Água	Andaraí	Bahia
10	poço da Donana	Andaraí	Bahia
11	rio Coisa Boa	Andaraí	Bahia
12	rio Garapa	Andaraí	Bahia
13	vale do Paty	Andaraí	Bahia
14	cachoeira do Buracão	Ibicoara	Bahia
15	cachoeira da Fumacinha	Ibicoara	Bahia
16	cachoeira do Licuri	Ibicoara	Bahia
17	cachoeira das Raízes	Ibicoara	Bahia
18	cachoeira Véu da Noiva	Ibicoara	Bahia
19	rio Espalhado	Ibicoara	Bahia
20	cachoeira da Canabrava	Iraquara	Bahia
21	cachoeira dos Dois Braços	Iraquara	Bahia
22	cachoeira do Mel	Iraquara	Bahia
23	gruta Azul	Iraquara	Bahia
24	gruta da Caieira	Iraquara	Bahia
25	gruta Lapa Doce	Iraquara	Bahia
26	gruta Manoel Ioiô	Iraquara	Bahia
27	gruta Pratinha	Iraquara	Bahia
28	gruta Torrinha	Iraquara	Bahia
29	riacho do Mel	Iraquara	Bahia
30	cachoeira do Bom Jardim	Itaeté	Bahia
31	cachoeira Encantada	Itaeté	Bahia
32	cachoeira do Herculano	Itaeté	Bahia
33	cachoeira Manoel Messias	Itaeté	Bahia
34	cachoeira do Roncador	Itaeté	Bahia
35	cachoeira Várzea do Canto	Itaeté	Bahia
36	gruta do Caboclo	Itaeté	Bahia
37	gruta da Lagoa Preta	Itaeté	Bahia
38	gruta da Lapa do Bode	Itaeté	Bahia
39	morro das Araras	Itaeté	Bahia

Topônimos do Circuito do Diamante (Chapada Diamantina)			
Ficha	Topônimo	Município	Localização
40	poço Encantado	Itaeté	Bahia
41	rio Invernada	Itaeté	Bahia
42	rio Timbozinho	Itaeté	Bahia
43	rio Una	Itaeté	Bahia
44	cachoeira Capivara	Lençóis	Bahia
45	cachoeira do Mosquito	Lençóis	Bahia
46	cachoeira Palmital	Lençóis	Bahia
47	cachoeira Primavera	Lençóis	Bahia
48	cachoeira do Sossego	Lençóis	Bahia
49	gruta do Lapão	Lençóis	Bahia
50	pantanal do Marimbus	Lençóis	Bahia
51	poço do Diabo	Lençóis	Bahia
52	poço Halley	Lençóis	Bahia
53	poço do Pato	Lençóis	Bahia
54	poço Verde	Lençóis	Bahia
55	praia do Zaidã	Lençóis	Bahia
56	ribeirão de Baixo	Lençóis	Bahia
57	ribeirão de Cima	Lençóis	Bahia
58	ribeirão do Meio	Lençóis	Bahia
59	rio Lapão	Lençóis	Bahia
60	rio Mandassaia	Lençóis	Bahia
61	rio Roncador	Lençóis	Bahia
62	rio Santo Antônio da Licurioba	Lençóis	Bahia
63	rio Toalhas	Lençóis	Bahia
64	salão de Areia	Lençóis	Bahia
65	Cachoeirinha	Lençóis	Bahia
66	Serrano	Lençóis	Bahia
67	cachoeira das Andorinhas	Mucugê	Bahia
68	cachoeira Bate Palmas	Mucugê	Bahia
69	cachoeira do Cardoso	Mucugê	Bahia
70	córrego de Pedra	Mucugê	Bahia
71	cachoeira dos Funis	Mucugê	Bahia
72	cachoeira do Leão	Mucugê	Bahia
73	cachoeira Matinha	Mucugê	Bahia
74	cachoeira Piabinha	Mucugê	Bahia
75	cachoeira Sete Quedas	Mucugê	Bahia
76	cachoeira da Sibéria	Mucugê	Bahia
77	cachoeira do Tibertino	Mucugê	Bahia
78	cascata Sandália Bordada	Mucugê	Bahia
79	mirante do Cruzeiro	Mucugê	Bahia

Topônimos do Circuito do Diamante (Chapada Diamantina)			
Ficha	Topônimo	Município	Localização
80	rio Cumbucas	Mucugê	Bahia
81	rio Paraguaçu	Mucugê	Bahia
82	Mar de Espanha	Mucugê	Bahia
83	gruta da Lapinha	Nova Redenção	Bahia
84	morro da Arara	Nova Redenção	Bahia
85	poço Azul	Nova Redenção	Bahia
86	praia da Peruca	Nova Redenção	Bahia
87	Olho d'Água	Nova Redenção	Bahia
88	cachoeira da Conceição dos Gatos	Palmeiras	Bahia
89	cachoeira Dois Braços	Palmeiras	Bahia
90	cachoeira da Fumaça	Palmeiras	Bahia
91	cachoeira da Purificação	Palmeiras	Bahia
92	cachoeira do Riachinho	Palmeiras	Bahia
93	gerais do Vieira	Palmeiras	Bahia
94	gruta do Impossível	Palmeiras	Bahia
95	gruta do Riachinho	Palmeiras	Bahia
96	morro Branco	Andaraí	Bahia
97	morro do Camelo	Palmeiras	Bahia
98	morro do Castelo	Palmeiras	Bahia
99	morro da Mãe Inácia	Palmeiras	Bahia
100	morro do Pai Inácio	Palmeiras	Bahia
101	poço Angélica	Palmeiras	Bahia
102	poço do Gavião	Palmeiras	Bahia
103	rio Preto	Palmeiras	Bahia
104	vale do Capão	Palmeiras	Bahia
105	Morrão	Palmeiras	Bahia
106	Riachão	Seabra	Bahia
107	cachoeira do Agreste	Seabra	Bahia
108	gruta Buraco do Cão	Seabra	Bahia

Taxionomias toponímicas

Aperfeiçoando os recursos científicos propostos, até então, pela teoria toponímica, Dick elaborou uma metodologia com bases em *taxes* toponímicas, cuja adequação às pesquisas e ao entendimento das realidades onomásticas já assegurou sua eficácia acadêmica. O modelo consiste na distribuição e no agrupamento dos topônimos sob análise em categorias indicativas do campo *semêmico*²⁷ no qual cada elemento lexical encontra-se inserido.

Conscientes, portanto, da necessidade de se buscar modelos taxionômicos para vários conjuntos de topônimos, em agrupamentos macro-estruturais, procurou-se, nos ordenamentos sistemáticos das ciências auxiliares da Toponímia, e em algumas poucas obras alienígenas especializadas, os elementos que permitissem a apresentação de um quadro classificatório, de maneira a satisfazer a demanda da pesquisa. (DICK, 1987, p.31)

Retomando as reflexões de Sapir acerca do ambiente, os desdobramentos em realidades físicas e realidades antropoculturais são assimilados como primeira triagem classificatória, sob a qual estão dispostas as demais *taxes* orientadoras da catalogação. Mediante essa classificação, busca-se descrever a estrutura do panorama toponímico, investigando objetivamente as causas motivadoras da denominação. Esse método veio garantir maior autonomia aos estudos realizados sob uma perspectiva sincrônica, pois privilegia o exame lingüístico do elemento lexical, em função de topônimo, como principal via para a descrição da significação toponímica.

²⁷ Um *semema*, ainda que único em uma unidade lexical, é formado pela combinação de vários *semas*. Daí a necessidade da exatidão terminológica no emprego adequado dos termos *sêmico* ou *semêmico*.

Taxes de natureza física ²⁸

ASTROTOPÔNIMOS	Topônimos relativos aos corpos celestes em geral. Ex.: poço Halley .
CARDINOTOPÔNIMOS	Topônimos relativos às posições geográficas em geral. Ex.: ribeirão de Baixo .
CROMOTOPÔNIMOS	Topônimos relativos à escala cromática. Ex.: poço Azul .
DIMENSIOTOPÔNIMOS	Topônimos relativos às características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, comprimento, largura, grossura, altura, profundidade. Ex.: Morrão .
FITOTOPÔNIMOS	Topônimos de índole vegetal, espontânea, em sua individualidade, em conjuntos da mesma espécie, ou de espécies diferentes, além de formações não espontâneas. Ex.: cachoeira do Palmital .
GEOMORFOTOPÔNIMOS	Topônimos relativos às formas topográficas. Ex.: cachoeira do Buracão .
HIDROTOPÔNIMOS	Topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral. Ex.: gruta da Lagoa Preta .
LITOTOPÔNIMOS	Topônimos de índole mineral, relativos à constituição do solo, representados por indivíduos, conjunto da mesma espécie, ou de espécies diferentes. Ex.: salão de Areias .

²⁸ Exemplos extraídos do *corpus* desta pesquisa, exceto quando indicado.

METEOROTOPÔNIMOS	Topônimos relativos a fenômenos atmosféricos. Ex.: cachoeira da Primavera .
MORFOTOPÔNIMOS	Topônimos que refletem o sentido de formas geográficas. Ex.: rio Espalhado .
ZOOTOPÔNIMOS	Topônimos de índole animal, representados por indivíduos domésticos, não domésticos e da mesma espécie. Ex.: morro do Camelo .

Taxes de natureza antropocultural²⁹

ANIMOTOPÔNIMOS OU NOOTOPÔNIMOS	Topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo todos os produtos do psiquismo humano. Ex.: poço Encantado .
ANTROPOTOPÔNIMOS	Topônimos relativos aos nomes próprios individuais. Ex.: gerais do Vieira .
AXIOTOPÔNIMOS	Topônimos relativos aos títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais. Ex.: Coronel João Sá. (município do estado da Bahia).
COROTOPÔNIMOS	Topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões, continentes. Ex.: Mar de Espanha .

²⁹ Exemplos extraídos do *corpus* desta pesquisa, exceto quando indicado.

CRNOTOPÔNIMOS	Topônimos que encerram indicadores cronológicos representados, em Toponímia, pelos adjetivos novo/nova, velho/velha. Ex.: Nova Redenção. (município do estado da Bahia)
ECOTOPÔNIMOS	Topônimos relativos às habitações de um modo geral. Ex.: Casa Nova . (município do estado da Bahia)
ERGOTOPÔNIMOS	Topônimos relativos aos elementos da cultura material. Ex.: cascata Sandália Bordada.
ETNOTOPÔNIMOS	Topônimos relativos aos elementos étnicos, isolados ou não. Ex.: gruta do Caboclo .
DIRREMATOTOPÔNIMOS	Topônimos constituídos por frases ou enunciados lingüísticos. Ex.: cachoeira Bate Palmas .
HIEROTOPÔNIMOS ³⁰	Topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças: às associações religiosas e às efemeridades religiosas Ex.: mirante do Cruzeiro .
HAGIOTOPÔNIMOS	Topônimos relativos aos santos e santas do hagiológico romano. Ex.: rio Santo Antônio da Licurioba .
MITOTOPÔNIMOS	Topônimos relativos às entidades mitológicas. Ex.: poço do Diabo .
HISTORIOTOPÔNIMOS	Topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como às datas correspondentes. Ex.: avenida 7 de Setembro . (via pública do município de Lençóis)

³⁰ De acordo com o contexto, os Hierotopônimos podem ser ainda especificados como Hagiotopônimos ou Mitotopônimos.

HODOTOPÔNIMOS (ODOTOPÔNIMOS)	Topônimos relativos às vias de comunicação rural ou urbana. Ex.: morro do Caminho . (antiga denominação do morro do Pai Inácio)
NUMEROTOPÔNIMOS	Topônimos relativos aos adjetivos numerais. Ex.: cachoeira das Três Barras .
POLIOTOPÔNIMOS	Topônimos constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial. Ex.: Arraial d’Ajuda. (distrito do município baiano de Porto Seguro)
SOCIOTOPÔNIMOS	Topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade. Ex.: rua da Maçonaria . (via pública do município de Lençóis)
SOMATOTOPÔNIMOS	Topônimos empregados em relação metafórica à partes do corpo humano ou do animal. Ex.: Pé de Serra. (município do estado da Bahia)

Dick expõe a natureza e a estrutura das taxionomias toponímicas:

As taxionomias toponímicas, de acordo com o esquema, não são exaustivas em suas ocorrências e, sim, exemplificativas, podendo ser ampliadas em seus catogremas (fitotopônimos, ergotopônimos, somatotopônimos, etc...) à medida que novas estruturas vocabulares se constituam, respeitando sempre o modelo originário, assim descrito: adoção de um prefixo nuclear (greco-latino), de característica nocional, relativo a um dos dois campos de ordenamento cósmico, o físico e o humano; acréscimo do termo “topônimo” ao elemento prefixal, para dar a justa medida do campo de atuação da unidade onomástica criada.” (DICK, 1999, p. 142)

O *corpus* sistematizado é, então, estudado em seus traços etimológicos e semânticos, bem como nas nuances e preferências evidenciadas pelas motivações toponímicas, relacionando, dentro do escopo possível, a presença do elemento humano às escolhas

empreendidas nos processos denominativos na região selecionada. Contudo, a exposição geográfica do ambiente e a recuperação de eventos históricos locais participam da pesquisa como subsídios contextuais, isto é, auxiliam na construção da conjuntura que envolve certa paisagem toponímica, porém, não são determinantes para a investigação das motivações, já que o pesquisador realiza seu estudo a partir do léxico.

Ficha lexicográfico-toponímica (modelo)

A ficha lexicográfico-toponímica, elaborada por Dick em seu *Atlas Toponímico do Brasil*, é o modelo seguido por esta pesquisa. As fichas abarcam o espectro necessário à descrição e à classificação do topônimo, discorrendo sobre os dados fundamentais da pesquisa.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)					
Pesquisa:					
Pesquisador:					
Revisor:					
Data de coleta:					
Ficha		Localização		Município	
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
Acidente geográfico				Tipo	
Taxionomia					
Entrada lexical					
Etimologia					
Estrutura morfológica					
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte					

Onde:

- **Pesquisa:** título do trabalho.
- **Pesquisador:** Carlos Eduardo de Oliveira.
- **Revisor:** DICK (orientadora da pesquisa).

- **Data da Coleta:** período no qual o *corpus* foi recolhido.
- **Ficha:** número do registro.
- **Localização:** unidade da federação onde está situado o topônimo.
- **Município:** município onde está situado o topônimo.
- **Topônimo:** signo toponímico.
- **Acidente:** tipo do acidente descrito. AG: acidente geográfico. AH: acidente humano.
- **Tipo:** caracterização do acidente: físico ou antropocultural.
- **Taxionomia:** classificação segundo as taxes toponímicas.
- **Entrada lexical:** termo determinado – núcleo motivacional do topônimo – acrescido de seu paradigma definicional.
- **Etimologia:** descrição da origem e evolução histórica dos elementos formadores do signo toponímico. (*apenas para termos de origem indígena ou africana*)
- **Estrutura morfológica:** estrutura do topônimo.
- **Histórico:** exposição de dados que resgatam ou registram fatos diacrônicos que possam auxiliar na compreensão da significação do signo toponímico.
- **Informações enciclopédicas:** dados complementares compilados a partir de obras de referência auxiliares.
- **Contexto:** exposição de dados culturais, extralingüísticos, que possam auxiliar na compreensão sociocultural do ambiente em análise.
- **Fonte:** indicação das obras e dos documentos que forneceram as informações necessárias à análise dos dados.

CAPÍTULO II

CARACTERES GEOGRÁFICOS

“De regresso da cachoeira de Pirapora, até onde nos levava o exame da navegação do rio São Francisco, chegamos à Cariranha a 22 de dezembro de 1879, onde devia eu apartar-me da comissão, cumprindo ordem do meu ilustre chefe, Milnor Roberts, para dali fazer a travessia dos sertões baianos, estendendo o quanto possível o meu trajeto pela Chapada Diamantina, cujos caracteres geográficos muito desejávamos conhecer.”³¹

Teodoro Sampaio.³²

Os altiplanos: as chapadas

A presença da designação *chapada* é verificada ao longo de todo o território brasileiro. Além da Chapada Diamantina, são bem conhecidas as chapadas dos Guimarães, no Mato Grosso do Sul, dos Veadeiros, em Goiás, das Mesas, no Maranhão. Em sua *Onomastica Geral da Geographia Brasileira*, Bernardino José de Souza aponta a abrangência que esse termo assume na cultura brasileira:

Chapada: este termo tem um amplo e vários sentidos no Brasil. Nos estados do Nordeste as chapadas são planaltos com diversas vegetações, ora compostos de elementos dos agrestes, ora de carrasco, ora da caatinga, ou completamente ocupados por esta em estado puro e seco e de caráter xerófilo; o seu solo é duro, coberto de relva, com árvores pequenas de troncos irregulares, com arbustos que aparecem e desaparecem com as estações. Entretanto, segundo Luetzelburg, o sertanejo nordestino compreende por chapada todo e qualquer planalto ou serra de elevação mediana, de fraco declive, coberto de vegetação xerófita. [...]. (SOUZA, 1927, p. 232)

³¹Teodoro Sampaio, em 1879, no cargo de engenheiro da Comissão Hidráulica, e com a tarefa de realizar estudos de navegação, viaja pelo rio São Francisco, estendendo, posteriormente, seus trabalhos na região da Chapada Diamantina.

³²SAMPAIO, Teodoro. *O rio São Francisco e a Chapada Diamantina*. p. 189.

O dicionário Houaiss³³ corrobora com a polissemia indicada por Souza, com acepções distintas para a entrada *chapada*, porém, indicando, na acepção mais abrangente, sob a rubrica *geografia*, uma equivalência aos termos *altiplano* e *planalto*:

substantivo feminino.1 Rubrica: geografia. área de terra de dimensões consideráveis, situada a uma certa altitude, cujo topo é relativamente plano e cujos flancos podem ter diferentes inclinações; altiplano, planalto. (HOUAISS)

Caracterizadas, assim, por suas formações elevadas, de encostas escarpadas, e com destacado aplanamento em sua face superior, as *chapadas*, quando seqüenciadas, em uma extensão mais vasta, recebem o nome de *chapadão*.³⁴ A motivação nomeadora decorrente de unidades geomorfológicas dessa natureza é verificada na designação de municípios, em vários estados brasileiros: Chapadão do Céu (GO), Chapadinha (MA), Chapada Gaúcha (MG), Chapada do Norte (MG), Chapadão do Sul (MS), Chapada dos Guimarães (MT), Chapada (RS), Chapadão do Lageado (SC), Chapada da Natividade (TO) e Chapada da Areia (TO).³⁵

A Chapada Diamantina

Situada na mesorregião do centro-sul baiano, de acordo com a classificação do IBGE, a Chapada Diamantina apresenta-se como um destacado altiplano, que abriga, em sua vasta extensão – cerca de 38.000 km² –, um grande conjunto de serras de considerável heterogeneidade em relação ao clima, ao solo, à fauna e à vegetação.

Prolongando-se desde o norte do estado de Minas Gerais, com o nome de Serra do Espinhaço, essas grandes superfícies que resultam na Chapada Diamantina formam, no estado da Bahia, um sistema de elevações, na forma de um grande “Y”, que se inicia, ao sul, nas proximidades do município de Rio de Contas e que se estende e se bifurca, a noroeste, na direção do município de Xique-Xique, e a nordeste, na direção do município de Morro do Chapéu.

³³ HOUAISS. *Dicionário da língua portuguesa*. Versão eletrônica. Disponível em: <<http://www.uol.com.br/houaiss>>.

³⁴ O dicionário Houaiss registra, ainda, sinonímia entre o termos *chapada* e a forma tupi *araxá*.

³⁵ Fonte: IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/>>.

Essas elevações de relevo erguem-se a uma média de 1.200 metros acima do nível do mar, com escarpas geralmente acentuadas verticalmente. Dadas as suas conformações, a Chapada Diamantina é ainda um grande divisor de águas na hidrografia baiana, com rios que, a oeste, vão alcançar a bacia do São Francisco, e que, ao leste, seguem na direção do oceano Atlântico.

Os biomas

Euclides da Cunha, no início do capítulo *A terra*, em *Os sertões*, descreve, a partir do planalto central brasileiro, a entrada do sertão. Em certo momento, depara-se com a Chapada Diamantina:³⁶

Desenterram-se as montanhas. Reonta a região diamantina, na Bahia, revivendo inteiramente a de Minas, como um desdobramento ou antes um prolongamento, porque é a mesma formação mineira rasgando, afinal, os lençóis de grés, e alteando-se com os mesmos contornos alpestres e perturbados, nos alcantis que irradiam da Tromba ou avultam para o norte nos xistos huronianos das cadeias paralelas de Sincorá.

Não é raro observar, nos textos daqueles que retratam a Chapada Diamantina, um certo assombro, quer pelo surgimento de grandiosas cadeias de montanhas em pleno sertão baiano, quer pela beleza de suas paisagens. Considerando seus aspectos geomorfológicos, o biólogo Roy Funch ressalta as dimensões da Chapada Diamantina, que, com cerca de 38.000 km², ocupa, aproximadamente, 15% da área do Estado da Bahia.³⁷

A Chapada Diamantina, como se pode ver, é uma região grande e, assim, bastante heterogênea em termos de seu relevo, clima, geologia, solos e vegetação. Para comparar, é maior que a Holanda (37.000 km²), a Bélgica (33.000 km²), a Albânia (29.000 km²) ou o Haiti (28.000 km²). (FUNCH, 2002. p.13)

³⁶ CUNHA, E. *Os sertões*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s/d, p. 8

³⁷ FUNCH, R. *Um guia para a Chapada Diamantina*. Cruz das Almas: Nova Civilização, 2002, p. 13.

A heterogeneidade apontada implica uma diversidade biológica, com a presença de vários ecossistemas, fazendo da Chapada Diamantina uma área na qual a garantia de equilíbrio em sua biodiversidade vincula-se, em uma estrutura mundial, à preservação da própria biosfera. Sendo a biosfera a porção do planeta que abriga a vida, caracteriza-se, então, como unidade máxima que compreende outras repartições classificatórias. As unidades biogeográficas em que se desenvolvem animais, vegetais e outras formas de vida, em uma associação ambiental, são designadas como biomas. Em uma escala mais pontual e localizada, encontram-se os ecossistemas:

Na escala global, a maior comunidade terrestre ou unidade ecossistêmica é o bioma. O conceito de bioma se baseia no desenvolvimento da comunidade. Os biomas são identificados como a comunidade madura ou associação de espécies dominantes numa determinada condição climática vigente. Os biomas mundiais são regiões homogêneas onde interagem vários fatores, mas nas quais a relação entre vegetação, climas e solos tem influência principal. Por essa razão a descrição dessas macrounidades sempre faz referência a esse tripé. (fonte: IBGE)³⁸

Assim, a idéia de bioma corresponde ao complexo que relaciona a vida, representada pela flora e pela fauna, a um determinado ambiente físico, podendo abrigar em seus limites variados ecossistemas. O conjunto dos biomas, com seus ecossistemas, formam, em um plano geral, a biosfera.

No âmbito dessas proposições, o Ministério do Meio Ambiente e o IBGE apresentaram, em 2004, o *Mapa de Biomas do Brasil*,³⁹ dispondo os seis biomas continentais brasileiros, de acordo com a vegetação predominante em cada área demarcada. Esse produto é um desdobramento das discussões acerca das diretrizes internacionais propostas, originalmente, pela UNESCO em seu programa *Homem e Biosfera*,⁴⁰ ainda nos anos 1970.

³⁸ Fonte: IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>

³⁹ Fonte: IBGE. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Cartas_e_Mapas/Mapas_Murais/>

⁴⁰ Segundo a UNESCO, o objetivo central do Programa MaB é promover o conhecimento, a prática e os valores humanos para implementar as boas relações entre as populações e o meio ambiente em todo o planeta. Disponível em: <<http://www.unesco.org/mab/>>.

O mapeamento brasileiro apresenta os seguintes sistemas: bioma Amazônia, bioma Mata Atlântica, bioma Caatinga, bioma Cerrado, bioma Pantanal e bioma Pampa. Os biomas brasileiros figuram entre os sistemas considerados como reservas da biosfera pela UNESCO, fator que coloca sua importância ecológica em um nível mundial. Ainda que as formações florestais ocupem uma extensão predominante nos domínios de vegetação do Brasil, são igualmente importantes as formações do semi-árido, que traçam uma generosa diagonal no território brasileiro, do Nordeste ao Centro-oeste, separando a região florestal amazônica, a noroeste, e a região de mata atlântica, a leste. Essas formações caracterizam as macrounidades representadas pelos biomas Caatinga e Cerrado.

Sessenta por cento da bacia amazônica se encontra em território brasileiro, onde o **Bioma Amazônia** ocupa a totalidade de cinco unidades da federação (Acre, Amapá, Amazonas, Pará e Roraima), grande parte de Rondônia (98,8%), mais da metade de Mato Grosso (54%), além de parte de Maranhão (34%) e Tocantins (9%). O **Bioma Mata Atlântica** ocupa inteiramente três estados - Espírito Santo, Rio de Janeiro e Santa Catarina - e 98% do Paraná, além de porções de outras 11 unidades da federação.

O **Bioma Cerrado** ocupa a totalidade do Distrito Federal, mais da metade dos estados de Goiás (97%), Maranhão (65%), Mato Grosso do Sul (61%), Minas Gerais (57%) e Tocantins (91%), além de porções de outros seis estados. O **Bioma Caatinga** se estende pela totalidade do estado do Ceará (100%) e mais da metade da Bahia (54%), da Paraíba (92%), de Pernambuco (83%), do Piauí (63%) e do Rio Grande do Norte (95%), quase metade de Alagoas (48%) e Sergipe (49%), além de pequenas porções de Minas Gerais (2%) e do Maranhão (1%). O **Bioma Pantanal** está presente em dois estados: ocupa 25% do Mato Grosso do Sul e 7% do Mato Grosso. O **Bioma Pampa** se restringe ao Rio Grande do Sul e ocupa 63% do território do estado. (fonte: IBGE)

Segundo a classificação do IBGE, os ecossistemas da Chapada Diamantina situam-se, em sua grande maioria, justamente nestes dois biomas do semi-árido; contudo, a fisionomia de seu relevo, sujeito a variações geológicas e climáticas, durante as diferentes eras da constituição geomorfológica do planeta, determinaram a ocorrência de uma multiplicidade de ambientes, tais como campos gerais, campos rupestres, florestas estacionais, matas ciliares e alagados, cada qual com sua organização de flora e fauna peculiar.

A caatinga, cenário tipicamente brasileiro, envolve toda a Chapada Diamantina. Sendo um dos principais biomas do país, está presente em quase toda extensão da região Nordeste. São áreas de baixos índices de precipitações, ou de ocorrências irregulares de chuvas. Nesse ambiente, as espécies vegetais desenvolveram-se em meio à escassez de recursos hídricos, com dispositivos peculiares de retenção de água. As plantas apresentam folhas grossas, ou na forma de espinhos. Destacam-se, nessas paisagens, as cactáceas, como o xique-xique, a palma e o mandacaru.

Já o cerrado é o correspondente brasileiro à savana. Em seus horizontes, avistam-se campos com árvores de pequeno a médio porte, de troncos e galhos retorcidos. Estes aspectos da vegetação podem induzir a uma associação à falta de recursos hídricos, peculiar à caatinga, no entanto, o cerrado brasileiro é geralmente úmido. Aqui, as características do solo, mais especificamente seus nutrientes, é que determinam as formações vegetais do cerrado.

Os campos rupestres, também conhecidos como campos de altitude, ocorrem em áreas montanhosas, sobre superfícies rochosas, com estrutura predominantemente arbustiva ou herbácea. Estão presentes ao longo de toda a cadeia do Espinhaço, tanto em Minas Gerais como na Bahia. Nos campos rupestres da Chapada Diamantina, são numerosas as espécies de orquídeas e bromélias.

Os campos gerais, ou simplesmente gerais, são planícies de altitude, caracterizados por campos largos, apresentando leves inclinações de relevo e vegetação baixa.

Na região ainda ocorrem florestas estacionais, vinculadas às condições climáticas e aos períodos de chuva e de seca, e matas de galerias, ou ciliares, que acompanham as bordas de cursos d'água. Dentre as várias serras que se encontram na área entendida, de maneira geral, como Chapada Diamantina, a serra de maior relevância para esta pesquisa é a serra do Sincorá, pois é entre seus limites que se encontram as cidades de Andaraí, Lençóis, Mucugê e Palmeiras.⁴¹ Devido ao seu relevo escarpado, a região dessa serra apresenta, ao longo de sua extensão, morros monumentais, vastos campos, cânions, rios, cachoeiras, piscinas naturais e cavernas. Todos esses fatores participam do espetáculo cênico revelado pela paisagem da Chapada Diamantina.

⁴¹ As cidades de Andaraí, Lençóis, Mucugê e Palmeiras constituíram-se em torno da mesma atividade de extração de diamante, no século XIX, ficando, então, conhecidas como as Lavras Diamantinas da Bahia.

Hidrografia

Teodoro Sampaio, em sua expedição pelo Rio São Francisco e pela Chapada Diamantina, registra em diário reflexões acerca do ambiente encontrado. Em seus apontamentos, há descrições que abarcam conhecimentos geográficos, geológicos, botânicos, e ainda resgatam passagens históricas importantes. O relato dessa viagem, realizada entre 1879 e 1880, originou o livro *O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina*. No trecho abaixo, Sampaio situa a serra do Sincorá como a região diamantina por excelência:

As montanhas aqui se dispõem em três cordilheiras paralelas, na direção geral de sul-sueste para nor-noroeste, e cortam obliquamente a linha de divisão das águas da bacia do São Francisco e das que correm diretamente ao Atlântico, linha de divisão das águas, sinuosa e irregular no rumo geral de nordeste. [...] A cordilheira mais oriental, distante da precedente cerca de trinta quilômetros, tem o nome geral de serra do Sincorá, por começar ao sul, junto do arraial de mesmo nome, e muito fragmentada, quer no sentido longitudinal, quer no transversal, penetra nos sertões a nor-noroeste com mui diversas denominações. É esta cordilheira a própria Chapada Diamantina, no sentido restrito em que ora se emprega esta denominação. [...] O aspecto da zona diamantina é o de uma região alta, com largos trechos planos nos intervalos de serranias ásperas, abundantemente irrigados na metade sul. Os rios e ribeiros são aí numerosos, e os que são propriamente diamantinos trazem as suas águas escuras ou amarelo-topázio quando tomadas em pouca quantidade. Por isso são freqüentes as denominações como: rio Negro, rio Preto, rio Una (Preto), aplicadas às correntes d'água escura que descem das serras escarpadas e rolam no seu leito de cascalho as pedras preciosas que foram outrora o único incentivo para se povoarem estes lugares tão pouco férteis, sob o ponto de vista agrícola. (SAMPAIO, 2002, p. 247-8 e 250)

Como se verifica, embora situada predominantemente no semi-árido baiano, a Chapada Diamantina é percorrida por inúmeros rios. Em suas serras, estão as nascentes da maioria dos rios que formam as bacias do Paraguaçu e de Contas, duas das mais importantes do estado. A combinação entre as formações geológicas e os recursos hídricos da região é fator determinante para a alta freqüência de acidentes geográficos como morros, serras,

mirantes, cachoeiras, poços e grutas, os quais, revestidos de denominação, constituem o *corpus* desta pesquisa. Assim, faz-se relevante a descrição, ainda que sumária, destas bacias, bem como a abrangência de seus domínios, permeando os núcleos populacionais da região, conforme segue, para uma percepção mais proveitosa do contexto ambiental, no qual os termos toponímicos deste estudo de caso estão inseridos.⁴²

Bacia hidrográfica do rio Paraguaçu⁴³

A nascente do rio Paraguaçu encontra-se a cerca de 1.200 metros de altitude em relação ao nível do mar, nas fazendas Farinha Molhada, Paraguaçu e Brejões, no município de Barra da Estiva, serra do Sincorá. Após atravessar aproximadamente 500 quilômetros, tem sua foz no oceano Atlântico, na baía de Todos os Santos. Relaciona-se, em seus limites, com as bacias dos rios São Francisco e Itapicuru (ao norte); dos rios de Contas, Jiquiriçá e Jaguaribe (ao sul); do São Francisco (a oeste); e dos rios Pojuca e Inhambupe (ao leste).

Seus principais afluentes são:

- à margem direita: rio Una e seus afluentes (córrego da Jibóia, riacho Santo Antônio e rio do Jegue); riacho Pau-a-Pique; riacho Caatinga do Miranda e seus afluentes (riacho da Paloma e Tanque da Cancela); riacho Santo Antônio e riacho Fundo.
- à margem esquerda: rio Alpercata; rio Santo Antônio e seus afluentes (rio Tijuco, riacho Preto, riacho do Cerco); rio Utinga e seus afluentes (córrego Bom Sucesso e riacho dos Patis); riachos Canoa Brava, Grande, e Tupim e seus afluentes (Canoa e Cotia); rio Santa Isabel, rio Capivari com seus afluentes (rio Saracura e seu contribuinte riacho da Cana Brava e riacho Águia Branca); rio do Peixe com seus afluentes (riachos Seco, Vitória, Congonha; rios Cairu, Imbé, Jitirana, Paulista e Jundiá); rio Paratigi e afluentes (rio Zabelê, rio Curimataí, Ribeirão do Cavaco); e finalmente o rio Jacuípe e seus afluentes (riacho do Maia e rio Principal).

⁴² Os topônimos elencados nas descrições dessas bacias hidrográficas, sejam nomes de rios ou de cidades, são apresentados, aqui, em caráter contextual e não fazem parte, exceto quando indicado, do recorte do *corpus*, de maneira que não serão submetidos à análise toponímica. Contudo, fica registrado o potencial de um estudo toponímico que venha a examinar, a partir dos elementos lexicais, as relações entre recursos hídricos e núcleos populacionais.

⁴³ Fonte: Sistema Estadual de Informações Ambientais da Bahia (SEIA). Disponível em: <<http://www.seia.ba.gov.br>>.

A área da bacia do rio Paraguaçu é de aproximadamente 50.000 km², passando por mais de 80 municípios: **Andaraí**, Anguera, Antônio Cardoso, Baixa Grande, Boninal, Boa Vista do Tupim, Barra da Estiva, Barro Alto, Bonito, Cabaceiras do Paraguaçu, Cachoeira, Candeal, Capela Alto Alegre, Castro Alves, Conceição de Feira, Conceição do Coité, Cruz das Almas, Cananarana, Feira de Santana, Gavião, Governador Mangabeira, Iaçú, Ibiquera, Ichu, Ipecaeta, Ipirá, Itaquara, Itaberaba, **Itaeté**, Itatim, Lajedinho, **Lençóis**, Macajuba, Mairi, Maragogipe, Marcionílio Souza, Miguel Calmon, Milagres, Morro do Chapéu, Mundo Novo, Mulungu do Morro, Muritiba, **Mucugê**, Nova Fátima, **Nova Redenção**, Pé de Serra, Pintadas, Piritiba, **Palmeiras**, Planaltino, Rafael Jambeiro, Retirolândia, Riachão do Jacuípe, Ruy Barbosa, Santa Bárbara, Santa Terezinha, Santo Estevão, São Domingos, São Félix, São Gonçalo dos Campos, São José do Jacuípe, Sapeaçu, Saubara, Serra Preta, **Seabra**, Serrinha, Souto Soares, Tanquinho, Tapiramutá, Utinga, Várzea da Roça, Várzea do Poço, Wagner.

Bacia hidrográfica do rio de Contas⁴⁴

A nascente do rio de Contas encontra-se no município de Piatã, mais ao sul da Chapada Diamantina, com foz no oceano Atlântico, no município de Itacaré. Sua bacia limita-se com as bacias do Recôncavo Sul, Paraguaçu, São Francisco, Pardo e com as bacias do Leste.

Seus principais afluentes são:

- à margem direita: rio Brumado, rio Gavião e rio Gongogi.
- à margem esquerda: rio Ourives, rio do Laço, rio Jequezinho e rio Oricó.

Com área de drenagem de dimensões próximas às da bacia do rio Paraguaçu, a bacia hidrográfica do rio de Contas atende os municípios de: Abaíra, Aiquara, Anagê, Aracatu, Aurelino Leal, Barra da Estiva, Barra do Rocha, Belo Campo, Boa Nova, Bom Jesus da Serra, Brumado, Caculé, Caetanos, Caetité, Caraíbas, Condeúba, Contendas do Sincorá, Cordeitos,

⁴⁴ Fonte: Sistema Estadual de Informações Ambientais da Bahia (SEIA). Disponível em: <<http://www.seia.ba.gov.br>>.

Dário Meira, Dom Basílio, Érico Cardoso, Gongogi, Guajeru, Ibiassucê, Ibicuí, Ibirapitanga, Ibirataia, Iguai, Ipiauí, Iramaia, Itagibá, Itacaré, Itagi, Itapitanga, Itiruçu, Ituaçu, Jacaraci, Jequié, Jitaúna, Jussiapé, Lafaiete Coutinho, Lagoa Real, Licínio de Almeida, Livramento do Brumado, Maetinga, Malhada de Pedras, Manoel Vitorino, Maracás, Mirante, Mortugaba, Nova Canaã, Paramirim, Piatã, Piripá, Poções, Presidente Jânio Quadros, Rio de Contas, Rio do Antônio, Tanhaçu, Tremendal, Ubaitaba, Ubatã e Vitória da Conquista.

CONTEXTOS HISTÓRICOS

A porção leste centro-leste da Chapada Diamantina, arredores da serra do Sincorá, é a região de estudo desta pesquisa. Região onde, no século XIX, surgiram as principais cidades do ciclo do diamante – Andaraí, Lençóis, Mucugê e Palmeiras – e onde, posteriormente, em 1985, foi demarcado o Parque Nacional da Chapada Diamantina.

O ciclo do diamante

No início do século XIX, os naturalistas alemães Johann Baptiste Von Spix e Karl Friedrich Philipp Von Martius integraram um grupo científico em viagem ao Brasil.⁴⁵ A missão desses cientistas foi estudar a Botânica, a Zoologia, a Etnologia e também a Mineralogia do país. Para tanto, permaneceram de 1817 a 1820 empreendendo as viagens de pesquisa que resultariam no livro *Viagem pelo Brasil*. A passagem dos naturalistas antecede as fundações das principais cidades baianas do ciclo do diamante. Contudo, a notícia do diamante já se anunciava naquelas paragens. Durante a travessia que empreenderam pelo território baiano (SPIX e MARTIUS, 1981), reconheceram ali o caráter diamantino da região, no entanto, as lavras de diamantes da Bahia ainda permaneceriam intocadas por algumas décadas⁴⁶.

Pode-se considerar esta serra do Sincorá, como a última irradiação nordeste do grande maciço da serra da Mantiqueira. Traça o limite entre o planalto e as baixadas da Província da Bahia. Para oeste, o clima é mais instável e mais úmido e, para leste, mais seco. Dizem que se acharam diamantes na sua encosta de leste. (SPIX; MARTIUS, 1938, p.64)

Entre os séculos XVII e XVIII, a mineração em terras brasileiras concentrou-se, sobretudo, nas Minas Gerais. Sob o controle da Coroa Portuguesa, e por meio do Regime da

⁴⁵ O grupo fazia parte da comitiva da Arquiduquesa Maria Leopoldina, filha do imperador da Áustria, em viagem para realizar seu casamento com o Príncipe Dom Pedro de Bragança e Bourbon, herdeiro do trono de Portugal.

⁴⁶ SPIX, J.V. e MARTIUS, C.F.P.V. *Através da Bahia*. São Paulo: Nacional, 1938.

Real Extração, as atividades de mineração foram proibidas fora da área demarcada. De fato, a exploração de diamantes, bem como a ocupação habitacional dessa região da Chapada Diamantina, só veio a ser empreendida após ser decretada a liberdade de exploração em 1832. Sampaio relata o episódio histórico que teria dado origem ao grande fluxo de populações naquela direção:

[...] José Pereira do Prado, morador em Bom Jesus do Rio de Contas, e conhecedor de diamantes, por os ter lavrado na Chapada Velha, percorrendo as terras marginais do ribeirão do Mucujê, então fazenda de gado do coronel Reginaldo Landulfo da Rocha Medrado, reconheceu pelo aspecto das montanhas e pela cor negra das águas que o lugar devia produzir diamantes, e então, fazendo um ensaio de algumas horas, logrou extrair algumas oitavas que levou a vender na referida Chapada Velha, então considerado o centro das lavras e do comércio de diamantes. Eram os diamantes do Mucujê de maior volume e mais belos que os da Chapada Velha, o que, despertando a atenção dos aventureiros e excitando-lhes a cobiça, determinou uma grande invasão de garimpeiros para as margens do Mucujê. (SAMPAIO, 2002, p. 259-260)

Esse evento é tido como o marco inaugural da “corrida do diamante”. Após as primeiras descobertas de diamantes na região, por volta de 1844, ocorre uma verdadeira corrida em busca da riqueza mineral: em pouco tempo cerca de trinta mil homens já ocupavam as novas áreas por conta do garimpo. Muitas dessas pessoas migravam da região das lavras de Minas Gerais e também do Alto Sertão. Já em 1845, é possível verificar ali o surgimento de várias cidades, tais como Santa Isabel do Paraguaçu Diamantino (atual Mucugê), Andaraí e Lençóis.

Estrutura-se verdadeira hierarquia no trato da mineração, desde os mais abastados donos das terras nas quais se encontravam as áreas de mineração, passando pelos comerciantes da capital e da região do recôncavo baiano, que também por lá se estabeleceram, financiando a mineração e gerenciando as rotinas de exportação das pedras, e, evidentemente, do lado mais precário figuravam, em princípio, os escravos, posteriormente os garimpeiros. É nesse período que Lençóis se transforma na terceira maior cidade da Bahia, atrás apenas de Salvador e de Feira de Santana. Lençóis, à época, passa a sediar um subconsulado francês, que operava em agilizar as remessas de diamante para a Europa. Milton Santos, em *O*

povoamento da Bahia, reforça o papel atribuído à mineração nas lavras diamantinas de uma ação catalisadora de povoamento de boa parte da região central da Bahia⁴⁷:

Não foram poucas vezes que surgiram proibições do governo central, vetando a exploração de minas na Bahia e, mesmo, mandando fechar algumas, impedindo do mesmo passo, o povoamento da região. A mineração, entretanto, não fugiu ao seu papel histórico, mas desempenhou-o à maravilha, pois, a despeito de todos os vetos e proibições, forçou a criação e desenvolvimento de lugarejos, depois vilas e cidades, nascidas e alimentadas por obra e graça daquela ocupação econômica. É um exemplo típico de que, mesmo contra a vontade oficial, a influência do fator econômico pode fazer-se sentir, determinando, só por só, a eclosão do surto povoador. p. 73

Essa fase de exploração, de riquezas e opulências, iniciada nas últimas décadas do século XIX, durou cerca de trinta anos. Depois disso, o esgotamento das lavras na Chapada Diamantina, ao alcance das técnicas da época, e a descoberta dos diamantes na África do Sul causaram o declínio econômico de toda a região.

Século XX: coronelismo e declínio

Nos primeiros anos do século XX, a região das Lavras Diamantinas, que ainda gozava do prestígio relativo ao apogeu, ainda recente, da mineração, foi palco de conflitos entre os coronéis da aristocracia do sertão, que ambicionavam poder político e posses territoriais.⁴⁸ Horácio de Matos foi o mais destacado deles. Dentre seus feitos, até hoje rememorados, estão as negociações políticas estabelecidas com o próprio governo federal⁴⁹ e, sobretudo, a perseguição à Coluna Prestes, até a saída desta do território brasileiro, rumo à Bolívia, empreendida pelo Batalhão Patriótico das Lavras Diamantinas, sob seu comando.⁵⁰ Contudo,

⁴⁷ SANTOS, M. *O povoamento da Bahia: suas causas econômicas*. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1948.

⁴⁸ Euclides da Cunha retrata a situação do sertão baiano a essa época: “Quando se tornou urgente pacificar o sertão de Canudos, o governo da Bahia estava a braços com outras insurreições. A cidade de Lençóis fora investida por atrevida malta de facínoras, e as suas incursões alastravam-se pelas Lavras Diamantinas; o povoado de Brito Mendes caíra às mãos de outros turbulentos; e em Jequié se cometiam toda sorte de atentados.” (*Os sertões*, p. 193).

⁴⁹ O episódio conhecido como *Convênio de Lençóis* registra o acordo feito entre o governo e Horácio de Matos, garantindo a este o controle da política regional e o direito de indicar nomes para os cargos de deputado federal e senador (MORAES, 1963, p.97).

⁵⁰ Horácio de Matos organizou um exército de jagunços para auxiliar o governo federal, sendo, posteriormente, agraciado com o cargo de Intendente de Lençóis, com estatuto de gestor municipal (MORAES, 1963, p.189).

com a mudança do cenário político, após a revolução de 30, Horácio de Matos é preso e levado a Salvador. Lá, consegue, por pressão de setores políticos conservadores, a liberdade condicional, o que não impediu, no entanto, que fosse assassinado logo em seguida.⁵¹ Sem as lideranças políticas tradicionais e com o comércio proveniente da mineração seriamente comprometido pelo esgotamento dos recursos, a Chapada Diamantina entra em seu período de abandono e pobreza. O historiador Walfrido Moraes, em sua obra *Jagunços e Heróis*, ilustra esse período no capítulo *Êxodo e Decadência*:

Milhares e milhares de garimpeiros e mesmo de famílias e de indivíduos que exerciam atividades correlatas à garimpagem, foram deixando a região. E o êxodo passou a ser tão grande, tão febril, que dava a impressão de que toda aquela gente, que enchia com as caravanas longas as estradas tristes, estivesse fugindo de uma calamidade ou de uma guerra. O destino?... O destino era São Paulo. O destino eram os sertões de Goiás, de Minas Gerais, Paraná e, sobretudo, do Mato Grosso. O destino eram os garimpos que alardeavam, riquíssimos, do Rio das Garças, de Três Lagoas, do Lajedo, de Cuiabá, de Caçununga, do Poxoréu, de Aquidauana. (MORAES, 1963, p. 210)

Em sua primeira fase, os garimpos tradicionais da Chapada Diamantina eram manuais, valendo-se de técnicas rudimentares de escavação e de desvio de cursos d'água para a "lavagem", visando a separação do diamante do material escavado. A oferta era tamanha que os diamantes eram encontrados quase à superfície. Na segunda metade do século XX, o garimpo, desta vez mecanizado, foi novamente explorado na serra do Sincorá, por empresas de mineração, utilizando o leito dos rios para, por meios de dragas, revolver suas camadas mais profundas em busca de depósitos diamantíferos remanescentes. Atualmente, o garimpo está proibido na Chapada Diamantina devido ao impacto extremamente prejudicial ao meio-ambiente.

Todavia, a formação cultural da região é calcada no garimpo e na figura do garimpeiro. Em Lençóis, a principal comemoração da cidade ainda é a festa do Senhor Bom Jesus dos Passos, padroeiro dos garimpeiros. Realizada, anualmente, há mais de um século, a festa, que é precedida por uma novena, ocorre no dia 2 de fevereiro e tem como destaque a

⁵¹ Em 1998, sob a administração do governo estadual, é inaugurado, em Lençóis, o aeroporto Coronel Horácio de Matos.

procissão que conduz pela cidade uma imagem do Senhor Bom Jesus dos Passos vinda de Portugal.

Garimpo, devoção e festa em Lençóis, BA, de M. Salete Petroni de Castro Gonçalves, que pesquisou o folclore na cidade de Lençóis, entre os anos 1976 e 1979, revela um retrato da vida nas lavras diamantinas neste período intermediário entre os ciclos do diamante e do turismo:⁵²

Lençóis é pequena, bem pequena. E pobre também, ao menos no sentido estritamente econômico que a palavra possa ter. Nesse plano, ela vive, não de um passado, que na melhor hipótese lhe dá glória, mas de um presente que lhe permite apenas sobreviver. (GONÇALVES, 1984, p.30)

Nesse panorama de abandono, Gonçalves aponta o número da população de Lençóis, em 1970, em cerca de 3.500 pessoas, praticamente 10% apenas dos 30.000 indivíduos⁵³ que ocupavam seus largos, becos e ladeiras no auge do diamante. Após a retomada econômica da região, por meio do turismo, o IBGE registra, em 2007, 9.617 habitantes residentes. Essa mesma dinâmica causada pela decadência do garimpo e pelo posterior êxito do turismo pode ser observada nas demais cidades da Chapada Diamantina, ainda que, isoladamente, cada cidade da região tenha obtido resultados diferentes com a atividade turística, devido a fatores administrativos, políticos e mesmo culturais.

⁵² GONÇALVES, M.S.P.C. *Garimpo, devoção e festa em Lençóis, BA*. São Paulo: Escola de Folclore, 1984, p.30.

⁵³ MORAES, *op. cit.*, p.14

O advento do turismo

Ainda que ações governamentais vislumbrassem preocupações com a preservação do meio-ambiente nacional desde os anos de 1930,⁵⁴ durante décadas, a região da Chapada Diamantina permaneceu estagnada economicamente, forçando a migração de parte considerável de seu contingente populacional para outras regiões do país.

Em outubro de 1971, durante o *II Encontro de Governadores para a Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico do Brasil*, o IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, por meio do documento conhecido como *Compromisso de Salvador*, sugere “a inscrição, como monumento de valor cultural, do acervo urbano de Lençóis – Bahia”.⁵⁵ O tombamento do sítio urbano de Lençóis deu-se em 1973, sendo que outras duas cidades das antigas lavras diamantinas vieram a completar o quadro regional de tombamentos: Andaraí e Mucugê. Contudo, nos anos 1970, o fluxo turístico ainda era formado, quase que exclusivamente, por viajantes que cruzavam, “de passagem”, a região rumo a outros destinos. Cabe notar que, no começo da década de 1980, Lençóis contava somente com um hotel.⁵⁶

Uma mudança desse quadro começou a ser percebida, paulatinamente, a partir da segunda metade dos anos 1980, impulsionada pela criação do Parque Nacional da Chapada Diamantina, em 1985, e pelo advento do turismo ecológico.⁵⁷ Resultado de um processo de

⁵⁴ “O Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, equipara o patrimônio natural ao patrimônio histórico e artístico nacional, tornando monumentos naturais como Jardins e Paisagens, bem como os bens agenciados pela indústria humana, como os parques, passíveis de tombamento, uma vez que o objetivo seja conservar e proteger a feição notável que possuam. Um jardim histórico é uma composição arquitetônica e vegetal que, do ponto de vista da história ou da arte, apresenta um interesse público e como tal é considerado monumento.” Fonte: IPHAN. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br>>.

⁵⁵ Fonte: IPHAN. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br>>.

⁵⁶ Na reflexão de Gonçalves (1984, p. 22) acerca das perspectivas econômicas da região, na segunda metade da década de 1970, o turismo sequer é considerado: “O município de Lençóis, que durante este século viveu vantagens e desvantagens da estagnação econômica, vendo sua população em gradativo e constante decréscimo, agora, prepara-se, ao que tudo indica, para uma nova fase de progresso e riqueza, que, desta vez, não serão provocados pelo diamante nem pelo carbonado. Provavelmente, o garimpeiro irá, em breve, deparar com elementos até então desconhecidos do seu mundo, como o grande cafezal, a plantação de trigo e soja, o gado criado e engordado segundo as prescrições veterinárias.”

⁵⁷ O *turismo ecológico*, ou *ecoturismo*, é a atividade turística cujo objeto é tanto o elemento natural, no sentido próprio de natureza, quanto o elemento cultural que envolve tal contexto natural. Sob este aspecto, caracteriza-se como uma atividade que, ao menos em tese, supõe a preservação ambiental e a perpetuação da memória cultural, ao mesmo tempo em que provê recursos para a sustentabilidade econômica regional.

mobilização de ambientalistas e das comunidades locais, a implantação do parque esteve, por muitos anos, apenas oficialmente declarada, sem que, no entanto, recursos humanos e financeiros fossem dirigidos de forma adequada ao gerenciamento de uma área dessa magnitude (152.000 hectares).

“DECRETO Nº 91.655, DE 17 DE SETEMBRO DE 1985

Cria o Parque Nacional da Chapada da Diamantina.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando das atribuições que lhe confere o artigo 81, item III, da Constituição, e o que dispõe o artigo 5º, alínea "a", da lei nº 4.771, de 15 de setembro de 1965,

DECRETA:

Art 1º - Fica criado, no Estado da Bahia, o PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DIAMANTINA, com o objetivo de proteger amostra dos ecossistemas da Serra do Sincorá, na Chapada Diamantina, assegurando a preservação de seus recursos naturais e proporcionando oportunidades controladas para uso pelo público, educação, pesquisa científica e também contribuindo para a preservação de sítios e estruturas de interesse histórico-cultural existentes na área.” (fonte: IBAMA)

O gerenciamento do parque nacional é atribuição do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), cuja missão principal é viabilizar as políticas do governo federal para o meio ambiente, promovendo a conservação dos ecossistemas representativos do Brasil. Para tanto, estabeleceu-se o conceito de *unidades de conservação*, as UC, segundo as seguintes subdivisões: *unidades de conservação de uso direto*, destinadas à conservação da biodiversidade, com gerenciamento do uso sustentável dos recursos naturais; e *unidades de conservação de uso indireto*, destinadas à conservação da biodiversidade, no entanto, com programas de pesquisa científica, educação ambiental e promoção de lazer.

Os Parques Nacionais

Na definição do IBAMA, os parques nacionais “são porções do território nacional, que devido aos seus elevados atributos naturais ou culturais, estão postas sob jurisdição do

Governo Federal, garantindo, assim, seu caráter perene para o bem-estar da humanidade”⁵⁸. A criação dos parques nacionais assegura, em termos oficiais, o estatuto de patrimônio a ambientes naturais ou culturais, potencializando os atributos de seus ecossistemas, sobretudo na promoção da pesquisa científica e do usufruto turístico.

Nessa orientação, mais de trinta parques nacionais foram criados pelo governo brasileiro considerando a preservação da biodiversidade. Não obstante, esses parques são também destino de muitos que procuram praticar atividades associadas ao ecoturismo.

No caso específico da Chapada Diamantina, após a criação do parque nacional, houve uma maior exposição da região na mídia,⁵⁹ o que incrementou, substancialmente, o fluxo de turistas e, como consequência, promoveu uma multiplicação de serviços de infra-estrutura, como hotéis, pousadas, restaurantes e agências locais de turismo. Dessa forma, os anos 1990 e 2000 foram caracterizados pela exploração do potencial turístico, seja por iniciativas privadas, em grande medida promovidas por empresários de fora da Chapada Diamantina, seja por iniciativas das gestões governamentais, consubstanciadas em projetos de desenvolvimento, como o já abordado Prodetur, ou ainda o 1º Censo Cultural da Bahia⁶⁰, realizado pela Secretaria de Cultura e Turismo, entre 2002 e 2006. No quadro atual, a Chapada Diamantina é freqüentemente citada entre os dez melhores destinos turísticos do país e recebe cerca de 100.000 turistas ao ano.

Ainda que, nos últimos anos, uma grande quantidade de empresas de turismo de outras localidades tenham se estabelecido na região, é ainda o indivíduo local que domina o conhecimento do espaço geográfico. Observando que as trilhas do turismo de hoje estão ligadas, em sua origem, aos caminhos do garimpo, os guias nativos, como são chamados, herdaram de seus pais e avós – os garimpeiros – um saber que envolve a percepção sutil dos sinais das serras, dos rios, das alterações meteorológicas, enfim, uma leitura profunda do ambiente, a configurar interessante conexão entre os ciclos do diamante e do turismo, cujo vértice é o homem em diferentes relações com o lugar.

⁵⁸ Fonte: IBAMA. Disponível em: <<http://www.ibama.gov.br>>.

⁵⁹ A Rede Globo de Televisão exibiu, no horário nobre, em difusão nacional, entre 06/01/1992 e 01/08/1992, a novela *Pedra sobre Pedra*, cuja trama era ambientada na Chapada Diamantina (fonte: Memória Globo, disponível em <<http://www.memoriaglobo.com>>). A abertura da novela apresentava a paisagem local combinada com efeitos especiais de computação gráfica. Com isso, a região passou a ser objeto de interesse de jornais, revistas, e de outros programas televisivos, colaborando, assim, com o aumento do fluxo de turistas.

⁶⁰ Disponível em <<http://www.censocultural.ba.gov.br>>.

O LUGAR E O NÃO-LUGAR

A realidade geográfica, por intermédio do nome a ela associado, delimita-se e se realça envolta de sentido. Mediante expedientes icônicos, simbólicos ou indicativos, o homem criou e cria palavras na tarefa de apreensão do ambiente que o envolve, de demarcá-lo e situá-lo entre os demais lugares. No escopo desse ambiente perceptível, os espaços físicos tomam “lugar”: áreas geográficas ganham maior ou menor relevância em uma comunidade de acordo com as demandas sociais, políticas e econômicas, pois o espectro das atividades de um agrupamento humano dá-se, em grande medida, em função desses vínculos. Cabe, aqui, o comentário de Santos sobre a seleção do espaço pelo homem na História.⁶¹

Ontem, o homem escolhia em torno, naquele seu quinhão de natureza, o que lhe podia ser útil para a renovação de sua vida: espécies animais e vegetais, pedras, árvores, rios, feições geológicas. Esse pedaço de mundo é, da Natureza toda que ele pode dispor, seu subsistema útil, seu quadro vital. (SANTOS, 1994).

Com a incorporação do espaço, o homem passa a se relacionar com o ambiente segundo seus aspectos físicos e suas possibilidades sociais. Na medida em que passa a ser referenciado, o lugar é instaurado, e, com isso, percebido pela comunidade por seu traço de distinção, e, ainda, como porção geográfica integrada aos seus domínios espaciais. Assim, de forma figurativa, o lugar surge com o nome. A partir do momento em que essa conformação primeira é estabelecida, aquilo que era um não-lugar torna-se lugar⁶², e, pela intermediação lingüística, esses lugares assumem, diante da comunidade, significado e identidade. Diante desse mecanismo, a satisfação de algum tipo de necessidade parece orientar o processo de assimilação do ambiente. A partir daí, a atividade social desenvolve modos de se relacionar com o ambiente, usufruindo dos recursos que são oferecidos e propiciando o surgimento de produções culturais, tomadas aqui em seu sentido mais amplo.

⁶¹ SANTOS, M. *Técnica, espaço, tempo. Globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: 1994, p. 16-17.

⁶² DICK, M. V. P. A. *Aspectos de etnolingüística – a toponímia carioca e paulistana – contrastes e confrontos*. In: *Revista da USP*, São Paulo: 2003, n. 56, p. 180-191.

Desse modo, o homem parte da contemplação passiva da realidade natural à criação de lugares, estabelecidos pelo nome e pela característica referencial que esse nome assume diante do objeto nomeado. A necessidade de nomear o lugar é a necessidade de dar-lhe relevo, de destacá-lo de um universo espacial, segundo a funcionalidade desse recorte para determinada comunidade. Malinovsky, após estudar as relações entre os conceitos de forma e função de sociedades do Pacífico ocidental, ressalta o caráter instrumental das expressões culturais:

A cultura é, essencialmente, um aparato instrumental; através dela o homem é colocado em posição de melhor tratar os problemas concretos específicos que enfrenta em seu ambiente, no decurso da satisfação de suas necessidades. (MALINOWSKY, 1970, p. 76)⁶³

A interação do homem com o ambiente é percebida pelo autor ao relacionar a própria manutenção da cultura, e aí está inclusa a sua transmissão às gerações seguintes, aos mecanismos de projeção do ideário de uma comunidade sobre o espaço físico no qual está inserida. Essa mesma relação pode ser verificada na ação do sujeito nomeador que, por intermédio do gesto lingüístico, se apropria de determinado espaço, dando-lhe forma e impregnando traços de sua cultura no ato de nomeação.

A Toponímia, definindo o signo toponímico como o nome aplicado a um lugar, e, ainda, como uma expressão lingüístico-cultural da presença do homem em certo espaço físico numa dada época, evidencia o gesto humano de apreensão do ambiente mediante o ato de nomear (DICK, 1990). O topônimo emerge de uma paisagem no tempo e, assim, projeta, para além de seu entendimento estritamente lingüístico, um discurso acerca de uma realidade extralingüística proveniente de seu contexto original. Muito embora nem sempre esse dado primeiro seja transparente e imediatamente passível de compreensão, é justamente o trabalho de decodificação do topônimo, em uma perspectiva diacrônica, que poderá tornar acessível o mecanismo motivador de um dado processo denominativo. Por outro lado, em uma perspectiva sincrônica, pode-se estabelecer um panorama de motivações nos topônimos coexistentes em uma dada comunidade, em determinado espaço geográfico.

⁶³ MALINOWSKY, B. *Uma teoria científica da cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

CAPÍTULO III

FICHAS LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICAS

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	1	Localização	BA	Município	Andaraí
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira	do	Bocório
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	animotopônimo				
Entrada lexical	bocório				
	“substantivo masculino. Regionalismo: Rio Grande do Sul. alteração acalorada; bate-boca” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto	“O Bocório é um poço e cascata no alto na serra, a mais ou menos uma hora da cidade.” F*				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	2	Localização	BA	Município	Andaraí
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira	dos	Pombos
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	zootopônimo				
Entrada lexical	pombo				
	“substantivo masculino. 1 Rubrica: ornitologia. ave columbiforme da fam. dos columbídeos (<i>Columba livia</i>), originária do paleártico e domesticada há 5.000 anos pelos asiáticos para servir de alimento e correio [Foi introduzida no Brasil no século XVI e hoje ocupa livremente diferentes regiões do país.]” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	3	Localização	BA	Município	Andaraí
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira	do	Ramalho
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	antropotopônimo				
Entrada lexical	Ramalho				
	substantivo próprio. nome de pessoa				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto	“O rio Baiano nasce nas serras dentro Parque Nacional da Chapada Diamantina perto do vale do Paty, formando várias cachoeiras, cascatas e poços no seu traeto até a cidade de Andaraí. e seu deságüe no rio Paraguaçu. A cachoeira do Ramalho é o salto mais alto (90 metros), visível desde a cidade.” F*				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	4	Localização	BA	Município	Andaraí
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira	das	Três Barras
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	numerotopônimo				
Entrada lexical	três				
	“numeral. 1 cardinal (substantivo masculino) dois mais um; o número logo acima de dois” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo composto				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto	“Depois do poço do Bocório, você pode continuar subindo a serra, seguindo o curso d'água, até chegar nas cascatas das Três Barras, três cachoeiras uma atrás da outra.” F*				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	5	Localização	BA	Município	Andaraí
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			gruta	da	Marota
Acidente geográfico			gruta	Tipo	físico
Taxionomia	etnotopônimo				
Entrada lexical	maroto				
	“substantivo masculino. 4 Regionalismo: Brasil. Diacronismo: obsoleto. epíteto atribuído por brasileiros aos portugueses, esp. na BA, a começar da época da Independência; galego” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	6	Localização	BA	Município	Andaraí
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			gruta	da	Paixão
Acidente geográfico			gruta	Tipo	físico
Taxionomia	hierotopônimo				
Entrada lexical	paixão				
	“substantivo feminino. 1 o sofrimento de Jesus Cristo na cruz” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	7	Localização	BA	Município	Andaraí
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			mirante	do	Paraguaçu
Acidente geográfico			mirante	Tipo	físico
Taxionomia	hidrotopônimo				
Entrada lexical	pará				
Etimologia	do tupi, <i>pará</i> : rio; <i>guaçu</i> : grande. H*				
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	8	Localização	BA	Município	Andaraí
Topônimo	<i>Termo genérico</i>				<i>Termo específico</i>
	mirante				Rampa do Caim
Acidente geográfico	mirante			Tipo	físico
Taxionomia	ergotopônimo				
Entrada lexical	rampa				
	“substantivo feminino. 1 plano com aclave ou declive; ladeira” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo composto				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	9	Localização	BA	Município	Andaraí
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			nascentes		Olhos d'Água
Acidente geográfico				Tipo	físico
Taxionomia	hidrotopônimo				
Entrada lexical	olho-d'água				
	“substantivo masculino. Nascente de água no solo; fonte perene; borbotão, minadouro, olho” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo composto				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto	“Este olho d'água é uma minação de água cristalina que forma uma lagoa muito interessante na beira do rio Paraguaçu. Dá para ver perfeitamente o fundo da lagoa há vários metros de profundidade, e todos os peixes e tartarugas que lá habitam.” F*				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	10	Localização	BA	Município	Andaraí
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			poço	da	Donana
Acidente geográfico			poço	Tipo	físico
Taxionomia	antropotopônimo				
Entrada lexical	Ana				
	substantivo próprio. Nome de pessoa				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	11	Localização	BA	Município	Andaraí
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			rio		Coisa Boa
Acidente geográfico			rio	Tipo	físico
Taxionomia	animotopônimo				
Entrada lexical	coisa				
	“substantivo feminino. 13 algo que provoque estímulo, que entusiasme; motivo, incentivo, compensação” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo composto				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto	“Neste lugar entra no Paraguaçu, pela direita, o riacho das Piabas ou Coisa Boa, que nasce na serra do Emparedado, banha o arraial do Xiquexique, e é muito diamantino.” S*				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	12	Localização	BA	Município	Andaraí
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			rio		Garapa
Acidente geográfico			rio	Tipo	físico
Taxionomia	ergotopônimo				
Entrada lexical	garapa				
	“substantivo feminino. 1 Regionalismo: Brasil. caldo extraído da cana-de-açúcar” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	13	Localização	BA	Município	Andaraí
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			vale	do	Paty
Acidente geográfico			vale	Tipo	físico
Taxionomia	fitotopônimo				
Entrada lexical	pati				
	substantivo masculino. Regionalismo: Brasil.1 Rubrica: angiospermas. m.q. baba-de-boi (<i>Syagrus botryophora</i>) 2 Rubrica: angiospermas. m.q. palmito-amargoso (<i>Syagrus pseudococos</i>) H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico	“Paty é tão antigo quanto as lavras de diamante da região. Descoberto pelos garimpeiros, o vale se revelou relativamente pobre em pedras preciosas, mas tinham os solos profundos e férteis, que respondiam ao trato dos roceiros.” F*				
Informações enciclopédicas					
Contexto	“Há quem acredite que é o nome de uma família que morava lá. Outros lembram que paty era o nome de uma palmeira que crescia no vale, cujos talos foram usados como ripas para telhar as casas.” F*				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	14	Localização	BA	Município	Ibicoara
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira	do	Buracão
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	geomorfotopônimo				
Entrada lexical	buraco				
	“substantivo masculino. 1 espaço vazio, cavidade ou depressão, natural ou artificial, de profundidade variável, apresentada por um corpo, uma superfície” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto	“A queda tem 85 metros. O rio Espalhado se atira caudaloso em uma espécie de caldeirão rochoso gigante, formando uma piscina de águas geladas e escuras.” TEIXEIRA_L				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	15	Localização	BA	Município	Ibicoara
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira	da	Fumacinha
Acidente geográfico			cacheira	Tipo	físico
Taxionomia	meteorotopônimo				
Entrada lexical	fumaça				
	“substantivo feminino. 1 porção de vapor resultante de um corpo em chamas” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	16	Localização	BA	Município	Ibicoara
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira	do	Licuri
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	fitotopônimo				
Entrada lexical	licuri				
	“substantivo masculino. Rubrica: angiospermas. palmeira de até 10 m (<i>Syagrus coronata</i>), nativa do Brasil (PI, PE a MG), de estipe com cicatrizes dos pecíolos em espiral e de cuja medula se produz farinha, folhas penatífidas, que servem como cobertura e para extração de fibras us. em chapéus, e frutos globosos, de tom ocre-escuro, comestíveis, us. como ração, para extrair cera e o óleo da semente, que cura feridas produzidas por arraias” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	17	Localização	BA	Município	Ibicoara
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira	das	Raízes
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	fitotopônimo				
Entrada lexical	raiz				
	“substantivo feminino. 8 Rubrica: morfologia botânica. eixo de uma planta vascular, que se desenvolve a partir da radícula, ger. descendente e subterrâneo, freq. com ramificações secundárias, e que serve para fixá-la a um substrato, além de absorver e conduzir água e minerais” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	18	Localização	BA	Município	Ibicoara
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira		Véu de Noiva
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	ergotopônimo				
Entrada lexical	véu				
	“substantivo masculino. 1 Rubrica: vestuário. tecido us. para cobrir” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	19	Localização	BA	Município	Ibicoara
Topônimo	<i>Termo genérico</i>				<i>Termo específico</i>
	rio				Espalhado
Acidente geográfico	rio			Tipo	físico
Taxionomia	morfotopônimo				
Entrada lexical	espalhado				
	“adjetivo. 1 que se espalhou.” “espalhar: verbo. transitivo direto e pronominal. 5 lançar(-se) em muitas direções, esparramar(-se), disseminar(-se)” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	20	Localização	BA	Município	Iraquara
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira	da	Cana Brava
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	fitotopônimo				
Entrada lexical	cana-brava				
	“substantivo feminino.Rubrica: angiospermas.1 erva de até 3 m (<i>Erianthus saccharoides</i>), da fam. das gramíneas, nativa do Brasil (BA até RS, MG, MT), de folhas lineares, serreadas, ásperas e cortantes, e inflorescências dispostas em panículas alvas e vistosas; cana-do-brejo, macega-brava, penachinho [As folhas são us. para cobertura de casas e obras trançadas.]” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo composto				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					

Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).
--------------	--

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	21	Localização	BA	Município	Iraquara
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira	dos	Dois Braços
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	numerotopônimo				
Entrada lexical	dois				
	“numeral. 1 cardinal (substantivo masculino). um mais um; o número cardinal logo acima de um” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo composto				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	22	Localização	BA	Município	Iraquara
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira	do	Mel
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	ergotopônimo				
Entrada lexical	mel				
	“substantivo masculino. 1 fluido açucarado, viscoso, de cor marrom-amarelada, produzido por várias espécies de abelha a partir do néctar das flores, e que é us. como alimento” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	23	Localização	BA	Município	Iraquara
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			gruta		Azul
Acidente geográfico			gruta	Tipo	físico
Taxionomia	cromotopônimo				
Entrada lexical	azul				
	“substantivo masculino. 1 cor que, no espectro solar, ocupa a área entre o verde e o violeta” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto	<p>“Depois de uma descida íngreme, por baixo de uma cortina de raízes aéreas de uma árvore, encontram-se as águas azuis da gruta Azul. Não é permitido tomar banho, mas com a luz da tarde refletida na água o efeito é muito bonito.” F*</p> <p>ANEXO - FIGURA 10.</p>				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	24	Localização	BA	Município	Iraquara
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			gruta	da	Caieira
Acidente geográfico			gruta	Tipo	físico
Taxionomia	ergotopônimo				
Entrada lexical	caieira				
	“substantivo feminino. 1 Regionalismo: Brasil. forno onde são calcinadas as pedras calcárias (ou, em certos casos, conchas de ostras) de que se faz a cal” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	25	Localização	BA	Município	Iraquara
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			gruta	da	Lapa Doce
Acidente geográfico			gruta	Tipo	físico
Taxionomia	geomorfotopônimo				
Entrada lexical	lapa				
	“substantivo feminino. 2 cavidade em rochedo; gruta” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo composto				
Histórico					
Informações enciclopédicas	Cadastrada na Sociedade Brasileira de Espeleologia como Sistema Santa Rita/ Lapa Doce.				
Contexto	“Ela tem mais que 24 quilômetros de extensão mapeados e é atualmente considerada a 3a. maior do Brasil.” F*				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	26	Localização	BA	Município	Iraquara
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			gruta		Manoel Ioiô
Acidente geográfico			gruta	Tipo	físico
Taxionomia	antropotopônimo				
Entrada lexical	Manuel				
	substantivo próprio. nome de pessoa				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo composto				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	27	Localização	BA	Município	Iraquara
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			gruta	da	Pratinha
Acidente geográfico			gruta	Tipo	físico
Taxionomia	litotopônimo				
Entrada lexical	prata				
	“substantivo feminino. 1 Rubrica: química. elemento químico de número atômico 47 (símb.: Ag); argento [Usado em jóias e ornamentos.]” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto	“Observe que a água na gruta é completamente transparente e cristalina. Sem cor ou sedimentos, ela parece que some quando nos aproximamos. Já aconteceu a alguns visitantes entrarem na água ainda calçados, pois não notaram onde ela começava.” F*				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	28	Localização	BA	Município	Iraquara
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			gruta		Torrinha
Acidente geográfico			gruta	Tipo	físico
Taxionomia	ergotopônimo				
Entrada lexical	torre				
	“substantivo feminino. 3 Rubrica: arquitetura. construção semelhante insulada, anexa ou sobreposta a um edifício e destinada a realçar-lhe a beleza arquitetônica, podendo servir tb. como miradouro ou para comunicação de sinais a distância, iluminação de costa marítima etc.” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas	“A Torrinha fica na mesma região da gruta da Lapa Doce e tem uma riqueza incomum de espeleotemas pequenos e salões enormes. Os detalhes desta gruta a fazem uma das mais bonitas da região.” F*				
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	29	Localização	BA	Município	Iraquara
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			riacho	do	Mel
Acidente geográfico			riacho	Tipo	físico
Taxionomia	ergotopônimo				
Entrada lexical	mel				
	“substantivo masculino. 1 fluido açucarado, viscoso, de cor marrom-amarelada, produzido por várias espécies de abelha a partir do néctar das flores, e que é us. como alimento” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto	“Riacho do Mel: zona de pecuária, de lavoura e de garimpo. Paisagem belíssima.” MORAES_F				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	30	Localização	BA	Município	Itaeté
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira	do	Bom Jardim
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	fitotopônimo				
Entrada lexical	jardim				
	“substantivo masculino. 2 área de terra destinada a uma composição paisagística ou que é parte integrante de um projeto arquitetônico ou urbanístico, na qual se cultivam plantas ornamentais” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo composto				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	31	Localização	BA	Município	Itaeté
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira		Encantada
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	animotopônimo				
Entrada lexical	encantado				
	“adjetivo. 1 objeto de encantamento ou sortilégio” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	32	Localização	BA	Município	Itaeté
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira	do	Herculano
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	antropotopônimo				
Entrada lexical	Herculano				
	substantivo próprio. nome de pessoa				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	33	Localização	BA	Município	Itaeté
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira		Manoel Messias
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	antropotopônimo				
Entrada lexical	Manoel				
	substantivo próprio. nome de pessoa				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo composto				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	34	Localização	BA	Município	Itaeté
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira	do	Roncador
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	animotopônimo				
Entrada lexical	roncador				
	“adjetivo e substantivo masculino. que ou o que ronca.” “roncar - verbo intransitivo. 3 produzir ruído estrondoso; estrondear, restrugir” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	35	Localização	BA	Município	Itaeté
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira		Várzea do Canto
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	geomorfotopônimo				
Entrada lexical	várzea				
	“substantivo feminino. 1.2 Rubrica: geomorfologia. Regionalismo: Brasil. terreno baixo e mais ou menos plano, à margem de um rio ou ribeirão; vale” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo composto				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	36	Localização	BA	Município	Itaeté
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			gruta	do	Caboclo
Acidente geográfico			gruta	Tipo	físico
Taxionomia	etnotopônimo				
Entrada lexical	caboclo				
	“substantivo masculino. 2 indivíduo nascido de índia e branco (ou vice-versa), fisicamente caracterizado por ter pele morena ou acobreada e cabelos negros e lisos” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	37	Localização	BA	Município	Itaeté
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			gruta	da	Lagoa Preta
Acidente geográfico			gruta	Tipo	físico
Taxionomia	hidrotopônimo				
Entrada lexical	lagoa				
	“substantivo feminino. 1 Rubrica: geomorfologia. depressão de pequena profundidade, contendo água doce ou salgada” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo composto				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	38	Localização	BA	Município	Itaeté
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			gruta	da	Lapa do Bode
Acidente geográfico			gruta	Tipo	físico
Taxionomia	geomorfotopônimo				
Entrada lexical	lapa				
	“substantivo feminino. 2 cavidade em rochedo; gruta” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo composto				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	39	Localização	BA	Município	Itaeté
--------------	----	--------------------	----	------------------	--------

	<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
Topônimo	morro	das	Araras
Acidente geográfico	morro	Tipo	físico
Taxionomia	zootopônimo		
Entrada lexical	arara		
	“substantivo feminino. 1 Rubrica: ornitologia. Regionalismo: Brasil. design. comum de algumas aves psitacíformes da fam. dos psitacídeos, (<i>Anodorhynchus</i> , <i>Ara</i> e <i>Cyanopsitta</i>), que ocorrem na América Latina, possuem grande porte e são dotadas de bico alto, recurvado e de cauda longa” H*		
Etimologia			
Estrutura morfológica	topônimo simples		
Histórico			
Informações enciclopédicas			
Contexto			
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).		

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	40	Localização	BA	Município	Itaeté
--------------	----	--------------------	----	------------------	--------

	<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
Topônimo	poço		Encantado
Acidente geográfico	poço	Tipo	físico
Taxionomia	animotopônimo		
Entrada lexical	encantado		
	“adjetivo. 1 objeto de encantamento ou sortilégio” H*		
Etimologia			
Estrutura morfológica	topônimo simples		
Histórico			
Informações enciclopédicas	Tombada pelo IBAMA.		
Contexto	<p>“No inverno (abril até agosto), a posição do sol permite que um feixe de luz entre no poço por uma fresta na caverna, num espetáculo de luz e cor fantástico. Os meses de melhor iluminações são junho e julho. A luz penetra entre 09h30min e 14h, sendo de 11h até meio-dia horário mais indicado.” F*</p> <p>ANEXO - FIGURA 11.</p>		
Fonte	<p>F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).</p>		

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	41	Localização	BA	Município	Itaeté
--------------	----	--------------------	----	------------------	--------

Topônimo	<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
	rio		Invernada
Acidente geográfico	rio	Tipo	físico
Taxionomia	geomorfotopônimo		
Entrada lexical	invernada		
	“substantivo feminino. Regionalismo: Sul do Brasil. pasto de longa extensão, cercado de obstáculos naturais ou artificiais, que se destina ao descanso, à engorda de animais de criação ou ainda a outros fins” H*		
Etimologia			
Estrutura morfológica	topônimo simples		
Histórico			
Informações enciclopédicas			
Contexto			
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).		

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	42	Localização	BA	Município	Itaeté
Topônimo	<i>Termo genérico</i>				<i>Termo específico</i>
	rio				Timbozinho
Acidente geográfico	rio			Tipo	físico
Taxionomia	fitotopônimo				
Entrada lexical	timbó				
	“substantivo masculino. 1 Rubrica: angiospermas. design. comum a várias plantas das fam. das leguminosas e das sapindáceas, ger. com casca e/ou raízes us. para tinguijar” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	43	Localização	BA	Município	Itaeté
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			rio		Una
Acidente geográfico			rio	Tipo	físico
Taxionomia	cromotopônimo				
Entrada lexical	una				
Etimologia	do tupi, <i>una</i> : preto. S*				
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	44	Localização	BA	Município	Lençóis
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira		Capivara
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	zootopônimo				
Entrada lexical	capivara				
	“capivara - substantivo feminino. 1 Rubrica: mastozoologia. grande roedor semi-aquático, único da fam. dos hidroquerídeos (<i>Hydrochaeris hydrochaeris</i>), encontrado do Panamá ao Uruguai e Norte da Argentina, de corpo compacto, pelagem marrom, pernas curtas, pés anteriores com quatro dedos e posteriores com três, cauda vestigial e cabeça grande com olhos e orelhas localizados dorsalmente [É o maior roedor do mundo.]” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	45	Localização	BA	Município	Lençóis
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira	do	Mosquito
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	litotopônimo				
Entrada lexical	mosquito				
	“substantivo masculino. 6 Rubrica: termo de garimpo. Regionalismo: Brasil. Uso: informal. nos terrenos diamantíferos, pedra de diamante extremamente pequena” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	46	Localização	BA	Município	Lençóis
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira		Palmital
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	fitotopônimo				
Entrada lexical	palmital				
	“substantivo masculino. 1 extenso aglomerado de palmitos em determinada área. 2 qualquer palmeira cujo palmito é comestível” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	47	Localização	BA	Município	Lençóis
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira	da	Primavera
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	meteorotopônimo				
Entrada lexical	primavera				
	“substantivo feminino. 1 estação temperada e amena que se situa entre o inverno e o verão [No hemisfério sul, estende-se do equinócio de setembro (22) ao solstício de dezembro (20); no hemisfério norte, do equinócio de março (21) ao solstício de junho (20).]” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	48	Localização	BA	Município	Lençóis
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira	do	Sossego
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	animotopônimo				
Entrada lexical	sossego				
	“substantivo masculino. 1 quietude física; descanso, repouso”				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas	“Situa-se no leito do rio Ribeirão, a 5 km acima do ribeirão do Meio.” TL*				
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	49	Localização	BA	Município	Lençóis
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			gruta	do	Lapão
Acidente geográfico			gruta	Tipo	físico
Taxionomia	geomorfotopônimo				
Entrada lexical	lapa				
	“substantivo feminino. 2 cavidade em rochedo; gruta”				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas	Maior gruta de arenito do Brasil. “Possui cerca de 1.200 m de extensão. Localiza-se a 4 km a NO de Lençóis.” TL*				
Contexto	<p>“Ao chegar no clarão da saída, o visual é fantástico. O vão abre até alcançar 30 metros ou mais de altura [...]. Nas paredes, as plantas aproveitam rachaduras, fendas e pequenas minas de água para formar jardins suspensos onde a luz fraca permite seu estabelecimento. Até árvores crescem aqui, onde não chove e o sol não entra diretamente.” F*</p> <p>ANEXO - FIGURA 6.</p>				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	50	Localização	BA	Município	Lençóis
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			pantanal	do	Marimbus
Acidente geográfico			pantanal	Tipo	físico
Taxionomia	hidrotopônimo				
Entrada lexical	marimbu				
	“substantivo masculino. Regionalismo: Bahia. terra pantanosa à margem de rios, com vegetação semi-aquática”				
Etimologia	“segundo Nei Lopes, do quimb. <i>marimbu</i> 'terra de lavoura longe das povoações'” H*				
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas	“[...] formado na confluência dos rios Santo Antonio e Utinga, na borda leste da Chapada, e se estende até onde estes se encontram com o rio Paraguaçu [...]” F*				
Contexto	“O pantanal do Marimbus é, em grande parte, totalmente tomado por plantas aquáticas da família Cyperaceae, conhecidas localmente como “Taboa”. Estas plantas nascem na lama do fundo do brejo e crescem por 2 metros ou mais fora d’água, fechando, quase totalmente, a superfície d’água.” F*				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	51	Localização	BA	Município	Lençóis
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			poço	do	Diabo
Acidente geográfico			poço	Tipo	físico
Taxionomia	hierotopônimo				
Entrada lexical	diabo				
	“substantivo masculino.1 Rubrica: religião, teologia. segundo a crença de diferentes povos antigos e modernos, espírito ou gênio do mal; anjo mau 2 Rubrica: religião, teologia. segundo a religião cristã, o anjo rebelde (Satanás) que foi expulso do céu e precipitado no abismo (inferno); espírito das trevas” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas	“No leito do rio Mucugezinho, [...] a 20 km de Lençóis, às margens da BR-242.” TL*				
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	52	Localização	BA	Município	Lençóis
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			poço		Halley
Acidente geográfico			poço	Tipo	físico
Taxionomia	astrotopônimo				
Entrada lexical	Halley				
	substantivo próprio. nome de corpo celeste				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto	ANEXO - FIGURA 3.				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	53	Localização	BA	Município	Lençóis
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			poço	do	Pato
Acidente geográfico			poço	Tipo	físico
Taxionomia	zootopônimo				
Entrada lexical	pato				
	“substantivo masculino. 1 Rubrica: ornitologia. design. comum às aves anseriformes da fam. dos anatídeos, aquáticas, que ger. possuem grande porte; ipeca” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	54	Localização	BA	Município	Lençóis
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			poço		Verde
Acidente geográfico			poço	Tipo	físico
Taxionomia	cromotopônimo				
Entrada lexical	verde				
	“substantivo masculino. 1 a cor da relva” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	55	Localização	BA	Município	Lençóis
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			praia	do	Zaidã
Acidente geográfico			praia	Tipo	físico
Taxionomia	antropotopônimo				
Entrada lexical	Zaidã				
	substantivo próprio. nome de pessoa				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto	“Para quem vai rumo à BR-242, logo saindo da cidade, há uma opção tranquila de banhos na prainha do Zaidan, bem no encontro do rio São José com o rio Lapão.” TL*				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	56	Localização	BA	Município	Lençóis
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			ribeirão	de	Baixo
Acidente geográfico			ribeirão	Tipo	físico
Taxionomia	cardinotopônimo				
Entrada lexical	baixo				
	“substantivo masculino. 26 parte inferior (de algo)” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	57	Localização	BA	Município	Lençóis
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			ribeirão	de	Cima
Acidente geográfico			ribeirão	Tipo	físico
Taxionomia	cardinotopônimo				
Entrada lexical	cima				
	“substantivo feminino. 1 a parte superior de alguma coisa; alto, cume, cimeira, topo” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	58	Localização	BA	Município	Lençóis
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			ribeirão	do	Meio
Acidente geográfico			ribeirão	Tipo	físico
Taxionomia	cardinotopônimo				
Entrada lexical	meio				
	“substantivo masculino. 5 aquilo que ocupa uma posição entre duas ou mais coisas” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto	ANEXO - FIGURA 2.				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	59	Localização	BA	Município	Lençóis
Topônimo	<i>Termo genérico</i>				<i>Termo específico</i>
	rio				Lapão
Acidente geográfico	rio			Tipo	físico
Taxionomia	geomorfotopônimo				
Entrada lexical	lapa				
	“substantivo feminino. 2 cavidade em rochedo; gruta” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto	“Saindo da gruta é só continuar em frente, descendo pelas pedras. O rio aqui está “engrunado” (subterrâneo); o primeiro sinal de água só aparece após mais ou menos 15 minutos de caminhada. Depois deste ponto aparecem muitos poços e cascatas [...]”F*				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	60	Localização	BA	Município	Lençóis
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			rio		Mandassaia
Acidente geográfico			rio	Tipo	físico
Taxionomia	zootopônimo				
Entrada lexical	mandaçaia				
	“substantivo feminino. Rubrica: entomologia. Regionalismo: Brasil. abelha social brasileira (<i>Melipona quadrifasciata</i>), da subfam. dos meliponíneos, de 10 mm a 11 mm de comprimento, com cabeça e tórax pretos, abdome com faixas amarelas e asas ferrugíneas; amanaçaí, amanaçaia, manaçaia, mandaçaia-grande [Constrói seus ninhos dentro de cavidades existentes nos troncos ou galhos das árvores.]” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	61	Localização	BA	Município	Lençóis
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			rio		Roncador
Acidente geográfico			rio	Tipo	físico
Taxionomia	animotopônimo				
Entrada lexical	roncador				
	“adjetivo e substantivo masculino. que ou o que ronca.” “Roncar - verbo intransitivo. 3 produzir ruído estrondoso; estrondear, restrugir” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas	“Localizado no meio do caminho entre Lençóis e Andaraí [...], marca o limite dos dois municípios.” F*				
Contexto	“Subindo pelo leito do rio, o visitante encontrará dezenas de poços para tomar banho e as mais fantásticas formações de pedra que podem ser imaginadas.” F*				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	62	Localização	BA	Município	Lençóis
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			rio		Santo Antonio da Licurioba
Acidente geográfico			rio	Tipo	físico
Taxionomia	hagiotopônimo				
Entrada lexical	Santo Antonio				
	substantivo próprio. nome de santo da Igreja Católica H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo composto				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto	“No lugar Licurioba, légua e meia para o norte da cidade dos Lençóis, no leito do rio Santo Antônio, o diamante torna a ser encontrado em abundância nos poços, colhendo-se de mergulho como no Mucujê e no Paraguaçu.” S*				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	63	Localização	BA	Município	Lençóis
Topônimo	<i>Termo genérico</i>				<i>Termo específico</i>
	rio				Toalhas
Acidente geográfico	rio			Tipo	físico
Taxionomia	ergotopônimo				
Entrada lexical	toalha				
	“substantivo feminino. 1 peça de linho, algodão, plástico etc., que se estende sobre a mesa à hora das refeições 2 peça de linho, algodão etc., para enxugar as mãos, o rosto ou todo o corpo” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	64	Localização	BA	Município	Lençóis
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			salão	de	Areias
Acidente geográfico			gruta	Tipo	físico
Taxionomia	litotopônimo				
Entrada lexical	areia				
	“substantivo feminino. 1 Rubrica: mineralogia. massa solta, pulverulenta, que reúne granículos, cujo tamanho convencional está compreendido entre 0,06 mm e 2 mm, resultantes da desagregação de rochas siliciosas, graníticas ou argilosas pela ação dos agentes da erosão, tais como a água corrente ou da chuva, o ar, o intemperismo etc., e que é encontrada no leito dos rios, dos mares, nas praias e desertos” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico	“As areias, Nequinho vai buscar no salão de Areias, que fica rio acima, na direção do Barro Branco. Procura entre pedras e moitas, pelos cantos: depois esfarela as pedras que dão a areia; machuca o torrão, até fazer pó. Já encontrou setenta e dois tons diferentes, que não são resultado de mistura.”G*				
Informações enciclopédicas					
Contexto	“Esses blocos [...] são formados por conglomerados com seixos de arenito branco e rosa e quartzitos verdes, e deles se desprendem as famosas areias coloridas. Os moradores locais usam estas areias para confeccionar artesanato.” TL*. ANEXO - FIGURA 4.				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	65	Localização	BA	Município	Lençóis
Topônimo	<i>Termo genérico</i>				<i>Termo específico</i>
					Cachoeirinha
Acidente geográfico	cachoeira		Tipo	físico	
Taxionomia	dimensiotopônimo				
Entrada lexical	cachoeira				
	“substantivo feminino. 1 torrente de água que corre ou cai formando cachão ('borbotão, turbilhão’)” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto	“A cachoeira cai em várias cascatas, sendo a última de três a quatro metros. A água é fria, boa e pura.” F*				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	66	Localização	BA	Município	Lençóis
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
					Serrano
Acidente geográfico			balneário	Tipo	físico
Taxionomia	geomorfotopônimo				
Entrada lexical	serrano				
	“adjetivo. 1 relativo a, pertencente a, próprio de ou originário das serras; montês, montesino, serrão” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico	Foi local de garimpo ocupado pelos <i>serranos</i> , homens provenientes das regiões de serra do centro-oeste brasileiro. MORAES_F				
Informações enciclopédicas	“Situa-se no rio Lençóis e arredores, no perímetro urbano de Lençóis.” TL*				
Contexto	“Os caldeirões do Serrano, onde se toma banho, são piscinas naturais cavadas na rocha conglomerada do leito do rio. Sua origem é natural, não sendo relacionada ao trabalho dos garimpeiros.” F*				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	67	Localização	BA	Município	Mucugê
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira	das	Andorinhas
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	zootopônimo				
Entrada lexical	andorinha				
	“substantivo feminino. 1 Rubrica: ornitologia. design. comum às aves passeriformes, insetívoras, da fam. dos hirundídeos, encontradas em todo o mundo, de pequeno porte, asas longas e pontiagudas, bico curto, largo e chato, e pés pequenos [Muitas spp. são migratórias.]” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto	“Esta cachoeira se localiza ao longo do rio Cumbuca[...]. É uma cachoeira alta e muito bonita[...].” F*				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	68	Localização	BA	Município	Mucugê
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira		Bate Palmas
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	animotopônimo				
Entrada lexical	bater palmas				
	“verbo transitivo direto. 20 golpear algo para tirar som; percutir” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo composto				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	69	Localização	BA	Município	Mucugê
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira	do	Cardoso
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	antropotopônimo				
Entrada lexical	Cardoso				
	substantivo próprio. nome de pessoa				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas	“[...] trecho do rio Cumbucas, bem a montante do Tibertino.” F*				
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	70	Localização	BA	Município	Mucugê
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			córrego	de	Pedra
Acidente geográfico			córrego	Tipo	físico
Taxionomia	litotopônimo				
Entrada lexical	pedra				
	“substantivo feminino. 1 Rubrica: petrologia. matéria mineral sólida, dura, constituída da natureza das rochas” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	71	Localização	BA	Município	Mucugê
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira	dos	Funis
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	geomorfotopônimo				
Entrada lexical	funil				
	“substantivo masculino. 9 Rubrica: geografia. Regionalismo: Minas Gerais, Goiás. lugar estreito em que as serras são cortadas pelos rios; garganta, rasgão” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	72	Localização	BA	Município	Mucugê
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira	do	Leão
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	zootopônimo				
Entrada lexical	leão				
	“substantivo masculino.1 Rubrica: mastozoologia. grande felino (<i>Panthera leo</i>) encontrado origin. na Europa, Ásia e África, de coloração variável, entre o amarelo-claro e o marrom-escuro, partes inferiores do corpo mais claras, ponta da cauda com um tufo de pêlos negros e machos com uma longa juba, prov. us. para proteger o pescoço durante os combates com outros indivíduos da mesma sp.; dumba [Vive esp. nas savanas e campos arbustivos, onde caça principalmente grandes mamíferos, como antílopes, zebras e javalis.]” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	73	Localização	BA	Município	Mucugê
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira	da	Matinha
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	fitotopônimo				
Entrada lexical	mata				
	“substantivo feminino. 1 área coberta de plantas silvestres de portes diversos” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	74	Localização	BA	Município	Mucugê
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira		Piabinha
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	zootopônimo				
Entrada lexical	piaba				
	“substantivo feminino. 1 Rubrica: ictiologia. Regionalismo: Brasil. design. comum dos peixes teleósteos, fluviais, caraciformes da fam. dos anostomídeos, esp. dos gên. <i>Leporinus</i> e <i>Schizodon</i> ; possuem boca pequena com fortes dentes; aracu, piau, piava, varacu” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto	“Este é um córrego que deságua no rio Cumbucas, um pouco acima do Tiburtino. O Piabinhas tem uma cachoeira/cascata muito bonita e poços ótimos para tomar banho.”F*				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	75	Localização	BA	Município	Mucugê
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira		Sete Quedas
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	numerotopônimo				
Entrada lexical	sete				
	“numeral.1 cardinal (substantivo masculino) seis mais um; o número cardinal logo acima de seis” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo composto				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	76	Localização	BA	Município	Mucugê
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira	da	Sibéria
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	corotopônimo				
Entrada lexical	Sibéria				
	substantivo próprio. nome de lugar				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico	“Depois de duas horas de marcha[...], chegamos à cabeceira de um salto de dez metros de altura, abaixo do qual se estendem, numa volta do rio, os trabalhos da mina da Nova Sibéria.”S*				
Informações enciclopédicas					
Contexto	“A Sibéria é um trecho do rio Paraguaçu onde este se encaixa num vale profundo e estreito (“canyon”), ao norte de Mucugê. [...] o local fica às vezes muito frio, especialmente no inverno, por causa da umidade do lugar e do fato de que o sol quase não penetra até o fundo do vale.” F*				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	77	Localização	BA	Município	Mucugê
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira	do	Tiburtino
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	etnotopônimo				
Entrada lexical	tiburtino				
	“adjetivo e substantivo de dois gêneros. relativo à antiga cidade de Tíbure (atual Tívoli), perto de Roma, ou o seu natural ou habitante;” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto	“Este é um trecho do rio Cumbuca, dentro do Parque Municipal de Mucugê, onde tem uma cascata em degraus e poços bonitos e limpos para tomar banho.”F*				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	78	Localização	BA	Município	Mucugê
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cascata		Sandália Bordada
Acidente geográfico			cascata	Tipo	físico
Taxionomia	ergotopônimo				
Entrada lexical	sandália				
	“substantivo feminino. calçado feito de uma sola com tiras que a prendem ao pé” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo composto				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	79	Localização	BA	Município	Mucugê
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			mirante	do	Cruzeiro
Acidente geográfico			mirante	Tipo	físico
Taxionomia	hierotopônimo				
Entrada lexical	cruzeiro				
	“substantivo masculino. 4 grande cruz erguida em certos adros de igrejas, estradas, praças, cemitérios, neste último caso freq. em cima do local onde se inumam os ossos não reclamados e se acendem velas em intenção de suas almas” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto	“Ao lado direito do cemitério existe um caminho que sobe a serra até o cruzeiro. A camnhada dura um pouco mais de meia hora [...], mas o prêmio de chegada é uma vista panorâmica da cidade e as serras do Parque Nacional.” F*				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	80	Localização	BA	Município	Mucugê
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			rio		Cumbucas
Acidente geográfico			rio	Tipo	físico
Taxionomia	ergotopônimo				
Entrada lexical	cumbuca				
	“substantivo feminino. Regionalismo: Brasil. 1 vasilha feita com a casca do fruto da cuieira, us. esp. por índios e caboclos; cabaça, cuia, cuiambuca” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto	“Os ribeiros Mucujê e Cumbucas, que descem da serra da Chapadinha, foram todos lavrados até as suas cabeceiras.” S*				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	81	Localização	BA	Município	Mucugê
Topônimo	<i>Termo genérico</i>				<i>Termo específico</i>
	rio				Paraguaçu
Acidente geográfico	rio			Tipo	físico
Taxionomia	dimensiotopônimo				
Entrada lexical	paraguaçu				
Etimologia	do tupi, <i>pará</i> : rio; <i>guaçu</i> : grande. S*				
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas	“O rio nasce precisamente fora da Chapada Diamantina, no município de Barra da Estiva, percorrendo um longo trecho dentro do parque, oferecendo inúmeros atrativos em seu caminho.” TL*				
Contexto	“O Paraguaçu, que é propriamente o diamantino, pois que nele ou no leito de seus numerosos tributários é que descobriram as lavras mais ricas e produtivas de diamante, merece aqui mais particular referência.”S*				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	82	Localização	BA	Município	Mucugê
Topônimo	<i>Termo genérico</i>				<i>Termo específico</i>
					Mar de Espanha
Acidente geográfico	lago			Tipo	físico
Taxionomia	corotopônimo				
Entrada lexical	Mar de Espanha				
	substantivo próprio. nome de lugar				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo composto				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto	“Aí, no poço do Mar de Espanha, cerca de uma légua ao norte de Santa Isabel, se extraíram de mergulho catorze e meia oitavas de diamantes, em um só dia.” S*				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	83	Localização	BA	Município	Nova Redenção
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			gruta	da	Lapinha
Acidente geográfico			gruta	Tipo	físico
Taxionomia	geomorfotopônimo				
Entrada lexical	lapa				
	“substantivo feminino. 2 cavidade em rochedo; gruta” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas	“Na região do Paty do Meio. Tem 10-15 m de altura e 10 m de largura.” TL*				
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	84	Localização	BA	Município	Nova Redenção
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			morro	da	Arara
Acidente geográfico			morro	Tipo	físico
Taxionomia	zootopônimo				
Entrada lexical	arara				
	“substantivo feminino. 1 Rubrica: ornitologia. Regionalismo: Brasil. design. comum de algumas aves psitacíformes da fam. dos psitacídeos, (<i>Anodorhynchus</i> , <i>Ara</i> e <i>Cyanopsitta</i>), que ocorrem na América Latina, possuem grande porte e são dotadas de bico alto, recurvado e de cauda longa” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	85	Localização	BA	Município	Nova Redenção
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			poço		Azul
Acidente geográfico			poço	Tipo	físico
Taxionomia	cromotopônimo				
Entrada lexical	azul				
	“substantivo masculino. 1 cor que, no espectro solar, ocupa a área entre o verde e o violeta” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto	“A gruta é assim denominada por causa da cor azul vivo que se vê quando o sol bate diretamente na água. O melhor mês para observar este fenômeno é agosto.” F*				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	86	Localização	BA	Município	Nova Redenção
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			praia	da	Peruca
Acidente geográfico			praia	Tipo	físico
Taxionomia	ergotopônimo				
Entrada lexical	peruca				
	“substantivo feminino. cabeleira postiça; chinó” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	87	Localização	BA	Município	Nova Redenção
Topônimo	<i>Termo genérico</i>				<i>Termo específico</i>
					Olho d'Água
Acidente geográfico	nascente			Tipo	físico
Taxionomia	hidrotopônimo				
Entrada lexical	olho-d'água				
	“substantivo masculino. nascente de água no solo; fonte perene; borbotão, minadouro, olho” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo composto				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	88	Localização	BA	Município	Palmeiras
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira		Conceição dos Gatos
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	corotopônimo				
Entrada lexical	Conceição dos Gatos				
	substantivo próprio. nome de lugar H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo composto				
Histórico					
Informações enciclopédicas	“Em afluente do rio Preto nos arredores do povoado homônimo, a 14 km de Palmeiras, tem cerca de 40 m de altura.” TL*				
Contexto	“A cascata (quase uma cachoeira) é muito bonita e domina a vista de Conceição dos Gatos. Pode-se subir até em cima da cascata, pelo lado esquerdo da queda. Lá em cima há poços para tomar banho e um mirante descortina o vale inteiro.” F*				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	89	Localização	BA	Município	Palmeiras
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira		Dois Braços
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	numerotopônimo				
Entrada lexical	dois				
	“numeral. 1 cardinal (substantivo masculino). um mais um; o número cardinal logo acima de um” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo composto				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	90	Localização	BA	Município	Palmeiras
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira	da	Fumaça
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	meteorotopônimo				
Entrada lexical	fumaça				
	“substantivo feminino. 1 porção de vapor resultante de um corpo em chamas” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas	“A maior queda livre do país, com altura de 340 m. Acesso a partir do Capão, numa trilha de 6 km.” TL*				
Contexto	“Um vento quase constante vindo de frente (leste) pode levantar a água já em queda e jogá-la de volta. Vistas de longe, as gotas carregadas pelo vento parecem fumaça [...]”F* ANEXO - FIGURA 1.				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	91	Localização	BA	Município	Palmeiras
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira	da	Purificação
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	animotopônimo				
Entrada lexical	purificação				
	“substantivo feminino. 1 ato ou efeito de tornar (algo) puro, livre de impurezas” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto	“[...] se encontra depois de uma hora de caminhada, pulando pedras, rio acima do poço da Angélica. Uma queda alta, muito bonita, com muitas oportunidades para tomar banho ao longo do caminho e no pé da queda.” F*				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	92	Localização	BA	Município	Palmeiras
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira	do	Riachinho
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	hidrotopônimo				
Entrada lexical	riacho				
	“substantivo masculino. pequeno rio; ribeiro, regato” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	93	Localização	BA	Município	Palmeiras
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			gerais	do	Vieira
Acidente geográfico			campos gerais	Tipo	físico
Taxionomia	antropotopônimo				
Entrada lexical	Vieira				
	substantivo próprio. nome de pessoa				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas	“Extenso altiplano com altitudes superiores a 1.000 m. Entre os vales do Capão e do Paty.” TL*				
Contexto	“[...] forma um vale largo e reto, essencialmente contínuo, no sentido Norte-Sul, de mais que 60 quilômetros de extensão, e proporciona alguns dos cenários mais bonitos do Parque Nacional.”F*				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	94	Localização	BA	Município	Palmeiras
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			gruta	do	Impossível
Acidente geográfico			gruta	Tipo	físico
Taxionomia	animotopônimo				
Entrada lexical	impossível				
	“adjetivo de dois gêneros e substantivo masculino. 1 que ou o que não pode ser, existir ou acontecer 2 que ou o que é difícil demais de fazer ou conseguir” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto	“Para chegar à entrada da gruta, é preciso passar por um caminho estreito e bem rústico que desce por dentro de uma dolina (um grande buraco no chão criado pelo desabamento do teto de uma gruta). [...] Chegando à gruta, você passará a nado pelo rio dentro da gruta.” F*				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	95	Localização	BA	Município	Palmeiras
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			gruta	do	Riachinho
Acidente geográfico			gruta	Tipo	físico
Taxionomia	hidrotopônimo				
Entrada lexical	riacho				
	“substantivo masculino. pequeno rio; ribeiro, regato ·H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	96	Localização	BA	Município	Andaraí
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			morro		Branco
Acidente geográfico			morro	Tipo	físico
Taxionomia	cromotopônimo				
Entrada lexical	branco				
	“adjetivo. 1 que apresenta a cor da neve recém-caída” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas	“Altitude: 1.580 m. Ao norte do vale do Paty.” TL*				
Contexto	ANEXO - FIGURA 5.				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	97	Localização	BA	Município	Palmeiras
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			morro	do	Camelo
Acidente geográfico			morro	Tipo	físico
Taxionomia	zootopônimo				
Entrada lexical	camelo				
	“substantivo masculino 1 Rubrica: mastozoologia. design. comum aos mamíferos artiodátilos do gên. <i>Camelus</i> , da fam. dos camelídeos, com duas spp., adaptadas para a vida no deserto, us. esp. como animais de carga” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas	“Altitude: 1.050 m. 4 km ao norte do morro do Pai Inácio.” TL*				
Contexto	ANEXO - FIGURA 9.				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	98	Localização	BA	Município	Palmeiras
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			morro	do	Castelo
Acidente geográfico			morro	Tipo	físico
Taxionomia	ecotopônimo				
Entrada lexical	castelo				
	“substantivo masculino. 1 residência real ou senhorial dotada de fortificações. 2 praça-forte protegida por fosso, muralhas, torres, barbacã etc. 3 Derivação: por extensão de sentido: edifício cujo estilo arquitetônico imita essas construções” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	99	Localização	BA	Município	Palmeiras
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			morro	da	Mãe Inácia
Acidente geográfico			morro	Tipo	físico
Taxionomia	etnotopônimo				
Entrada lexical	mãe				
	“substantivo feminino. 1 mulher que deu à luz, que cria ou criou um ou mais filhos” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo composto				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	100	Localização	BA	Município	Palmeiras
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			morro	do	Pai Inácio
Acidente geográfico			morro	Tipo	físico
Taxionomia	etnotopônimo				
Entrada lexical	pai				
	“substantivo masculino. 1 homem que deu origem a outro; genitor, progenitor” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo composto				
Histórico	O morro do pai Inácio foi tombado pelo IPHAN em maio de 2000, por reconhecimento de seu valor histórico e cultural como patrimônio nacional. O local faz parte da Área de Proteção Ambiental Marimbus-Iraquara, adjacente ao Parque Nacional da Chapada Diamantina.				
Informações enciclopédicas	“Altitude: 1.120 m. Na BR-242, a 28 km de Lençóis.” TL*				
Contexto	A denominação morro do Pai Inácio está vinculada à lenda que narra o romance entre o escravo Inácio e a filha de seu senhor. Este, ao tomar conhecimento de tal fato, ordenou a seus capatazes a imediata captura do escravo. Perseguido, Inácio refugiou-se no alto do morro. Cercado e acuado, encontrou a liberdade saltando das alturas, empunhando a sombrinha da amada. Conta-se que morreu velho, pai de numerosa família. ANEXO - FIGURA 8.				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	101	Localização	BA	Município	Palmeiras
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			poço		Angélica
Acidente geográfico			poço	Tipo	físico
Taxionomia	antropotopônimo				
Entrada lexical	Angélica				
	substantivo próprio. nome de pessoa H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto	“[...] Depois de mais ou menos quinze minutos de caminhada, verá um caminho secundário saindo pela direita. Siga por essa trilha estreita, em alguns minutos você vai encontrar o rio e , subindo o mesmo, um pouco, logo avistará m grande poço de águas escuras.” F*				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	102	Localização	BA	Município	Palmeiras
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			poço	do	Gavião
Acidente geográfico			poço	Tipo	físico
Taxionomia	zootopônimo				
Entrada lexical	gavião				
	“substantivo masculino. 1 Rubrica: ornitologia. design. comum às aves falconiformes, das fam. dos acipitrídeos e falconídeos, cosmopolitas, que, em sua maioria, se alimentam de presas vivas ou de animais mortos” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	103	Localização	BA	Município	Palmeiras
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			rio		Preto
Acidente geográfico			rio	Tipo	físico
Taxionomia	cromotopônimo				
Entrada lexical	preto				
	“adjetivo.1 que tem a cor do piche ou do carvão; negro” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto	“[...] aproveitando alguns caminhos pedestres que os guias locais podem lhe mostrar, é fácil chegar até o rio Preto (o rio Preto de Palmeiras), onde há vários poços e cachoeiras.” F*				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	104	Localização	BA	Município	Palmeiras
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			vale	do	Capão
Acidente geográfico			vale	Tipo	físico
Taxionomia	fitotopônimo				
Entrada lexical	capão				
	“substantivo masculino. Rubrica: fitogeografia. 1 formação arbórea de pequena extensão, volume e composição variados, e de aspecto diverso da vegetação que a circunda; caapuã, capuão, capuão de mato, ilha de mato” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas	“Desde os arredores do Capão para sul por cerca de 10 km até próximo aos gerais do Vieira.” TL*				
Contexto	“Seguindo uma tradição comercial que já dura um século e meio, toda semana ma tropa de burros de carga faz a travessia pelas serras levando café, laranjas, bananas e outras frutas para a feira de Lençóis.”F*				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	105	Localização	BA	Município	Palmeiras
Topônimo	<i>Termo genérico</i>				<i>Termo específico</i>
					Morrão
Acidente geográfico	morro			Tipo	físico
Taxionomia	dimensiotopônimo				
Entrada lexical	morro				
	“substantivo masculino. 1 Rubrica: geografia. pequena elevação em uma planície; monte de poucas dimensões; colina, outeiro” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas	“Altitude de 1.418. Acesso pela estrada Palmeiras-Capão, através da localidade de Campinas.” TL*				
Contexto	ANEXO - FIGURA 7.				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	106	Localização	BA	Município	Seabra
Topônimo	<i>Termo genérico</i>				<i>Termo específico</i>
					Riachão
Acidente geográfico	riacho			Tipo	físico
Taxionomia	dimensiotopônimo				
Entrada lexical	riacho				
	“substantivo masculino. pequeno rio; ribeiro, regato” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	107	Localização	BA	Município	Seabra
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira	do	Agreste
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	geomorfotopônimo				
Entrada lexical	agreste				
	“substantivo masculino. 4 Rubrica: fitogeografia. zona fitogeográfica do Nordeste do Brasil, próxima ao litoral, entre a mata e a caatinga, de solo pedregoso e vegetação xerófila” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo simples				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto					
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (DICK, 2004)

Pesquisa: Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina – estudo de caso

Pesquisador: Carlos Eduardo de Oliveira

Revisor: Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Data de coleta: janeiro de 2006

Ficha	108	Localização	BA	Município	Seabra
Topônimo			<i>Termo genérico</i>		<i>Termo específico</i>
			cachoeira		Buraco do Cão
Acidente geográfico			cachoeira	Tipo	físico
Taxionomia	geomorfotopônimo				
Entrada lexical	buraco				
	“substantivo masculino. 1 espaço vazio, cavidade ou depressão, natural ou artificial, de profundidade variável, apresentada por um corpo, uma superfície” H*				
Etimologia					
Estrutura morfológica	topônimo composto				
Histórico					
Informações enciclopédicas					
Contexto	“[...] a descida até a entrada da gruta é uma aventura em si, já que o visitante tem que se equilibrar em escadas rústicas e enfrentar passagens íngremes para descer dentro de um “sumidouro” (dolina).” F*				
Fonte	F*: FUNCH (2002), G*: GONÇALVES (2004), H*: HOUAISS (2008), S*: SAMPAIO (2002), TL*: TEIXEIRA; LINSKER (2005).				

QUADRO COMPLEMENTAR

Cidades do Circuito do Diamante

Município	Entrada Lexical	Definição ou etimologia ⁶⁴	Taxionomia
Andaraí	andara	Do tupi, <i>andara</i> : morcego. D*	zootopônimo
Ibicoara	yby	Do tupi, <i>yby</i> : terra. D*	litotopônimo
Iraquara	ira	Do tupi, <i>ira</i> : mel. D*	ergotopônimo
Itaeté	ita	Do tupi, <i>ita</i> : pedra. D*	litotopônimo
Lençóis	lençol	“substantivo masculino. 1 cada uma das duas peças retangulares de tecido, ger. leve, que se põem na cama, uma para isolar do colchão o corpo que dorme ou descansa e a outra para cobri-lo” H*	ergotopônimo
Mucugê	mucugê	“substantivo masculino. Rubrica: angiospermas. pequena árvore (<i>Couma rigida</i>) da fam. das apocináceas, nativa do Brasil, de folhas oblongas, inflorescências em cimeiras, bagas suculentas e comestíveis; itapeuá, marfim [Desta planta se extrai grande quantidade de leite adocicado us. no preparo de goma de mascar.]” H*	fitotopônimo
Nova Redenção	novo	“adjetivo. 3 cuja vida ou existência é posterior à de outro indivíduo ou coisa” H*	cronotopônimo
Palmeiras	palmeira	“substantivo feminino. Rubrica: angiospermas. 1 design. comum às plantas da fam. das palmas, esp. às de porte arbóreo.” H*	fitotopônimo
Seabra	Seabra	Substantivo próprio. Nome de pessoa.	antropotopônimo

⁶⁴ Fonte: D* DICK, 1990; H* HOUAISS, 2008.

ANÁLISE DAS TAXIONOMIAS

Este estudo de caso, como já indicado, examina o *corpus*, segundo séries motivadoras, em uma perspectiva sincrônica, isto é, os elementos lexicais são considerados, semanticamente, na realidade presente de suas significações. Dois campos maiores organizam o sistema de taxes e refletem a percepção e o entendimento do ambiente como físico (taxes de natureza física) e social (taxes de natureza antropocultural).

Assim, verifica-se, por meio de astrotopônimos, cardinotopônimos, cromotopônimos, dimensiotopônimos, fitotopônimos, geomorfotopônimos, hidrotopônimos, litotopônimos, meteorotopônimos, morfotopônimos e zootopônimos, as motivações toponímicas associadas ao ambiente natural propriamente dito.

Um único registro foi associado à categoria **astrotopônimo**: poço Halley. De motivação muito transparente, trata-se de uma nomeação relativamente recente, de evidente associação semântica com o cometa Halley. Contam os populares que o local, anteriormente designado por poço Paraíso, passou a ser mais freqüentado nas noites e madrugadas, em virtude da passagem do cometa, em 1986. Este caso ilustra muito bem o mecanismo de aceitação comunitária de um topônimo, já que a antiga denominação caiu em desuso. O topônimo aqui não reflete traço objetivo algum do referente, antes, a projeção da experiência do denominador, e da comunidade, valendo-se do lugar como um mirante especial, de onde os olhares eram dirigidos às estrelas.

Três topônimos apresentam motivação semântica relacionada a posições geográficas, os **cardinotopônimos**. Estabelecem, entre si, uma interessante “sintaxe”, uma vez que são trechos de um mesmo ribeirão: ribeirão de Cima, ribeirão do Meio e ribeirão de Baixo. Estes topônimos refletem, na motivação, traços objetivos do referente, pois situam um em relação aos demais, de forma simples e direta, no sentido do curso d’água.

Os **cromotopônimos**, quando designam acidentes físicos, geralmente denotam as características de seu referente geográfico, sendo que os estudos toponímicos sempre identificaram essa característica nas mais variadas culturas. Neste estudo de caso, tem-se, sob

essa classificação, os topônimos morro Branco, rio Una, rio Preto, poço Azul, gruta Azul e poço Verde.

Algumas vezes, na tarefa de descrever as dimensões dos acidentes, aumentativos e diminutivos são aplicados ao termo genérico, dando-lhe uma especificidade e, ao mesmo tempo, uma distinção. Cachoeirinha, Riachão e Morrão são exemplos de **dimensiotopônimos**, nos quais também a relação do nome com o referente é imediata.

A referência aos elementos vegetais se faz presente nos topônimos: cachoeira das Raízes, cachoeira do Palmital, vale do Capão, cachoeira do Agreste, cachoeira do Bom Jardim, cachoeira da Canabrava, cachoeira do Licuri, vale do Paty, cachoeira Matinha e rio Timbozinho. Cabe observar que estes **fitotopônimos** descrevem o acidente físico não de forma pontual, atualizando objetivamente as características físicas próprias ao acidente nomeado, e, sim, considerando o seu entorno ou a paisagem.

Nos **geomorfotopônimos**, entre os demais topônimos que são motivados por formas topográficas, há recorrência do vocábulo *lapa*. Na denominação das grutas, nota-se uma preocupação em descrever a sua entrada. A *lapa*, propriamente dita, configura-se como a abertura na rocha que oferece acesso à caverna. Assim, tem-se gruta da Lapinha, gruta da Lapa Doce e gruta da Lapa do Bode. No entanto, na forma rio Lapão, observa-se o fenômeno de translação toponímica (DICK, 2001), pelo qual o nome de um acidente irradia-se para outros acidentes. Nesta categorização, estão incorporados, ainda, os topônimos: gruta Buraco do Cão, Serrano, cachoeira dos Funis, rio Invernada, cachoeira do Buracão e cachoeira da Várzea do Canto.

Os **hidrotopônimos** do *corpus* também estão divididos entre os que se referem à água presente em sua própria constituição física, e os que se referem à água em um contexto extrínseco ao acidente. No primeiro grupo, tem-se: rio Paraguaçu,⁶⁵ cachoeira do Riachinho, Olho d'Água, nascentes Olhos d'Água, e pantanal do Marimbus. No segundo grupo: gruta da Lagoa Preta, gruta do Riachinho e mirante do Paraguaçu.

⁶⁵ “O genérico *pará*, que não figura como designativo de acidentes geográficos, incorpora, porém, o sentido de nome próprio, figurando em extenso rol toponímico”. (DICK. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo, 1990, p. 214)

Entre os topônimos de índole mineral, os **litotopônimos**, aquele cuja associação com esta categoria cause, talvez, maior estranheza é cachoeira do Mosquito. No entanto, há aceção dicionarizada para o vocábulo *mosquito*, definindo-o como certo tipo de diamante. Além da ligação, mais geral, que se faz à própria característica diamantífera da chapada, outro fator, mais específico, que aproxima a motivação deste contexto é o fato de ter havido, na região dessa cachoeira, um famoso garimpo, que levava o mesmo nome. Completando a lista dos litotopônimos tem-se: salão de Areia, gruta da Caieira, córrego de Pedra e gruta Pratinha.

Como **meteorotopônimo**, há no *corpus* cachoeira da Primavera, cachoeira da Fumaça e cachoeira da Fumacinha. Cachoeira da Primavera, embora apresente uma motivação semântica clara, traz um grau de opacidade quanto à sua significação, que poderia, por exemplo, de forma objetiva, relacionar o fluxo de água com aquela estação, ou mesmo, de forma subjetiva, descrever uma experiência afetiva com a paisagem a essa época do ano. Em casos como este, verifica-se a pertinência de orientar o foco do estudo toponímico a partir do nome, baseando-se na análise semêmica da unidade lexical. Já em cachoeira da Fumaça e cachoeira da Fumacinha, há o recurso metafórico, com os traços da *fumaça* substituindo os da *bruma*, ou da *névoa*. Em cachoeira da Fumacinha, verifica-se, também, a relação de homologia na designação das duas cachoeiras.

Rio Espalhado foi classificado como **morfotopônimo**. Nota-se, mais uma vez, o critério objetivo na descrição do acidente geográfico, a denotar os sentidos das curvas do rio em seu curso.

A utilização de nomes de animais, traço dos **zootopônimos**, pode ser também analisada segundo duas orientações: uma cognitiva (objetiva), que indica a presença cotidiana de tais animais nas imediações dos acidentes referidos; outra afetiva (subjetiva), que propõe relações metafóricas de analogia. Morro do Camelo e cachoeira do Leão são formas metafóricas, enquanto que as formas rio Mandassaia, cachoeira dos Pombos, morro das Araras, cachoeira das Andorinhas, cachoeira Capivara, poço do Pato, cachoeira Piabinha, morro da Arara e poço do Gavião podem estar associadas à fauna local.

As motivações socioculturais veiculam interesses a produções materiais ou imateriais do homem. Essas motivações estão distribuídas nas taxes: animotopônimos,

antropotopônimos, axiotopônimos, corotopônimos, cronotopônimos, ecotopônimos, ergotopônimos, etnotopônimos, dirrematotopônimos, hierotopônimos, hagiotopônimos, mitotopônimos, historiotopônimos, hodotopônimos, numerotopônimos, poliotopônimos, sociotopônimos e somatotopônimos.

Os **animotopônimos** parecem propícios às nomeações de ordem subjetiva, uma vez que estão relacionados aos produtos psíquicos do homem. As formas poço Encantado, cachoeira do Roncador, cachoeira Encantada, rio Coisa Boa, gruta do Impossível, cachoeira da Purificação, rio Roncador, cachoeira do Sossego, gruta da Paixão e cachoeira do Bocório indicam esse expediente de projeção das impressões humanas sobre o ambiente.

Os topônimos relativos a nomes próprios de pessoas comparecem em: morro da Mãe Inácia, gruta Manoel Ioiô, morro do Pai Inácio, poço Angélica, cachoeira Manoel Messias, cachoeira do Herculano, poço da Donana, gerais do Vieira, praia do Zaidã, cachoeira do Cardoso e cachoeira do Ramalho. A maioria destes **antropotopônimos** designa o lugar pelo nome de um morador ou de alguém com relação de algum modo mais próxima com o lugar, em uma regra comum na toponímia espontânea, ou seja, em denominações não encaminhadas por uma autoridade oficial.

Três são as ocorrências de **corotopônimos** – relativos a nomes de cidades, países, e afins: cachoeira da Conceição dos Gatos, topônimo relacionado a uma cidade da região; Mar de Espanha, relacionado a uma cidade de Minas Gerais; e cachoeira Sibéria, que remete à distante região russa.

A única amostra, no *corpus*, de um topônimo sob a forma de uma frase é o **dirrematotopônimo** cachoeira Bate Palmas. De caráter metafórico, o traço que parece unir as duas realidades é o sonoro, considerando o cair das águas sobre seu próprio poço e sobre eventuais rochas presentes.

A categoria dos **ergotopônimos**, que agrupa nomes relativos à cultura material, também pode apresentar formas mais metafóricas ou mais denotativas. No primeiro caso, pode-se considerar: rio Cumbucas, cachoeira Véu da Noiva, cascata Sandália Bordada, rio Toalhas, mirante Rampa do Caim, rio Garapa, praia da Peruca, gruta Torrinha, morro do

Castelo. Já riacho do Mel e cachoeira do Mel podem estar verdadeiramente relacionados a indicações objetivas, já que a região onde se encontram é muito conhecida pela produção de mel, sendo inclusive motivação do nome tupi da cidade: Iraquara, toca do mel.

Os topônimos morro do Pai Inácio, morro da mãe Inácia, gruta do Caboclo, gruta da Marota e cachoeira do Tibertino foram classificados como **etnotopônimo**. As designações *pai* e *mãe* comandam as motivações, porém, cabe observar que em morro do Pai Inácio, o personagem é lendário⁶⁶ – no sentido ficcional da palavra – e, em morro da Mãe Inácia, designação é estabelecida por homologia ao topônimo anterior, não havendo, contudo, lenda alguma que narre sua história.

As categorias que abarcam a esfera religiosa, ou o sobrenatural, resultaram na seguinte disposição: o rio Santo Antonio da Licurioba e poço do Diabo foram classificados como **hagiotopônimo** e mirante do Cruzeiro, como **hierotopônimo**.

Por fim, a taxa dos **numerotopônimos** traz os nomes: cachoeira das Três Barras, cachoeira dos Dois Braços (Iraquara), cachoeira Dois Braços (Palmeiras) e cachoeira Sete Quedas. Muito embora os elementos metafóricos venham a sugerir analogias com partes do corpo, o elemento que comanda a motivação é a numeração, pois denota uma característica de ordem física do acidente geográfico, a saber, a divisão perceptível de seus contornos. Os expedientes metafóricos atuam aqui acrescentando valores expressivos ao sentido numérico objetivo.

Com o trabalho de associação e análise dos topônimos a campos semânticos, considerado a partir das acepções contextualizadas das entradas lexicais correspondentes, evidenciam-se as motivações presentes nos signos toponímicos, e, conseqüentemente, o grau de interesse nas escolhas paradigmáticas empreendidas nas realidades geográficas, cujos nomes são objetos de estudo.

⁶⁶ A lenda do morro do Pai Inácio é apresentada na ficha lexicográfico-toponímica deste topônimo, no campo *Contexto*.

O TOPÔNIMO COMO ÍCONE

No contexto dos acidentes geográficos físicos, conforme verificado na análise realizada, as expressões onomásticas parecem apresentar, por meio de relação icônica, um vínculo entre o nome e o referente. Nesses contextos, o onoma em função toponímica tornaria mais transparente a semântica de seu significado, uma vez que intensificaria um efeito de sentido real.⁶⁷

Note-se que a aproximação do topônimo aos conceitos de ícone ou de símbolo, sugerida pela própria natureza do acidente geográfico, conforme o evidenciaram os exemplos referidos, vai pôr em relevo outra das características do onomástico toponímico, qual seja não apenas a identificação dos lugares, mas a indicação precisa de seus aspectos físicos ou antropoculturais, contidos na denominação. Dentro, assim, de uma teoria de comunicação toponímica, cujo objetivo deveria ser não apenas identificar acidentes a partir de um nome e, sim, correlatamente, o emprego de uma técnica discriminativa que os precisasse em sua situação geográfica, não parece haver dúvida de que tal nomenclatura atenderia, de maneira hábil, a esses fundamentos. Mesmo porque, através desses recursos, a mensagem emitida e consubstanciada no nome a ser interpretado atingirá plenamente os receptores. (DICK, 1987, p. 24)

Assim, a iconicidade toponímica é verificada quando o topônimo, em função icônica, descreve o acidente nomeado. O contexto turístico parece incorporar uma tensão paralela a essa relação icônica, pois sendo o topônimo sempre um traço cultural, o estudo toponímico estabelece, de fato, ligações com os campos histórico, geográfico, antropológico e sociológico, e a experiência proposta pelo turismo ecológico dá-se justamente pelo resgate e preservação de elementos presentes nesses mesmos campos correlatos. Essa experiência entre homem e ambiente é, nesse contexto, mediada, em muitos momentos, pelos signos toponímicos e pelos estímulos por eles suscitados. Nas relações icônicas, observa-se uma isotopia entre o referente e o nome, ou seja, o dado lingüístico emula, mediante certas

⁶⁷ DICK, *op. cit.*, 1987.

estratégias, traços do referente. Pierre Guiraud, recuperando o modelo funcional da comunicação, explora a natureza dos estímulos provocados nos processos de comunicação, de forma natural ou artificial:

“O signo é portanto um excitante – os psicólogos dizem um estímulo, cuja ação sobre o organismo provoca a imagem memorial de um outro estímulo; a nuvem evoca a imagem da chuva, a palavra evoca a imagem da coisa.” (GUIRAUD, 1972. p.15).

Guiraud coloca a função referencial como a base de toda a comunicação, uma vez que determina as relações entre a mensagem transmitida e o objeto ao qual se refere, por meio dela são estruturadas as idéias que visam dar conta da natureza do objeto. Contudo, no ato da comunicação, além de evidenciar traços inerentes ao objeto, o homem pode expressar sua subjetividade mediante uma reação ao objeto, projetando, assim, impressões particulares. Desse modo, essas duas funções configuram a dualidade que pode ser descrita, esquematicamente, da seguinte forma:

- função referencial: aspectos cognitivos, de natureza objetiva.
- função emotiva: aspectos afetivos, de natureza subjetiva.

No discurso científico, por exemplo, há um predomínio da função referencial, enquanto que, no discurso artístico, predomina a função emotiva. Essa seleção dos aspectos cognitivos ou dos aspectos afetivos ainda está presente, como uma espécie de espelhamento, na função conativa, ou injuntiva, que, a depender dos objetivos da mensagem, determinará se a ênfase da direção será a recepção cognitiva ou afetiva do destinatário. Cabe ressaltar que uma mesma mensagem lingüística pode mobilizar variadas funções, alternando-as ou mesmo combinando-as. De todo modo, é possível estabelecer dois grandes modos de comunicação, dentro dos quais os mecanismos das funções se realizam: um modo cognitivo (função referencial) e um modo subjetivo (função emotiva).

Se a motivação pode ser entendida como uma relação entre a coisa e o nome, desdobrada em uma relação entre significante e significado, observa-se que ela será analógica – se relacionada com a transferência de propriedades substanciais – ou homológica – se relacionada com a transferência de propriedades formais.

A analogia é uma representação, que ocorre em vários graus, segundo as propriedades comuns entre significante e significado. As relações analógicas transferem para o significado propriedades do significante. Nesse sentido, as estratégias de imitação visam emular a imagem do referente, e essa imagem, para a eficácia da comunicação, deve conter os elementos necessários à construção do sentido.

Ocorre que, em determinados casos, uma forma subjetiva pode atingir um alto grau de consenso e passar a caracterizar objetivamente seu referente. O vocábulo *olho-d'água* é hoje uma forma dicionarizada como sinônimo, em certo contexto, de *nascente* ou *fonte*. Observa-se claramente que tal designação surge como metáfora, relacionando *olho* à fenda de onde surge o curso d'água. A *nascente* era interpretada, subjetivamente, “como um olho d'água”. O reconhecimento social da validade dessa associação acaba por convencionalizar o vocábulo: *olho-d'água* é uma *nascente*. No *corpus* desta pesquisa, este vocábulo toponimiza-se em duas ocorrências.

Se, por um viés, os signos simbólicos são imotivados justamente devido ao alto grau de convenção estabelecida para a comunicação da idéia, por outro, os signos icônicos devem, necessariamente, apresentar uma motivação figurativa que de alguma forma, e em algum grau, represente a coisa designada. O topônimo, signo lingüístico, ao ser conduzido a esse nível de reflexão, exhibe, no entanto, a distinção peculiar que sua função no sistema da língua implica: o ato de nomear um lugar não escapa à motivação, quer o nome escolhido seja mais simbólico, quer seja mais icônico. Para exemplificar, pode-se imaginar uma rua batizada com o nome de alguém. A motivação pode ter um caráter de homenagem pura e simples, ou seja, o homenageado não precisa sequer ter nascido ou vivido em tal rua, nem ter tido qualquer espécie de vínculo com a localidade em questão. Contudo, percebe-se que ainda que o nome não represente traços do referente, há sempre uma motivação que orienta a nomeação, uma vez que a motivação é o principal traço distintivo do topônimo em relação às demais formas de língua em um sistema.

Se for possível verificar, no signo toponímico, evidências de um vínculo figurativo entre o nome e seu referente, ou seja, de traços que emulem o referente, tem-se o topônimo em função de ícone. Assim, as expressões onomásticas associadas a grutas, cachoeiras, morros e afins estimulariam associações mentais representativas de seus respectivos

referentes. Nesse contexto icônico, o signo toponímico funcionaria como uma representação do real. Esta representação pode se estabelecer em variados graus, de acordo com sua estrutura textual. O apontamento das características físicas de um referente, por seu grau de objetividade, realiza esta aproximação ao real de forma mais direta e evidente. Traços que descrevem tamanho, cor, forma etc. investem o topônimo de um caráter icônico, uma vez que estimulam imediatamente uma representação mental do referente, imagem que emula, em algum grau, sua realidade. (DICK, 1990)

De todo modo, em alguns casos, nos quais não é verificada a iconicidade toponímica, que implica a descrição objetiva de características do acidente (DICK, 1990, 366), as construções metafóricas podem estabelecer uma iconicidade de outra natureza (não uma iconicidade toponímica). Assim, como contraponto interessante à análise, a idéia de relação icônica pode ser um pouco mais explorada se o ícone for considerado, no plano das semelhanças, sobretudo como uma analogia.

Retomando a definição peirceana, o signo é um ícone quando percebido como uma semelhança, em algum grau, com a noção do objeto, por possuir ou representar algumas de suas qualidades, e tal relação pode ser estabelecida por analogia. Nesse aspecto, uma fotografia de satélite pode ser ícone de uma cidade tanto quanto um guia de ruas, pois ambos guardam, em diferentes graus, semelhanças com o referente que representam. Ullmann, em um contexto geral de língua, e não especificamente toponímico, aborda esta mesma abrangência dos signos icônicos:

Uma distinção de maior importância é a que existe entre os signos que têm semelhanças com aquilo que designam, e os que não têm. Os primeiros são por vezes chamados “icônicos” (do grego *eikon* “imagem”), enquanto que os outros são conhecidos por “convencionais”. A diferença entre os dois tipos é freqüentemente mais de grau que de espécie. “As fotografias, os retratos, os mapas, os roteiros, os modelos, são icônicos em alto grau; os sonhos, as pinturas que não sejam retratos, as partituras musicais, o cinema, o teatro, os rituais, os cortejos, a dança, o vestuário, o jogo e a arquitetura são icônicos em graus variáveis. (ULLMANN, 1964, p.38-39)

Observa-se, no trecho acima, que as representações icônicas podem estar presentes tanto em expressões referenciais (fotografias, mapas, modelos) quanto em expressões estéticas (cinema, teatro, dança), já que tais expedientes, cada qual com seus recursos peculiares, vinculam-se à mimese. Na intenção de comunicar uma idéia, ou um conceito, a designação de um nome reflete a dupla função da linguagem: cognitiva e expressiva. Uma nomeação cognitiva busca identificar um lugar em seus aspectos objetivos. Já uma nomeação expressiva visa identificar um lugar valorizando um determinado aspecto afetivamente. A questão da eficácia da comunicação está diretamente relacionada a esses expedientes de nomeação. Guiraud aponta que mesmo uma nomeação cognitiva, isto é, orientada para a descrição de características objetivas, pode valer-se de recursos figurativos de expressão, e coloca a metáfora, dentre outras figuras de linguagem, como uma das formas mais recorrentes de nomeação popular:

Um dos modos da nomenclatura cognitiva – como já se viu – é a mudança de sentido; damos a uma coisa um nome que já pertence a uma coisa com a qual a associamos: associação por similaridade das coisas na metáfora, associação por contigüidade na sinédoque e na metonímia. A metáfora constitui um dos modos constantes da nomenclatura dita popular. As plantas, os animais, e principalmente os instrumentos, trocam os seus nomes: o mar está cheio de cavalos, de cães, de anêmonas, de estrelas; o jardim está cheio de bocas-de-lobo, de línguas-de-sogra, de bolas-de-neve; e muito mais poderíamos citar, pés-de-cabra, criados-mudos, amores-perfeitos... O corpo humano é fonte de muitos dessas metáforas cognitivas: a cabeça de uma ponte, o pé de uma montanha, os dentes de uma serra, a boca de um rio, o braço de um guindaste, os pés de uma mesa etc. (GUIRAUD, 1972, p.65)

Estas transferências de sentido podem auxiliar na significação de idéias mais abstratas, mediante associações a elementos mais concretos que compartilham, em algum grau, traços semânticos. Podem, ainda, otimizar a comunicação, por meio do emprego de um vocábulo de maior ocorrência para designar operações de sentido similares. Ainda no âmbito do plano cognitivo, outras figuras de linguagem podem ser empregadas visando estratégias lingüísticas semelhantes. A metonímia, embora possa ocorrer com menor freqüência em relação à metáfora, também satisfaz esses expedientes de transferências de sentido, já que descreve a

apropriação de um nome segundo uma relação de contigüidade: efeito pela causa, matéria pelo objeto, continente pelo conteúdo, e afins.

Da mesma forma que ocorre no plano cognitivo, figuras de linguagem são empregadas nos processos expressivos para alcançar determinados efeitos de mudança de sentido também no plano afetivo. Mesmo traços objetivos podem ser estilizados para a obtenção de uma finalidade afetiva. O topônimo *Cachoeirinha*, além de denotar o tamanho do acidente geográfico, ou seu volume de água, poderia, hipoteticamente, conotar a delicadeza plástica de seus entornos na paisagem, ou seja, expressar uma apreensão estética. O topônimo *Morrão*, além de denotar as grandes dimensões de seu referente, poderia, também hipoteticamente, conotar uma imponência, uma majestade, diante do cenário formado em seu entorno. Nos exemplos citados, o uso de diminutivos e de aumentativos propicia tal comutação entre os planos cognitivos e expressivos da linguagem, sem que, necessariamente, sejam excludentes entre si:

A mensagem apresenta pois dois níveis de significação: um sentido técnico fundamentado num dos códigos; um sentido poético que é fornecido pelo receptor a partir de sistemas de interpretação implícitos e mais ou menos socializados e convencionalizados pelo uso. (GUIRAUD, 1973, p.60)

A constatação de orientações ora objetivas, ora subjetivas, na atribuição dos nomes aos lugares, remete ao modelo teórico de Jakobson e suas funções fundamentais, referencial (objetiva) e emotiva (subjetiva). O comentário de Guiraud sobre esse modelo aponta para a abrangência de sua aplicação:

As diversas funções [...] são recorrentes; encontramos-las misturadas em proporções diversas na mesma mensagem; sendo uma ou outra a dominante, segundo o tipo de comunicação. Características são, deste ponto de vista, as funções referenciais (cognitiva, objetiva) e a função emotiva (subjetiva, expressiva). Estes os dois grandes modos da expressão semiológica e que de tal modo se opõem antieticamente que a noção de uma “dupla função da linguagem” se pode estender a todos os modos de significação. (GUIRAUD, 1973, p.18)

Ainda que a presença de aspectos conotativos e denotativos virtualizem uma multiplicidade de sentidos, em um dado contexto, apenas um sentido se atualiza. As conotações, então, servem à significação na medida em que complementam, expressivamente, o conceito em questão:

A linguagem [...] tem uma função lógica ou cognitiva, ela serve para a comunicação de conceitos, evocando no espírito do interlocutor as imagens que se formam em nosso próprio espírito. Mas essa comunicação nocional, que é a finalidade da ciência ou do conhecimento lógico, só é indiretamente a finalidade da comunicação social, que é essencialmente volitiva: comunicamos nossos pensamentos com o fim de obter certas reações. A palavra não é a coisa, e ela só evoca indiretamente, como através de uma tela, já que é a própria coisa que tem a capacidade de nos comover. Eis porque a comunicação conceitual é acompanhada de gestos, de mímicas, de inflexões de voz que a reforçam, exprimindo naturalmente nossas emoções, nossos desejos, nossas intenções. (GUIRAUD, 1973, p.60)

No plano expressivo da linguagem, a designação de um nome implica projeções subjetivas, ou seja, o referente é designado segundo uma carga emotiva que provoca no espírito do denominador. Assim, o denominador registra, na forma onomástica, valores que agregam nuances semânticas ao sentido. Cabe ressaltar que a fixação de um topônimo, sobretudo nos casos de nomeação espontânea, está vinculada à aceitação da comunidade. De modo que, ainda que tenham um matiz afetivo em sua origem, essas escolhas tendem a fazer parte de um ideário coletivo, cuja comunhão de valores acaba por endossar também as nomeações de cunho expressivo ou subjetivo. Muito embora as referências estéticas variem de cultura para cultura, de época para época, é possível perceber, em contextos mais extensos ou mais localizados, de acordo com o tema, contornos sociais que buscam situar, por exemplo, uma idéia de beleza, uma idéia de amor, enfim, balizas culturais que exercem a função de espelhamento dessas noções subjetivas, ou mesmo de fornecimento de modelos ou padrões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste estudo de caso foi a de examinar 108 topônimos, relacionados a sítios turísticos da Chapada Diamantina, analisando seus mecanismos motivadores, e verificando o grau de aproximação destes topônimos ao conceito de ícone (DICK, 1990). Para tanto, procurou-se sistematizar, e relacionar entre si, obras que estão no escopo do tema tratado, de forma a fundamentar o discurso acerca das questões que envolvem a iconicidade toponímica. Foram recuperados os contextos geográficos e históricos, para subsidiar a reflexão acerca da experiência local do homem em relação ao espaço e ao tempo, apresentando, assim, o ambiente, que projeta no léxico seus aspectos físicos e socioculturais. O *corpus* foi organizado, classificado e analisado, seguindo o método do ATB, de Dick.

No exame realizado, verificou-se esse mecanismo de associação icônica direta, ainda que mediada por certa gradação, em: ribeirão de Cima, ribeirão do Meio, ribeirão de Baixo, morro Branco, rio Una, rio Preto, poço Azul, gruta Azul, poço Verde, Cachoeirinha, Riachão, Morrão, cachoeira das Raízes, cachoeira do Palmital, vale do Capão, cachoeira do Agreste, cachoeira da Canabrava, cachoeira do Licuri, vale do Paty, cachoeira Matinha, rio Timbozinho, gruta da Lapinha, gruta da Lapa Doce, gruta da Lapa do Bode, gruta Buraco do Cão, Serrano, cachoeira dos Funis, rio Invernada, cachoeira do Buracão, cachoeira da Várzea do Canto, rio Paraguaçu, cachoeira do Riachinho, Olho d'Água, nascentes Olhos d'Água, pantanal do Marimbus, gruta da Lagoa Preta, gruta do Riachinho, mirante do Paraguaçu, salão de Areia, gruta da Caieira, córrego de Pedra, gruta Pratinha, rio Espalhado, riacho do Mel, cachoeira do Mel, mirante do Cruzeiro, cachoeira das Três Barras, cachoeira dos Dois Braços (Iraquara), cachoeira Dois Braços (Palmeiras) e cachoeira Sete Quedas.

Nos topônimos listados, a descrição estimulada quando não aponta para traços objetivos do acidente geográfico, caracterizando o grau mais direto, aponta para traços também objetivos de seu entorno próximo, realizando a localização e a caracterização icônica de seu referente. Nestes signos toponímicos, quando há algum recurso metafórico, este concorre de forma secundária, cedendo expressividade ao elemento denotativo principal (como em gruta Buraco do Cão). Assim, um rio pode ser nomeado, objetivamente, motivado pela cor de suas águas de tal sorte que privilegie, dessa maneira, um foco – no sentido mesmo

fotográfico – mais aproximado; ou ainda, esse mesmo rio pode ser nomeado, objetivamente, motivado pela presença de certa vegetação em suas margens, mas, desta vez, a privilegiar um foco mais afastado. Em ambos os casos, trata-se de uma reprodução icônica.

Já em casos como cachoeira do Bom Jardim, cachoeira do Mosquito, rio Mandassaia, cachoeira dos Pombos, morro das Araras, cachoeira das Andorinhas, cachoeira Capivara, poço do Pato, cachoeira Piabinha, morro da Arara, poço do Gavião, cachoeira da Conceição dos Gatos, as referências são mais esparsas, sob risco de serem tão somente hipotéticas, de forma que não cabe aqui o reconhecimento de uma iconicidade toponímica propriamente dita.

Outros signos toponímicos estudados, pelas associações extrínsecas à realidade própria do referente, escapam a uma natureza icônica de representação: poço Halley, cachoeira da Primavera, morro da Mãe Inácia, gruta Manoel Ioiô, morro do Pai Inácio, poço Angélica, cachoeira Manoel Messias, cachoeira do Herculano, poço da Donana, gerais do Vieira, praia do Zaidã, cachoeira do Cardoso, cachoeira do Ramalho, Mar de Espanha, gruta do Caboclo, gruta da Marota, cachoeira do Tiburtino e rio Santo Antonio da Licurioba.

Os topônimos que, sob análise, apresentaram traços mais metafóricos são: morro do Camelo, cachoeira do Leão, poço Encantado, cachoeira do Roncador, cachoeira Encantada, rio Coisa Boa, gruta do Impossível, cachoeira da Purificação, rio Roncador, cachoeira do Sossego, gruta da Paixão, cachoeira do Bocório, cachoeira Sibéria, cachoeira Bate Palmas, rio Cumbucas, cachoeira Véu da Noiva, cascata Sandália Bordada, rio Toalhas, mirante Rampa do Caim, rio Garapa, praia da Peruca, gruta Torrinha, morro do Castelo, cachoeira da Fumacinha, cachoeira da Fumaça e poço do Diabo.

A comparação dos traços de ambos os objetos que sustentam a metáfora sugere um estímulo icônico na sua decodificação, e apontam, em algum grau, para traços objetivos do referente: morro do Camelo (analogia com a forma), cachoeira do Roncador (analogia com o som), cachoeira Encantada (analogia com a imagem), cachoeira do Bocório (analogia com som), cachoeira Sibéria (analogia com a temperatura), cachoeira Bate Palmas (analogia com o som), rio Cumbucas (analogia com a forma), cachoeira Véu de Noiva (analogia com a imagem), cascata Sandália Bordada (analogia com a imagem), rio Toalhas (analogia com a imagem), rio Garapa (analogia com a cor), morro do Castelo (analogia com a forma),

cachoeira da Fumaça (analogia com a imagem), poço do Diabo (analogia com a profundidade).

Observando estas reflexões a respeito dos contextos icônicos em manifestações do plano expressivo, veiculadas especialmente por figuras de linguagem, sobretudo pela metáfora, ainda que pareça ser possível aproximar designações de ordem subjetiva ao conceito de ícone, verifica-se que tal expediente não é suficiente para caracterizar uma iconicidade toponímica, uma vez que o traço objetivo do referente não é alcançado de forma imediata. Contudo, pode-se considerar um outro nível de relação, mais sutil e indireto. Nesses casos de transferência de sentido, a evidência do fator de semelhança entre os dois objetos (referente e nome) tornaria possível uma associação imagética indireta, revelando um aspecto icônico apenas relativizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Paulo O. D. de *Inventário de proteção do acervo cultural da Bahia: monumentos e sítios da Serra Geral e da Chapada Diamantina*. Salvador: Secretaria da Indústria e do Comércio, 1980.
- BAHIATURSA/ PRODETUR-BA. *Programa de Desenvolvimento Turístico da Chapada Diamantina*. Salvador: URPLAN, s.d.
- BARROS, Diana Luz Pessoa. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1994.
- BARTHES, Roland. *A aventura semiológica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- Elementos de semiologia*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria lingüística (lingüística quantitativa e computacional)*. Rio de Janeiro: LTC, 1978.
- CALMON, Pedro. *História da Bahia*. São Paulo: Melhoramentos, s.d.
- CASSIRER, Ernest. *Linguagem e mito*. 2ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s/d.
- DAUZAT, Albert. *Les noms de lieux*. Paris: Delagrave, 1932.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Aspectos de etnolingüística – a toponímia carioca e paulistana – contrastes e confrontos. In: *Revista da USP*, São Paulo: 2003, n. 56, p. 180-191.
- Caminho das águas, povos dos rios: uma visão etnolingüística da toponímia brasileira. In: *I Encontro Nacional do Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste (GELCO), 2001, Campo Grande*. Anais do I ENPROL. Campo Grande, 2001. p. 80-81.
- Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In: Aparecida Negri Isquierdo; Maria da Graça Krieger. (Org.). *As ciências do léxico*. 1 ed. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2004, v. II, p. 121-130.
- Métodos e questões terminológicas na onomástica. Estudo de caso: o atlas toponímico do estado de São Paulo. In: *Investigações: lingüística e teoria literária*. Recife: UFPE, 1999
- Toponímia e antroponímia no Brasil – coletânea de estudos*. 3ª. Ed., São Paulo: FFLCH/ USP, 1992.

A motivação toponímica e a realidade brasileira. São Paulo: Arquivo do Estado/ Governo do Estado de São Paulo, 1990.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso.* São Paulo: Contexto, 1994.

FUNCH, Roy. *Um guia para a Chapada Diamantina.* Cruz das Almas: Nova Civilização, 2002.

Chapada Diamantina: uma reserva natural. Salvador: Bureau Gráfica e Editora, 1982.

GUIRAUD, Pierre. *A semântica.* São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

A semiologia. Lisboa: Presença, 1973

GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o sentido.* Petrópolis: Vozes, 1975.

LAKOFF, G. y JOHNSON, M. *Metaforas de la vida cotidiana.* Madrid: Cátedra, 1995.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

MALINOWSKY, Bronislaw. *Uma teoria científica da cultura.* Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. *Cem anos de solidão.* Rio de Janeiro: Record, 1981

MORAES, Walfrido. *Jagunços e heróis: a civilização do diamante nas lavras da Bahia.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

NÖTH, Winfried. *A semiótica no século XX.* São Paulo: Annablume, 1999.

Panorama da semiótica: de Platão a Peirce. São Paulo: Annablume, 1998.

OGDEN, C.K. E RICHARDS, I.A. *O significado de significado – um estudo da influência da linguagem sobre o pensamento e sobre a ciência do simbolismo.* Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica e filosofia.* São Paulo: Cultrix, 1972

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

SAMPAIO, Teodoro. *O rio São Francisco e a Chapada Diamantina.* São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANTOS, Milton. *O povoamento da Bahia: suas causas econômicas.* Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1948.

Técnica, espaço, tempo. Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: 1994

SAPIR, Edward. *Linguística como ciência: ensaios.* Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969

SAUSURRE, Ferdinand. *Curso de linguística geral.* São Paulo: Cultrix, 1972.

SOUZA, B. J. *Onomástica geral da geografia brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1927.

SPIX, Johann von e MARTIUS, Carl Friedrich Philip von. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ EDUSP, 1981.

Através da Bahia. 3^a. ed. São Paulo: Nacional, 1938.

TEIXEIRA, Wilson e LINSKER, Roberto (org.) *Chapada Diamantina: águas no sertão*. São Paulo: Terra Virgem, 2005.

ULMMANN, Stephen. *Semântica. Uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1964.

ANEXO - Material fotográfico.

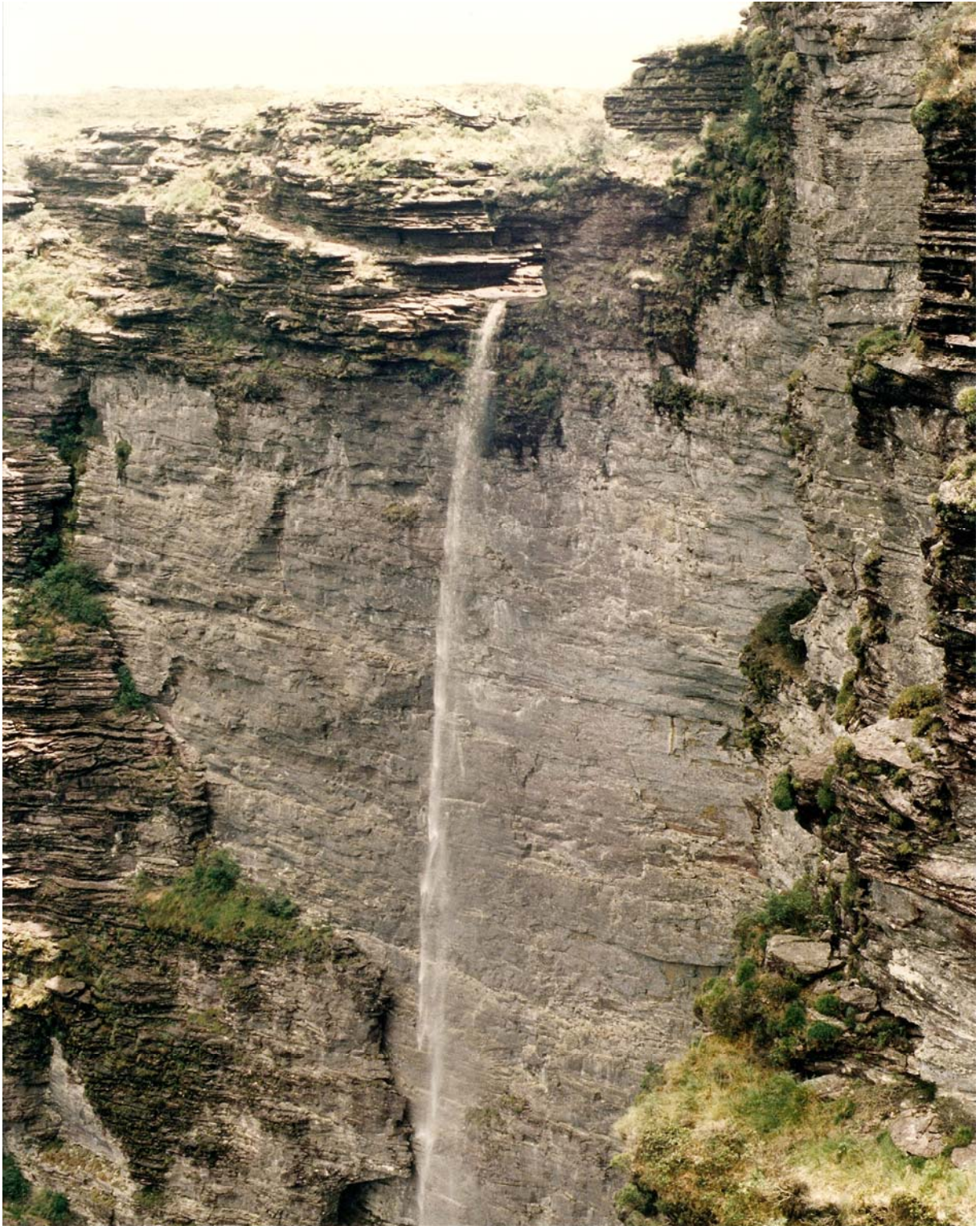


Figura 1: cachoeira da Fumaça. (FICHA 90)



Figura 2: ribeirão do Meio. (FICHA 58)



Figura 3: poço Halley. (FICHA 52)



Figura 4: salão de Areias. (FICHA 64)



Figura 5: morro Branco. (FICHA 96)



Figura 6: gruta do Lapão. (FICHA 49)



Figura 7: Morrão. (FICHA 105)



Figura 8: morro do Pai Inácio. (FICHA 100)



Figura 9: morro do Camelo. (FICHA 97)



Figura 10: gruta Azul. (FICHA 23)



Figura 11: poço Encantado. (FICHA 40)